

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**VOLTA REDONDA E A POLÍTICA PÓS-PRIVATIZAÇÃO DA COMPANHIA
SIDERÚRGICA NACIONAL**

DANIEL DE FREITAS MOURA

RIO DE JANEIRO

2013

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia

Volta Redonda e a política pós-privatização da Companhia Siderúrgica Nacional
Daniel de Freitas Moura

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Ramalho

Rio de Janeiro
Maio de 2013

Daniel de Freitas Moura

Volta Redonda e a política pós-privatização da Companhia Siderúrgica Nacional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

Prof. _____

Dr. José Ricardo Ramalho (Presidente) - PPGSA / IFCS / UFRJ

Profa. _____

Dra. Karina Kuschnir - IFCS / UFRJ

Prof. _____

Dr. Raphael Jonathas da Costa Lima - UFF / VR

Rio de Janeiro

Maio de 2013

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo discutir a emergência de uma "nova" elite política no município de Volta Redonda (RJ) tendo como pano de fundo o processo de privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1993. Trata-se de um contexto de (re) definição da cidade e do espaço político local com a ascensão e fortalecimento de novos personagens políticos, a partir da eleição da "Frente Popular" em 1992, aliança que governou por três mandatos consecutivos e imprimiu novas marcas no relacionamento da cidade com sua principal empresa. Especial atenção será conferida à trajetória pessoal e política do primeiro prefeito dessa nova "era", Paulo Baltazar, por trata-se de exemplo elucidativo da formação de um quadro político produto dessa conjuntura.

Palavras-chave: Volta Redonda, política, CSN, eleição, privatização, 1993.

ABSTRACT

This dissertation aims to discuss the emergence of "new" political elite in the city of Volta Redonda (RJ) in a background of the privatization process of the Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) in 1993. It is a context of (re) definition of the city and the local political space with the rising and strengthening of new political figures from the election of the "Frente Popular" in 1992, a political alliance that ruled for three consecutive terms and printed new brands in the relationship of the city with its main enterprise. Special attention will be given to personal and political trajectory of the first mayor of the new "era", Paulo Baltazar, because it is an instructive example of the formation of a political product of that conjuncture.

Key words: Volta Redonda, politics, CSN, election, privatization, 1993.

Para mamãe,
com todo amor do mundo.

AGRADECIMENTOS:

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha mãe Angela e a meu pai (*in memoriam*) Geraldo. O amor e o apoio incondicional de vocês são os meus maiores estímulos. Agradeço também ao meu irmão Bruno, sempre com nossos "debates democráticos e republicanos", e ao Felipe, que sempre fez questão de me mostrar a beleza do estudo e da ciência. À Karen por todo amor, companheirismo e paciência mesmo nas horas mais difíceis no curso dessa longa e sinuosa estrada.

Gostaria de dedicar um agradecimento muito especial ao professor José Ricardo Ramalho que desde o meu segundo período da graduação sempre me depositou muita confiança. Sua paciência, gentileza, generosidade e elegância cotidianas foram fundamentais para a construção desse trabalho e para minha formação acadêmica e humana. Sou muito grato a cada elogio, motivação e apontamentos de erros e limites.

Aos colegas da pesquisa "Desenvolvimento regional, indústria automobilística e relações de trabalho" que certamente foram fundamentais para a realização desse trabalho. Em especial aos companheiros Renan Elísio, Pedro Maron, Luna Campos, Paulo Roberto, Márcia Barroso, Igor Peres e Paula Jatahy. Agradeço também aos sempre solícitos Rodrigo Santos, Sérgio Pereira, Marina Cordeiro, Gustavo Bezerra, Sabrina Dias e Raphael Lima, que tive o prazer especial de tê-lo na minha banca de avaliação.

Um "muito obrigado" a Angela Maria Dias da Rocha por seu carinho e amor maternal que sempre compartilhou conosco. Ao professor Marco Aurélio Santana que me proporcionou o prazer de participar do NETS, de vários grupos de debates teóricos e abriu inúmeras oportunidades para mim. Cada aula, textos e as conversas foram fundamentais para a minha formação. Muito obrigado Marco.

Aos professores do PPGSA que foram extremamente importantes para a minha formação acadêmica. Muito obrigado à professora Karina Kuschnir pelos apontamentos durante meu exame de qualificação e também no curso de antropologia ainda na graduação. Um agradecimento especial aos professores Charles de Freitas Pessanha, Paulo Rogério dos Santos Baía, Maria Lígia de Oliveira Barbosa e Pedro Paulo Oliveira. Obrigado também a professora Maria Celina D'Araújo. Agradeço também a todos os funcionários do IFCS que fazem desse prédio um excelente local para se estudar sociologia.

À Claudinha, Denise e Verônica pela paciência, compreensão e trabalho. Sempre facilitando nossa vida e corrigindo nossos erros.

À minha amada amiga Gabriela Kronemberger e ao meu grande amigo Gabriel Kubrusly pelas conversas, conselhos, ensinamentos e amizade. A companhia de vocês por si só já fez valer a pena minha passagem pela UFRJ.

À minha amiga Luanda Lima, companheira de todos os momentos. Sua ajuda, amizade e conversas foram e são fundamentais para mim.

À minha grande amiga Verena Costa que teve muita paciência com minha ausência e sempre esteve do meu lado. À Stephanie Bustamante, à Maria(na) Vieira e ao Gabriel Signorelli.

Ao Eduardo Ângelo e ao Andre Franklin pelas valiosas contribuições. Aos companheiros de mestrado e de graduação, especialmente à Danielle Oliveira, Raquel Gomes, Marcelo Ribeiro, Eduardo Lacerda e Cristiane Cândido. À Alice Ewbank, Ana Carolina Duarte, Mariana Rosa, Eliel Barberino, Mirna Claros, Juliana Marques, Juliana Rocha, Fernanda Santos e Lucas Bilates. Aos amigos das antigas, Thiago Maia, Thiago Duarte, Felipe Nagae e Daniele Menezes.

Devo um agradecimento especial aos meus familiares, aqui representados pela Rosangela, Thiago e Roberta Brito, além das minhas avós Jadir e Madalena.

Gostaria de agradecer a todos os entrevistados e colaboradores em Volta Redonda pela compreensão e pela contribuição com esse trabalho. Um agradecimento especial deve ser direcionado a Lincoln Botelho. Além das entrevistas e contatos, nossas conversas foram fundamentais para a realização desse trabalho.

Ao CNPq e à FAPERJ pelo apoio financeiro fundamental para a realização da pesquisa. A todos os professores da Escola Municipal Francisco Cabrita e Escola Técnica Estadual Ferreira Viana que se esforçam por uma educação pública de qualidade. A todos e a todas que de alguma forma contribuíram para esse trabalho.

Por último, gostaria de agradecer ao velho e sábio Polém Jr.

Lista de Ilustrações

Figuras

Figura 1: Mapa de Volta Redonda e região Sul fluminense	18
Figura 2: Repercussão: área de segurança nacional	36
Figura 3: "Exército não quer polêmica com a Igreja"	40
Figura 4: Exército na CSN	50
Figura 5: Eleições 1988	53

Gráfico

Gráfico 1: Evolução da População de Volta Redonda 1940 - 2010.....	20
--	----

Tabelas

Tabela 1: Eleições Câmara Municipal de Volta Redonda 1982	44
Tabela 2: Eleições Prefeitura de Volta Redonda 1985	44
Tabela 3: Demissões na CSN	58
Tabela 4: Eleições Prefeitura 1992.....	63
Tabela 5: Eleições Prefeitura 2004.....	95
Tabela 6: Eleições Prefeitura 1996.....	100
Tabela 7: Eleições Prefeitura 2000.....	102

Anexos

Anexo 1: CSN no "centro" da cidade	113
Anexo 2: Estátua de Vargas na Praça Brasil.....	114

Sumário

Resumo	IV
Abstract	V
Capítulo 1: Introdução	1
Justificativa teórica e metodologia	2
Pesquisa e trabalho de campo	14
Capítulo 2: Volta Redonda e a CSN: A Cidade do Aço	19
A Cidade e seu contexto político.....	19
Emancipação, expansão e a "cidade não planejada"	31
A Igreja Católica e o Bispo	38
Eleições de 1985: Marino Clinger prefeito	42
O Sindicato dos Metalúrgicos e a Greve de 1988	45
A privatização do aço da cidade.....	56
Capítulo 3: O Contexto Político de Volta Redonda no pós-1993.....	61
Paulo Baltazar e a "Frente Popular": a prefeitura da cidade	61
Baltazar, Cida Diogo e a aliança com o PT	70
Lincoln Botelho e o planejamento.....	83
O "resgate" da cidade	92
A "Frente Popular" se consolida: as eleições de Antônio Francisco Neto	97
Capítulo 4: Considerações Finais	107
Anexos	113
Referências Bibliográficas	115
Lista de Entrevistas.....	121

Capítulo 1: Introdução

Essa dissertação tem como objetivo discutir a emergência de uma "nova" elite política no município de Volta Redonda (RJ) tendo como pano de fundo o processo de privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1993. Trata-se de um contexto de (re) definição da cidade e do espaço político local com a ascensão e fortalecimento de novos personagens políticos, a partir da eleição da "Frente Popular" em 1992, aliança que governou por três mandatos consecutivos e imprimiu novas marcas no relacionamento da cidade com sua principal empresa. Especial atenção será conferida à trajetória pessoal e política do primeiro prefeito dessa nova "era", Paulo Baltazar, por trata-se de exemplo elucidativo da formação de um quadro político produto dessa conjuntura.

A proposta é descrever e analisar o contexto sociopolítico que permitiu a ascensão desses "novos" personagens, tendo como referência histórica a criação de Volta Redonda e sua estreita relação com o surgimento da CSN nos anos 1940, e com esse embasamento identificar os laços e as redes políticas estabelecidas, as trajetórias percorridas com vistas a ocupar posições políticas, o modo como a dinâmica social específica da cidade influenciou atuações e as consequências para a estratégia dos partidos e dos políticos da região. Desta forma, pretende-se que a análise permita entender também o modo como os atores políticos utilizam suas biografias e conseguem converter aspectos de suas trajetórias e personalidades em capital político e eleitoral.

Essa dissertação está estruturada de forma a inicialmente discutir os motivos, o contexto e a metodologia utilizados e as principais questões a serem tratadas ao longo do texto. O segundo capítulo aborda o cenário que fundamenta as trajetórias dos políticos analisados, ou seja, a contextualização e os aspectos mais relevantes da história da cidade de Volta Redonda, e sua relevância industrial com a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), tendo como base uma literatura já existente sobre o tema.

O terceiro capítulo discorre sobre o contexto político da privatização da CSN e a eleição da "Frente Popular", com ênfase na trajetória política e de vida de Paulo Baltazar, prefeito de Volta Redonda durante os anos de 1993 e 1996.

Por fim, o quarto capítulo resume os principais resultados da pesquisa e as interpretações elaboradas a partir da análise dos dados empíricos recolhidos através do trabalho de campo.

Justificativa teórica e metodologia

Para efeitos da pesquisa, política está sendo entendida como tendo um duplo aspecto:

- (a) "com uma dinâmica própria, capaz de se produzir e reproduzir como complexo de relações" (Pereira, 2008), com suas regras, interesses, objetivos, posições e disposições próprias (porém sempre em disputas), que criariam "visões e divisões" do mundo social (Bourdieu, 2003);
- (b) como parte das demais relações sociais, ou seja, que tem relações (determinantes) com as outras "esferas" sociais.

Nesse sentido, portanto, o estudo de trajetórias de vida associadas a esse cenário político historicamente situado, implica em um quadro complexo, pelo fato da trajetória de vida de um pesquisado sempre comportar diversos momentos de "definição" de "origem social", ou mesmo interpretações e sempre apresentar múltiplas possibilidades de identificação. Em um indivíduo, as relações estão entrelaçadas, interdependentes e são contraditórias. Isso seria resultado de uma complexa rede de relações que os atores sociais participam e "tecem" ao longo de suas trajetórias (Elias, 1994). A opção metodológica pela análise de trajetórias a partir do depoimento dos atores evita a escolha de antemão de quais relações foram mais importantes para determinadas posturas e posicionamentos políticos do indivíduo. Por conseguinte, o uso da história de vida em questão está relacionado a posições diferentes que os indivíduos ocupam ao longo dos anos. E a trajetória de vida ajuda a perceber os "históricos de posições" ocupadas por determinados indivíduos. (Bourdieu, 2006).

Falar de "política" pressupõe lutas e disputas, mas também que essas relações, da forma como são "tecidas" (ininterruptamente) criam uma "rede" de relações, em um sentido "reticular" e interdependente e resultam em "consequências não intencionadas do processo". (Elias, 1994). Essa rede, num sentido de "estruturação" dessas relações, confere posições diferentes e, portanto, poderes e possibilidades diferentes. E se dão em uma dinâmica entre atores diferentes, com poderes distintos e desiguais, portanto, assimétricas.

A luta política ocorre também em terrenos mais fluídos (isso não exclui uma estrutura, implica em um processo, em estruturação). Tanto é que é comum ver alianças "impensadas" em outros terrenos. Isso se daria por que o "campo" de disputas seria mais pragmático. É dessa forma que De Sardan (1995) propõe o uso instrumental da noção de "arena":

... é uma noção mais interativa e, também, mais política (...). Ela se refere a ação em uma escala menor e apresenta um entendimento mais nítido dos confrontos entre os próprios atores. Uma arena, como nós entendemos, é o espaço no qual conflitos reais entre atores sociais que se interagem ocorrem em torno de interesses comuns. (De Sardan, 2005: 190) - tradução do autor.¹

“Arena”, no sentido atribuído por este autor, implica na reunião de atores de categorias diferentes em uma relação direta ou indireta. Esses atores desenvolvem estratégias para agir. No caso do novo contexto, pós-privatização, que se formou na cidade de Volta Redonda e que contribuiu para o rearranjo das forças políticas locais, percebe-se a criação de uma nova "arena" política, com a participação de novos personagens e o estabelecimento de novas posições e possibilidades políticas.

Nem toda ação desses personagens são premeditados ou intencionais, mas parece útil nesse contexto analisar as consequências dessas ações e destacar as estratégias individuais, dando assim, valor a capacidade de agência - fruto de um

¹ "... is a more interactive notion, and also a more "political" one (...). It refers to action on a smaller scale and presents a sharper awareness of the confrontations between actors themselves. An arena, as we understand it, is a space in which real conflicts between interacting social actors occur around common stakes (De Sardan, 2005: 190).

processo de socialização própria, uma "individualidade histórica", como na expressão de Weber. (Weber, 2004). Isto significa supor que o indivíduo não está agindo estratégica e "racionalmente" o tempo todo, e que a racionalidade é mais uma ferramenta de análise sociológica do que uma prática constante dos atores. (Weber, 2000).

O fato das principais fontes de pesquisa serem entrevistas realizadas com atores políticos locais permite uma abordagem que privilegia a pluralidade e polifonia das situações sociais. A análise dessas entrevistas propicia também a possibilidade de entender como esses personagens convertem recursos sociais em posições político-eleitorais, utilizando uma série de atributos e qualidades pessoais para se legitimar e se apresentar como mais bem preparados.

Em outras palavras, nessas lutas eleitorais não se trata de indivíduos enquanto tais que visam à legitimação, mas determinadas características parciais que podem se constituir em recursos presumidos como eleitoralmente relevantes. (Coradini, 2001:9).

Essa linha de interpretação teórica contribui para a "desnaturalização" dos discursos, posições, classificações, e, desta forma, explica como foram criados no jogo político e como isso reflete o contexto social local.

Trata-se da possibilidade de, através do exame dos princípios de classificação e legitimação em pauta, vislumbrar as próprias concepções de sociedade e de política que podem ser, pelo menos presumidamente, eleitoralmente eficazes em determinadas condições históricas e sociais. (Coradini, 2001:11).

Assim, é possível perceber como o ator político consegue atribuir para si características pessoais que eram vistas e valorizadas eleitoralmente. E entender como essa construção foi feita permite a compreensão do cenário político e das relações sociais envolvidas.

Para realizar a pesquisa nos guiamos por algumas questões:

a) A cidade, além de uma relação imbricada com a empresa, tem uma dinâmica de atuação de movimentos sociais, e a luta desses movimentos se tornam elementos

fundamentais da definição das relações sociais na cidade. É, portanto, plausível se esperar que isso influencie na dinâmica política da região, sejam nas pressões e conquistas, seja na formação de atores políticos relevantes, seja como referência de oposição?

b) Com a capacidade que esses movimentos historicamente tiveram de se mobilizar, é possível pensar que essa dinâmica favoreceu a emergência de setores de classes populares (ou pelo menos de setores antes afastados da cena política "formal" local)? Assim, principalmente a partir do processo de redemocratização, com o fim da ditadura militar de 1964 e o fim da intervenção federal em Volta Redonda, novos atores e "agendas" se incorporaram na vida política da cidade, e também figuras políticas mais tradicionais "adaptaram" seus discursos frente a essa nova realidade?

c) O processo de redemocratização, a crise econômica vivida pelo Brasil e por Volta Redonda, o processo de privatização da Companhia Siderúrgica Nacional foram fatores que favoreceram e exigiram o repensar da cidade nos seus aspectos econômicos, mas também políticos, simbólicos, organizacionais e sociais?

d) Outra questão está relacionada ao enfraquecimento dos partidos políticos na cidade ao longo do século 20, e na história política brasileira, e suas consequências para o campo político atual, tornando as relações pessoalizadas mais eficientes e relevantes na definição de "identidade" e do jogo político?

e) Partindo da premissa que um "novo" grupo chegou ao poder, o que isso significa para a cidade e as relações políticas constituídas?

Para abordar essas questões foi necessário acompanhar o noticiário local, efetuar entrevistas com líderes políticos, sindicalistas, trabalhadores, representantes de movimentos sociais e consultar e elaborar dados sobre a formação e histórico dos partidos locais, resultados eleitorais, entre outros dados. Utilizei também a metodologia da história oral para fazer entrevistas e obter informações sobre história de vida e trajetória política.

A contextualização da cidade pode ser entendida como uma "trajetória" da cidade, de sua dinâmica social e política e da relação entre o poder público local e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), assim como esse contexto contribuiu para forjar relações sociais específicas e suas modificações ao longo do tempo.

A análise de trajetórias de alguns personagens ajudou a entender essa dinâmica na cidade, como ela se constituiu a partir do olhar e testemunho de pessoas que passaram de uma maneira ou outra, pela história dessa relação entre cidade e empresa. Também foi importante para analisar os novos governos eleitos e entender as motivações e visões que esses personagens tiveram daquele momento. Suas atividades, sucessos, limites, interesses etc.

É importante levarmos em consideração que quando se trata de um tema polêmico e disputado como a política e se entra em contato com discursos políticos torna-se necessário entendê-los como localizados em função da posição dos sujeitos no cenário político. Além disso, é importante analisar essas biografias entendendo-as como constituídas e constituintes dessa dinâmica social de Volta Redonda.

É sabido que os depoimentos colhidos têm sempre incorporados um esforço para tornar a memória e a trajetória política positivas e organizadas em ordem cronológica. São, em sua maioria, construídos para representar uma determinada ideia que o agente político pretende que seja valorizada como importante. Os discursos são fundamentados em memórias construídas a partir de determinadas redes de interesses. E é por isso que devemos ter o cuidado de separar "piscadelas" de "piscadelas", a partir de uma abordagem que nos permita uma perspectiva mais "densa" dessa realidade social. (Geertz, 1989).

Nesse sentido, a bibliografia sobre "memória" nos permite analisar a construção desses discursos e cotejar com "mecanismos sociais que favorecem ou autorizam experiências como totalidade e coerência entre as relações estabelecidas". (Bourdieu, 2006).

Levar em conta a trajetória dos atores para analisar as redes e o contexto político significa que o sociólogo parte do princípio que a biografia individual tem fortes vínculos com a lógica do social, isto é, o "projeto individual" só opera por que estão em um "campo de possibilidades". (Velho, 1981). No caso em discussão, a ideia é discutir um fenômeno político a partir do ponto de vista que sugere que a lógica dessas relações sociais influencia na maneira em que o jogo da política é jogado pelos atores.

Nesse sentido, um dos elementos mais determinantes para a formação da estrutura política de Volta Redonda, suas mudanças ao longo do tempo e frente os "desafios" é a maneira que se enxerga e se entende a cidade e suas potencialidades - sua "vocaçãõ"² e sua "crise". É pensando nisso que me utilizo de contribuições de Pierre Bourdieu para refletir de que maneira essa construção influencia nas atividades práticas cotidianas da cidade e possibilita que atores ascendam ao poder público local.

Bourdieu (2003) considera que a realidade é, em primeiro lugar, representação, o que a torna dependente tanto do "conhecimento" quanto do "reconhecimento". Isso significa dizer que a realidade não existe "em si"³, com sentido já definido *a priori*, ela é cotejada através de representações e visões sobre essas representações. Para este autor, é a partir dessas questões que os conceitos "objetivos" são, na verdade, fruto de lutas e disputas pelas classificações e pela legitimidade de classificar. Assim, as categorias mais "objetivas" são expressão das disputas que ocorrem entre agentes e ou grupos. Essas classificações "objetivas" da vida real, portanto, são representações de disputas políticas e que tem princípios de construção socialmente formulados. Uma das

² "Vocaçãõ" é uma das palavras mais usadas pelos entrevistados e pelos moradores da cidade para explicar as potencialidades "naturais" da cidade de Volta Redonda.

³ Ou pelo menos não podemos acessar sua "essência". Segundo Weber, "ocorre que tão logo tentamos tomar consciência do modo como se nos apresenta imediatamente a vida, verificamos que se nos manifesta, "dentro" e "fora" de nós, sob uma quase infinita diversidade de eventos aparecem e desaparecem sucessiva e simultaneamente. E a absoluta infinidade dessa diversidade subsiste, sem qualquer atenuante de seu caráter intensivo, mesmo quando prestamos a nossa atenção, isoladamente, a um único objeto – por exemplo, uma transação concreta- e isso tão logo tentamos sequer descrever de forma exaustiva essa "singularidade" em todos os seus componentes individuais, e muito mais ainda quando tentamos captá-la naquilo que tem de casualmente determinado. Assim, todo o conhecimento reflexivo da realidade infinita realizado pelo espírito humano finito baseia-se na premissa tácita de que apenas um fragmento limitado dessa realidade poderá constituir de cada vez o objeto da compreensão científica, e de que só ele será "essencial" no sentido de "digno de ser compreendido". (Weber, 2001: 88)

principais características dessas representações é que elas são eficazes, isto é, são performáticas, têm a capacidade de realizar aquilo que estão enunciando. É a "força do sentido", como aponta Micelli (1994).

Isso quer dizer que o ator político tem a capacidade e disputa a possibilidade de determinar qual é a representação "correta" sobre a cidade e seus acontecimentos. O mesmo ocorre em relação à construção e a representação de sua biografia, o que significa dizer que ao construir a cidade de tal maneira, ele influencia também na posição dos atores na cena política. Isto é, a ideia de que cidade precisava se "reconstruir" fez com que o contexto político da cidade permitisse novas posições e "agendas" entrassem "na pauta do dia". Ou seja, o "campo de possibilidades" construído através do contexto histórico e dessas relações (e suas representações) permitiu que novos personagens surgissem como candidatos aptos a ocuparem esses espaços.

A partir disso, entendendo a capacidade do discurso político ser performático, se faz necessário compreender o que significa a "trajetória" de vida, biografia e sua construção.

Segundo Bourdieu (2006: 183), a história de vida é entendida pelo senso comum como um trajeto linear:

(...) a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas (Hércules entre o vício e a virtude), seus ardis, até mesmo suas emboscadas (Jules Romains fala das "sucessivas emboscadas dos concursos e dos exames"), ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a 'mobilidade'), que tem um começo ('uma estreia na vida'), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade ('ele fará seu caminho' significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história. (Bourdieu, 2006, 183).

Desta forma, a vida é entendida como um "todo", um conjunto coerente e orientado através de uma ordem cronológica e lógica dos fatos: um início, um meio e um fim (destino, objetivo e tempo).

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação em dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo **retrospectiva e prospectiva**, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. (Bourdieu, 2006, 183). Grifos meus

Sendo assim, segundo este autor, essas sequências lógicas ganham sentido em função da representação que se faz e/ou se quer fazer da realidade social. No caso de um relato da própria vida feita por um sujeito que disputa posição no cenário político, é ainda mais flagrante a construção desses sentidos. O ator em questão seleciona acontecimentos significativos para sua intenção e estabelece conexões entre eles para dar coerência. O mesmo é feito com "características" pessoais.

Entretanto, para Bourdieu (2006), o "real" é algo descontínuo. Essa aparente continuidade é, portanto, fruto de representações e construções interessadas dessa história de vida mediante coerência nas relações entre os fatos estabelecidos. Portanto, "tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio" (Bourdieu, 2006:189) seria um absurdo, um erro que ignoraria a construção desse sentido.

Ou seja, para não cair na "ilusão" da biografia, teríamos que entender o contexto de criação dessa biografia e a relação entre as posições ocupadas e os sentidos formulados:

O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (...) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado. O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontado com o mesmo espaço dos possíveis. Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de *superfície social*, como descrição rigorosa da *personalidade* designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto das posições simultaneamente

ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos. (Bourdieu, 2006: 190).

O objetivo desse trabalho não é, portanto, "reconstruir" biografias e sim, entender como elas foram construídas como método para captar a dinâmica política e social da cidade de Volta Redonda no período em destaque. Nesse sentido, a escolha dessa metodologia tem também a ver com o fato dos dados estatísticos ou quantitativos não fornecerem informações suficientes para uma análise a partir dos preceitos propostos.

A história oral e a biografia sobre memória são, portanto, elementos importantes no desenvolvimento desse trabalho. Michael Pollak (1992) também traz reflexões importantes sobre memória e a metodologia no sentido de entender a memória, que parece ser individual, como fruto de uma construção coletiva e das conseqüentes lutas e disputas sociais. Entretanto, há aqueles pontos "irredutíveis" que a vida social "solidificou" e que fazem parte da "essência" da pessoa, isto é, a memória é construída e tem a capacidade, como vimos com Bourdieu, de construir a realidade que ela enuncia.

Para Pollak, existem alguns elementos que são constitutivos da memória. O primeiro deles seriam aqueles vividos pessoalmente e o segundo, os "vividos por tabela", "ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer" (Pollak, 1992: 201). É uma memória que se herda em função da "socialização política e ou histórica".

Nesse mesmo sentido, a memória também é constituída por pessoas e personagens, podendo ser personagens realmente encontrados na vida, ou personagens "por tabela" que nem mesmo pertenceram ao mesmo espaço-tempo da pessoa. O mesmo ocorre para os "lugares".

A memória é construída de forma diferente por pessoa em diferentes posições, assim ele afirma, por exemplo, que um homem "público" tende a ter suas memórias mais associadas com datas e eventos públicos. Segundo ele, "se fizemos entrevistas com

personagens públicas, a vida familiar, a vida privada, vai quase que desaparecer do relato. Iremos nos deparar com a reconstituição política da biografia, e as datas públicas quase que se tornam datas privadas". (Pollak, 1992: 203).

Isso, entretanto, não significa uma "falsidade" ou uma manipulação. Seria fruto da própria posição:

É claro que não podemos interpretar isso exclusivamente como uma espécie de sobre-construção política da personagem. Pode ocorrer de fato que essas coações da vida pública, como, por exemplo, o tempo disponível, levem uma pessoa, a partir de um certo momento de sua vida, a reduzi-se praticamente à personagem pública, à representação dessa personagem. (Pollak, 1992: 203).

Outra característica importante da memória é que ela é "seletiva", isto é, nem tudo fica "registrado", portanto ela é variável de acordo com a significação dada a ela. Sendo assim, "as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória" (Ibidem: 204). Por isso mesmo, a memória é um objeto em disputa constante. Ou seja, entender a memória e sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento significa dizer, segundo Pollak, que a memória é um fenômeno construído. Portanto, entender a construção dela é essencial para entendermos o contexto de análise.

No caso da pesquisa, percebe-se que a memória e a construção da trajetória são elementos constituinte do sentimento (e das representações) de identidade e pertencimento, tanto individual como coletiva. Isto é, a forma como o ator político constrói sua trajetória indica e "cria" uma maior ou menor associação com um grupo ou uma situação que lhe atribui valor eleitoral eficaz. Essa reconstrução de si, interessada, é fundamental na associação daquele personagem e das possibilidades no cenário político. Desta forma, vimos como que uma imagem associada ao "não político", ao "diferente", ao "médico" em oposição aos nomes "tradicionais" da política local foram elementos que conferiram valor político eleitoral aos candidatos em questão.

Nos casos analisados, percebe-se a participação da Igreja na formação de lideranças, mas percebemos também a capacidade de alguns atores políticos em converter sua "origem" cristã em capital político.

Segundo Coradini (2001: 123),

Nas últimas décadas esse catolicismo passou por uma série de bipolarizações e lutas internas, em relação às quais um dos polos se caracteriza por uma reinterpretação teológica com base em determinadas filosofias sociais do significado das relações com a "política".

Isso teria, formado muitas lideranças políticas "oriundas de organizações católicas (...) particularmente no sindicalismo, nos movimentos sociais e, por extensão, no militância partidário" (Ibidem: 124). Essa dinâmica teria favorecido uma forte presença do catolicismo nos "movimentos" e resulta, como no caso da pesquisa, em candidatos que utilizam essa vinculação com o catolicismo como "trunfo eleitoral". As entrevistas realizadas em Volta Redonda revelam o momento em que os agentes fazem um esforço para identificar suas passagens por "instituições educacionais e ou 'movimentos' promovidos e ou apoiados por agentes religiosos". (Ibidem: 124).

No caso dos candidatos à prefeitura analisados, muito particularmente Paulo Baltazar, se revela como souberam e tiveram êxito em destacar aspectos de sua "trajetória" e de sua personalidade como forma de proporcionar ganhos eleitorais em um contexto construído e entendido como de "crise" e que, portanto, precisava de algo "novo", de "cuidados", de alguém que não fosse "político", mas que conhecesse os problemas da cidade, que os "vivenciou".

Essa construção, entretanto não é aleatória ou voluntarista. Ela é feita em meio às disputas (políticas, no caso). É relacional, portanto. O fato de ela visar uma eficácia eleitoral é um indicativo que não está apenas circunscrita ao indivíduo, mas relacionada aos outros, aos seus próprios valores, à sua rede, à elite partidária, ao eleitorado e etc.

"Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudanças, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com outros. (Pollak, 1992: 204).

A construção da memória tem também um caráter subjetivo (ou intersubjetivo se entendermos como relacional) uma vez que fatos iguais são sempre vivenciados de modo diferente. Ela dependerá tanto da maneira que se representa como da maneira com que se quer que seja representada. Essa luta em torno da definição da memória é chamada por Pollak de "trabalho de enquadramento da memória". (Pollak, 1992: 205).

Baseado em Pollak (1992), consideramos a construção do discurso político e da trajetória de vida não como "coisas", mas nos preocupamos em perceber como se transformaram em "coisas". A construção da narrativa política é interessada e visa à construção de um personagem ideal para a eleição, ou seja, retira e interpreta aspectos de sua personalidade e de sua vida que possam ser interessantes para determinado contexto político eleitoral. Nesse sentido, podemos perceber que não só o que é dito é importante, mas também o que não é dito e o porquê dessa seleção e omissão. Os depoimentos da pesquisa revelam como eles constroem os discursos, o que valorizam e o por que. Entendemos assim que são atores, indivíduos que estão lendo e formando leituras do mundo social e, especificamente, na arena política, estão vendo e fazendo ver, construindo uma realidade que será útil na disputa político eleitoral que se engajam (Bourdieu, 2003).

Portanto, a memória e a construção da história de vida não significam apenas o que se quer passar, mas sim o porquê se quer passar daquela maneira. Não é pelo fato de ser médico, mas sim como se utiliza desse aspecto da trajetória para conseguir êxito eleitoral. Segundo Coradini (2001:10),

Em outras palavras, não é a condição de pertencer a determinada unidade geográfica, profissão, condição social, ou a outra classificação qualquer o que está em pauta, mas sim os códigos culturais e políticos que informam e dão sentido a essa interpretação eleitoralmente interessada daquelas classificações.

Coradini dá uma contribuição importante quando afirma que esses valores, significações e as classificações colocadas em pauta no jogo eleitoral nos indicam quais são as "lógicas sociais subjacentes e concepções de política" que tornaram eficazes essas escolhas e essas representações, isto é, nos auxilia a compreender quais são as dinâmicas vigentes na arena política e nas relações sociais mais gerais.

Trata-se da possibilidade de, através do exame dos princípios de classificação e legitimação em pauta, vislumbrar as próprias concepções de sociedade e de política que podem ser, pelo menos presumidamente, eleitoralmente eficazes em determinadas condições históricas e sociais. (Coradini, 2001:9).

Outro aspecto que merece ênfase é a questão de compreender as condições sociais da competição política. Estamos de acordo com Codato e Costa (2011) quando afirma que mais do que olhar as "condições formais de elegibilidade":

Cabe ao analista identificar, para uma dada sociedade, que mecanismos (culturais, sociais, econômicos, simbólicos, institucionais) operam na seleção daqueles que se dedicarão profissionalmente à elite e daqueles que serão excluídos dela. (Codato e Costa, 2011: 5).

Seguindo esses autores, essa abordagem ajuda a responder o que o perfil e atributos de uma elite política revelam além do perfil e atributos dessa elite política.

De uma perspectiva diacrônica estudos sobre elites podem revelar transformações históricas de uma dada sociedade. De uma perspectiva sincrônica, estudos sobre a homogeneidade ou heterogeneidade socioprofissional da elite são essenciais, por exemplo, para discutir o próprio sistema político, já que dizem respeito à estrutura de oportunidades socialmente sancionada para a participação política. (Codato e Costa, 2011: 5).

Pesquisa e trabalho de campo

O tema dessa dissertação é decorrente da minha inserção em grupos de pesquisa⁴ durante o curso de graduação em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ).

Através dessa participação tomei conhecimento de diversos trabalhos que investigaram os efeitos econômicos, políticos e sociais da implantação de um polo

⁴ Essa dissertação está inserida na temática do grupo de pesquisa coordenado pelo professor Dr. José Ricardo Ramalho. Durante o curso de graduação tive o privilégio de participar como aluno bolsista de Iniciação Científica da pesquisa "Desenvolvimento regional, indústria automobilística e relações de trabalho". Tive o prazer também de participar do Núcleo de Estudos Trabalho e Sociedade (NETS-UFRJ) coordenado pelo professor Dr. Marco Aurélio Santana. Essas participações foram fundamentais tanto para o desenvolvimento do tema como para as reflexões aqui presentes.

automotivo na região Sul fluminense, com destaque para os impactos sobre as relações de trabalho, as cidades, as instituições sindicais e o projeto econômicos de desenvolvimento regional; e a formação de redes sociopolíticas nesses processos.

A participação na pesquisa chamou a minha atenção para como determinados padrões de relações sociais favoreceram e influenciaram nos desdobramentos da ação econômica e política na região. Sempre tive muito interesse no tema da política e assim surgiu a ideia de investigar as relações políticas na cidade de Volta Redonda. Os trabalhos de outros membros da pesquisa foram importantes quando revelaram o papel de um determinado grupo político no processo de atração da fábrica da Volkswagen para a cidade de Resende e na emancipação administrativa de Porto Real, até então, distrito de Resende. (Cf. Santos 2006; Lima 2005 e Pereira, 2008). Tendo em vista a importância dessas redes políticas locais, optou-se por focar as relações políticas e, mais precisamente, as relações em torno da política "formal", por assim dizer, elegendo a história da cidade nos anos 1980 e 1990, com a privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), como base para discutir as alterações no cenário político local.

A realização das entrevistas com os agentes políticos foi um processo com vários percalços. A opção por depoimentos e entrevistas traz a questão da representatividade daquilo que se quer mostrar. Nesse momento surgem dois aspectos: a) recorte pessoal; e b) possibilidade prática.

A ideia original era entrevistar todos os prefeitos eleitos a partir do fim da intervenção federal⁵. Dois deles não quiseram dar entrevista. Mas, os prefeitos do período pós-privatização da Companhia Siderúrgica Nacional concederam entrevistas. No caso específico do ex-prefeito Paulo Baltazar, por exemplo, fui recebido em sua residência.

Fiz também entrevistas com outros agentes políticos que de alguma maneira estiveram próximos aos governos do pós-privatização. Pessoas que tiveram influência da constituição da estrutura política partidária da região, e personagens chave dos

⁵ A cidade de Volta Redonda foi considerada "área de interesse da Segurança Nacional" de 1979 a 1985, período esse que não houve eleições para prefeitura.

governos com conhecimento sobre o contexto escolhido. Tive também conversas informais com moradores e funcionários da prefeitura sobre a representação que é feita da cidade e dos governos pelos próprios moradores. Essa experiência certamente foi tão válida quando as entrevistas.

Com outros personagens tive algumas dificuldades para conseguir contato direto e a adesão deles aos propósitos do trabalho. Alguns, ao tomar conhecimento dos objetivos da pesquisa ficavam de "retornar" em um momento mais "oportuno". Não obstante pude conversar com alguns dos personagens principais do cenário político partidário local, como Inês Pandeló (do PT – Barra Mansa), Vanderlei Barcelos (ex-vereador e militante do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda), Cida Diogo (do PT), Dodora (do PSOL). Conteí, também, com a pronta participação do Zezinho, militante do Movimento pela Ética na Política (MEP-VR), ligado à Igreja Católica, e de Lincoln Botelho, Secretário de planejamento da cidade.

Realizar as entrevistas não foi uma tarefa das mais fáceis. Não foi fácil chegar numa cidade desconhecida e obter detalhes da vida política das principais lideranças. Enfrentei certa desconfiança e muitos "furos". Demorei certo tempo e muitos quilômetros pela "via" Dutra até conseguir sucesso.

Em alguns casos percebíamos que, na verdade, mais do que uma entrevista era o relato de um discurso preparado e trabalhado (e, em um caso, escrito). Mas isso não foi um problema para mim. Minha ideia não era obter a "verdade", mas observar como o entrevistado construía o discurso, e o contato com um discurso "pronto" me serviu como uma "fonte" que fazia sentido quando confrontado com o contexto político.

Nesse tipo de abordagem levei em consideração não somente a pessoa que falou, mas para quem a pessoa falou. Ou seja, durante a pesquisa procurei problematizar e entender como o discurso foi construído a partir do contato com um pesquisador que vinha do Rio de Janeiro, era aluno de mestrado e etc.; levando em consideração que a sua explicação estava balizada pelas informações e representações que fazia de mim.

Isso pode ter trazido limites a pesquisa, mas foi possível tirar dessa experiência alguns proveitos. Consegui, por exemplo, depoimentos que aparentemente desconsideraram uma maior repercussão e que provavelmente, em outro contexto, seriam mais cuidadosos. Outro ponto positivo foi a percepção de que em vários momentos os entrevistados queriam me "convencer" dos argumentos de seu depoimento, queriam me contar a "verdadeira" história, o ponto de vista "correto". Essa estratégia foi esclarecedora para anotar que aspectos de suas trajetórias estavam sendo enfatizadas e quais aspectos precisavam ser escondidos.

Uma dificuldade grande foi a falta de tempo de agentes políticos desse tipo. Muitas vezes não era possível mais de um encontro o que obrigava a abarcar tudo em apenas uma conversa. Ficou flagrante que depois de certo tempo os níveis dos detalhes e de atenção diminuía. Por outro lado, ocorreram situações nas quais questões pessoais foram tocadas e em muitos momentos os entrevistados se emocionavam ao lembrar-se de pessoas, situações e eventos. Houve temas que os entrevistados mesmo sem sequer serem perguntados já, de antemão, se mostraram contrários a entrar. O lado positivo é que alguns tiveram prazer e emoção em falar e lembrar de sua participação no passado. Sentiram-se agraciados pela oportunidade de terem sua história ouvida e registrada, de poderem fazer uma "propaganda" de si mesmos.

Em resumo, as entrevistas e depoimentos serviram para fazer um desenho útil e relevante do contexto para análise proposta.

Também foram utilizadas reportagens e matérias publicadas na mídia local e nacional. Tive a disposição grande parte do acervo histórico dos jornais O Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil através de consultas na internet.

Devo registrar como importante no trabalho de pesquisa a minha "ambientação" na cidade de Volta Redonda. As diversas idas ao campo foram essenciais para conhecer melhor a cidade e sua disposição física. Durante o curso da graduação, essas visitas mostraram aspectos que não esperava encontrar em uma cidade industrial - a "cidade do aço" que tem uma indústria siderúrgica bem no meio da cidade – calçadas, ruas, e praças bem arrumadas, uma grande área de comércio, um estádio de futebol como o da

Capítulo 2 - Volta Redonda e a CSN: A Cidade do Aço

A cidade e seu contexto político

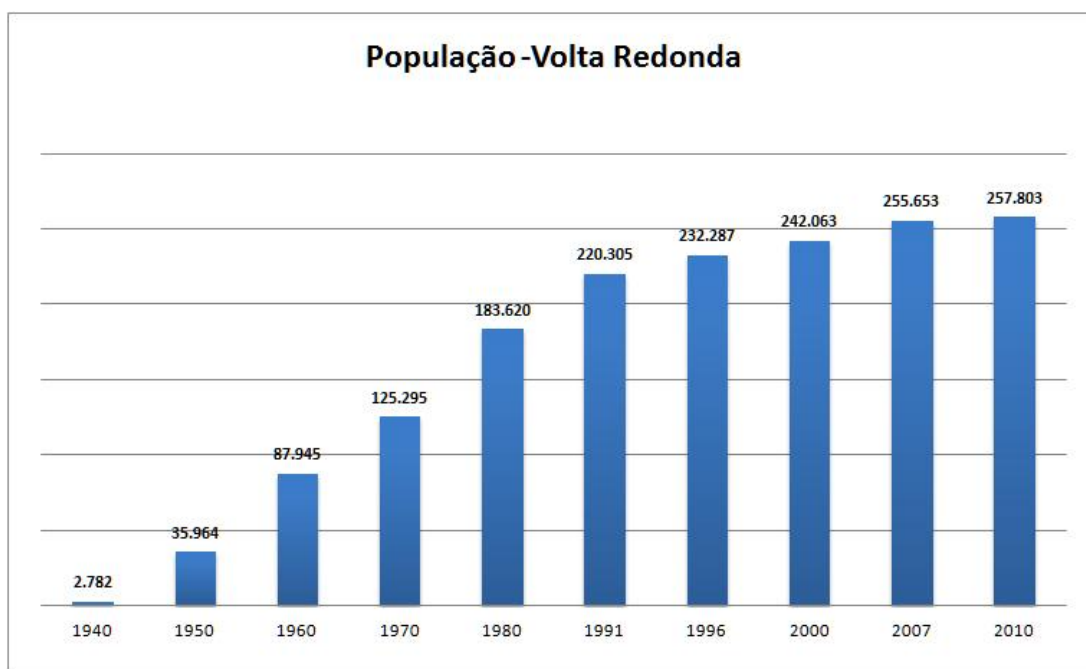
Volta Redonda é uma cidade situada no Médio Paraíba Fluminense, uma microrregião do sul do estado que historicamente esteve ligada ao plantio e cultivo cafeeiro e a exploração da pecuária. O topônimo Volta Redonda faz alusão a curva do rio Paraíba do Sul e deu nome a essa localidade quando os primeiros exploradores começaram a ocupação da região.

No início do século 20, Volta Redonda era o 8º Distrito de Barra Mansa, cidade que tinha uma relevância no setor siderúrgico. Na década de 1940 a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) modificaria completamente a cidade de Barra Mansa e seu distrito Volta Redonda. Esse fato ajudou no desenvolvimento do distrito além de atrair um contingente grande de trabalhadores.

Volta Redonda era vinculada à cidade de Barra Mansa desde 1832 e permaneceu sob a condição entre os anos de 1926 e 1954. Desde então, a cidade de Volta Redonda, que ganharia autonomia na década de 1950, cresceu vertiginosamente em função da indústria siderúrgica.

No gráfico a seguir, pode-se ver que a população de Volta Redonda não passava de 2.800 pessoas na década de 1940. Uma década depois, a população cresceu mais de 1.100%. Situação semelhante ocorreu da década de 1950 para 1960, quando a população aumentou em mais de 1.400%. Nas duas décadas seguintes, esse crescimento ficou na casa dos 40%, o que, apesar da desaceleração, é um crescimento extremamente significativo.

Gráfico 1:



Fonte: IPEA data e IBGE

As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas, no cenário internacional, pela crise econômica de 1929 e pela Segunda Guerra Mundial. No contexto brasileiro, em 1930 começaria o que ficou conhecido como "Era Vargas" (1930-1945), época que é associada entre outras coisas a mudança no perfil econômico brasileiro, de um país agroexportador para o mergulho na era industrial. Foi nesse contexto que foi criada a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

No final dos anos 1930 e início dos anos 1940, as notícias que vinham da Europa revelavam os sangrentos conflitos da Segunda Guerra Mundial e a instabilidade política entre as principais potências mundiais. Nesse contexto, o governo Vargas negociava com os países dos dois lados da guerra, tanto os Aliados quanto com o Eixo (encabeçados por Estados Unidos e Alemanha, respectivamente) a possibilidade de empréstimo para a criação da usina siderúrgica.

(...) Ao passo que uma parte significativa das elites emergentes brasileiras se empenhava em obter capitais americanos, a hierarquia militar mostrava-se mais inclinado a uma aproximação econômica e estratégica com a Alemanha. Deste modo, o governo alimentou dois projetos de associação a empresas de capital internacional para a criação da grande siderúrgica brasileira: um com a americana *US. Steel Company* e o outro com a alemã *Krupp*. O *Export Import Bank (Eximbank)* financiador do projeto americano exigia a presença de uma empresa daquele país no empreendimento. Ainda que as negociações com os EUA tenham avançado bastante em fins dos anos 1930, o impacto da eclosão da Segunda Guerra sobre a economia norte americana fez com que a *U.S Steel* desistisse de atuar no Brasil. Em resposta, e diante do avanço de tropas do eixo na Europa, Vargas passa a manifestar certa simpatia ao projeto alemão; Pressionado por essa possível aproximação econômica e militar com a Alemanha, o governo dos EUA concede via *Eximbank* um empréstimo de US\$ 20 milhões para a construção da CSN, ainda que não participasse do seu controle acionário nenhuma empresa americana. (Pereira, 2007:32 e 33).

Esse acordo de cooperação entre Brasil e Estados Unidos culminaria em 1942 quando o Brasil declara guerra à Alemanha e ao Eixo.

O Decreto-Lei N^o, 2.054 de 4 de março de 1940 criou a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico e estabeleceu as bases para a organização da primeira grande usina brasileira como noticiou o jornal *O Estado de S. Paulo* da época, dias antes de sofrer uma intervenção do governo federal⁶:

Organização da Indústria Siderúrgica Nacional

Criação da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional - Atribuições do novo órgão

Rio, 4 ("Estado") - O presidente da República assignou o seguinte decreto-lei que tomou o numero 2054, instituindo a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional.

"Considerando que na presente phase de renovação econômica do país se torna indispensável organizar a indústria siderúrgica em bases definitivas; considerando que os estudos a que foi submetido o problema conduziram o governo a adopção de um programa que urge executar; considerando que o incremento da indústria siderúrgica virá contribuir para desenvolver a exploração commercial das bacias carboníferas, dos minérios de ferro e de

⁶ Uma das características do Estado Novo era o uso constante de propaganda capitaneado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Foi nesse contexto que o governo federal entrevistou em alguns órgãos de imprensa. O jornal *O Estado de S. Paulo* ficou sob intervenção durante o período de 25 de março de 1940 a 6 de dezembro de 1945. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1940.shtm>

muitos outros produtos minerais nacionais, trazendo o progresso a várias regiões do país; considerando que a utilização do carvão mineral dotará o país de uma série de sub-productos do mais alto valor para o desenvolvimento das indústrias químicas e farmacêutica e, em consequência, de grande interesse para o progresso econômico e organização da defesa militar do país.; considerando a necessidade do Estado contribuir financeiramente para o aparelhamento de indústrias que exigem grande concentração de capitais, formando assim um ambiente de confiança indispensável à colaboração simultânea de capitais particulares: e considerando finalmente que é imprescindível dar ensejo a que se formem quadros nacionais para organização e direção de grandes empresas industriais, decreta:

Art. 1) – Fica instituída a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional, composta de 5 membros nomeadas pelo Presidente da República. (Jornal O Estado de S. Paulo – 04/03/1940)

A Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional deu preferência para a instalação da usina no trecho compreendido entre as cidades de Barra do Piraí e de Barra Mansa, no Vale do Paraíba. Essa região era cortada pela estrada de ferro Central do Brasil. Desta forma, foi escolhido Volta Redonda (RJ), situada a nove quilômetros de Barra Mansa.

Segundo Pereira (2007), a escolha da localização da usina em Volta Redonda não foi somente "técnica". Pesou também outros tipos de critérios:

Pesaram assim sobre Volta Redonda, além de critérios de ordem técnica (proximidade dos centros consumidores, boa ligação com o porto do Rio de Janeiro, água doce abundante, disponibilidade de energia elétrica), econômica (baixo custo de frete, mão de obra) e de segurança militar (área distante da costa), os fatores políticos. A escolha pelo Vale do Paraíba Fluminense representaria também prestigiar o estado do Rio de Janeiro, onde Ernani do Amaral Peixoto, genro do presidente Vargas, era o interventor. Também não podemos perder de vista que o relativo isolamento de Volta Redonda contribuiria para o projeto político-ideológico de formação do "novo trabalhador". (Pereira, 2007: 34 e 35).

Em 30 de janeiro de 1941, pelo Decreto-Lei nº. 3.002, o presidente Getúlio Vargas aprovou o plano de construção e exploração da Companhia Siderúrgica Nacional, e autorizou a recém-criada Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional a planejar a constituição dessa usina. No dia 9 de abril daquele mesmo ano foi aprovado o estatuto de criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e foi

nomeado Guilherme Guinle como presidente da Companhia e Edmundo Macedo Soares e Silva, diretor técnico. Esses dois personagens foram muito importantes na negociação para a criação da Companhia.

Guilherme Guinle⁷ (1882-1960) nasceu no Rio de Janeiro e se graduou em engenharia civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1905. Entre os anos de 1931 e 1936, foi segundo vice-presidente do Centro Industrial do Brasil (CIB), que depois se tornou a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJ). Politicamente foi ligado a Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Foi nomeado por Getúlio Vargas presidente da recém-criada Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional em 1940. Participou intensamente das negociações do governo brasileiro juntos aos Estados Unidos para a obtenção do financiamento para a construção da usina siderúrgica. Nacionalista, foi uma voz ativa dentro do governo contra ao uso de capital e a participação acionária de estrangeiros na usina que não por meio de empréstimo.

Com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, Guilherme Guinle foi nomeado pelo presidente Getúlio Vargas presidente da CSN, cargo que ocupou até 1945. Foi, posteriormente, membro do conselho consultivo da Companhia até a sua morte em 1960.

Edmundo de Macedo Soares e Silva⁸ (1901-1989) nasceu no Rio de Janeiro. Militar, participou na Revolta de 5 de Julho de 1922, movimento que iniciou o ciclo de revoltas tenentistas da década de 1920. Em virtude disso foi preso, mas conseguiria

⁷ Fonte: Paula, Christiane Jalles; Lattman-Weltman, Fernando (Coord). Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro Pós -30 Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb> Acesso em 06 de agosto de 2012

⁸ Fonte: Paula, Christiane Jalles; Lattman-Weltman, Fernando (Coord). Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro Pós -30 Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb> Acesso em 06 de agosto de 2012

fugir e se exilar na Europa onde estudou e se formou em engenharia, com especialidade em metalurgia.

Com a anistia depois da Revolução de 1930, voltou ao Brasil e participou ativamente dos debates sobre o desenvolvimento da siderurgia nacional.

Em 1931 integrou a Comissão Militar de Estudos Metalúrgicos. Posteriormente se tornou membro da Comissão Nacional de Siderurgia e esteve nos Estados Unidos negociando empréstimos junto ao *Eximbank*, com, entre outros, Guilherme Guinle.

A partir da criação da Companhia Siderúrgica Nacional foi nomeado diretor técnico da empresa. No ano de 1947, foi eleito governador do estado do Rio de Janeiro pelo PSD e contando, inclusive, com o apoio da UDN e do PTB, os outros partidos fortes da época.

Entre os anos de 1954 e 1960 foi presidente da CSN. Nessa mesma época também participou da direção da Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA).

Na década de 1960 foi eleito presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e também da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Foi ministro da Indústria e Comércio durante o mandato do presidente Costa e Silva.

A nova Companhia fazia parte de uma estratégia de governo e concepção de país que prestigiava a maior participação do Estado na economia tanto como gestor como empreendedor da industrialização e teve estreitas ligações com a visão de "progresso" e "desenvolvimento" na consolidação de uma nação industrializada e "moderna". Nesse sentido, a industrialização passava pela nacionalização de recursos minerais, além da "formação" de trabalhadores. Deste modo, o investimento na indústria de base, a fim de garantir a entrada do Brasil como um ator importante na industrialização, justificava o

investimento e o esforço para a criação de uma indústria siderúrgica, identificada com a noção de "soberania nacional" ⁹. (Morel, 1989).

Ainda que representasse a CSN seu "carro chefe", a implantação da indústria de base no país criou no mesmo período outras empresas associadas à indústria pesada como a Companhia Vale do Rio Doce (1942), a Fábrica Nacional de Motores (1942), a Companhia Nacional de Álcalis (1943) e a Companhia Elétrica do Vale do São Francisco (1945), entre outras. A Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA), fundada em 1953, e as Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (USIMINAS) de 1957, viriam compor com a CSN o quadro da nascente siderurgia de grande porte no Brasil. (Pereira, 2007:31 e 32).

A CSN é um marco nessas relações, mas não é a única. Diversas outras empresas/cidades desempenharam esse papel de relação estreita entre Estado e sociedade nessa época.

Segundo Ramalho (1995: 37):

A fusão do Estado e aparatos fabris, a partir da década de 40, com o objetivo de construir uma infraestrutura industrial, reproduzir formas específicas de trabalho e criar uma nova estrutura para a acumulação de capital combinou diferentes formas de dominação com um projeto de desenvolvimento econômico, político e social. Isso significou estender a dominação para além do processo de produção, com o controle também na esfera da reprodução social. Pode-se dizer que essas empresas ficaram imbuídas da tarefa de "formar" um "trabalhador brasileiro", e exerceram uma gestão baseada na ideologia corporativista e na disciplina militar para controlar os trabalhadores e se opor aos seus movimentos de resistência.

Este autor chama essas empresas de "estatais de primeira geração" e estavam incluídas no contexto do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial. Elas teriam em comum a estratégia do Estado de interferir diretamente no processo produtivo. O contexto de guerra foi útil na medida em que os "aliados" temiam a falta de matérias primas. Além disso, fatores como a questão da "segurança nacional" legitimariam esse Estado intervencionista. Isso fortaleceu a ideia de controle e tutela das relações sociais, notadamente as ligadas às relações trabalhistas.

⁹ Cf. Paula, Christiane Jalles; Lattman-Weltman, Fernando (Coord). Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro Pós -30 Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb> Acesso em 06 de agosto de 2012 - , verbete Companhia Siderúrgica Nacional.

Exemplificando isso, Morel (1989: 75) diz que:

A Companhia vinha cumprir, além de uma função propriamente econômica, uma visão modernizante e civilizatória em relação às classes populares: através da educação e trabalho seriam formados, a partir de uma massa de indivíduos despreparados e ignorantes, verdadeiros cidadãos brasileiros.

Assim, podemos perceber a partir do trecho de Veiga, S. e Fonseca (1990: 17 e 18), como que essa "criação" e "modernização" do homem, agora trabalhador, eram feitas:

Caminhões saíam vazios de Volta Redonda e se dirigiam para a Zona da Mata onde recrutavam homens, com ou sem família, para irem construir a usina, Eram os agregados da fazenda, pessoas muito pobres e analfabetas, com forte influência da Igreja católica, mas que preservavam vários traços de sua cultura negra. E assim chagavam milhares e milhares de pessoas a Volta Redonda - eram os "pioneiros", os "bandeirantes" da industrialização. Ao agenciador desta mão de obra a CSN pagava por cabeça. O caminhão parava em frente ao antigo escritório central da CSN. Os homens desciam, vários não tinha sobrenome e eram batizados na hora pelo agenciador. Passavam pelo médico, tiravam a roupa usada e guardada num saco, tomavam banho, cortavam-se seus cabelos e recebiam uma roupa nova da CSN. Era sem dúvidas um "rito de passagem". Tinham agora se tornado "novos homens" (...). (Veiga e Fonseca, 1990: 17 e 18).

Uma peculiaridade do par CSN/Volta Redonda em relação a outras empresas foi que, como diz Lima (2010:30), citando Morel:

Uma siderúrgica singular pela capacidade demonstrada em construir uma cidade, podendo modelá-la praticamente do zero de forma a setorializá-la e estratificá-la, atribuindo divisões e funções espaciais específicas, receita não repetida por outras estatais do período, como a Vale do Rio Doce, a qual encontrou em Itabira (MG) uma cidade já constituída e economicamente decadente, tendo condições apenas de redefinir sua estrutura urbana e social.

A construção dessa usina-cidade foi feita por trabalhadores que encarnavam o espírito de "nação", "desenvolvimento" e a crença do valor moral do trabalho, essa comunhão de valores tem muito a ver com a simbiose entre Companhia e a cidade durante essa fase da história brasileira. A cidade aparecia para as pessoas como um *eldorado*: "naquela época uma siderúrgica era como uma usina atômica. Um local que abrigava uma usina dessas tinha de tudo. Do aço vem desde o preguinho do berço ao

preguiinho do caixão" ¹⁰. ("Ex-operário conta um pouco da sua história na Cidade do Aço", *Jornal A Voz da Cidade*, 17/07/2012).

A construção da indústria foi cercada de muito otimismo, expectativa e promessas por parte do governo brasileiro. As notícias e declarações da época nos mostram como que era tratada e entendida a instalação dessa usina, considerada o "embrião da grande indústria nacional" ¹¹. A ideia era de que respondia a anseios e "interesses da nação" e de que marcaria o fim de um passado agrário e de dependência externa (Pereira, 2007) e que se concretizaria no processo de "emancipação" brasileira.

Na edição do jornal *O Estado de S. Paulo* de 1 de fevereiro de 1941¹² lê-se o otimismo nas declarações de Guilherme Guinle, então presidente da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional:

Na preparação do terreno, na fundação e construção dos grandes edifícios, serão empregados mais de 1.000 trabalhadores e operários. Calcula-se que o material a ser importado dos Estados Unidos se elevará a mais de 120.000 toneladas. O funcionamento da usina exigirá cerca de 4.000 operários sob a direção de dezenas de técnicos, estando prevista a construção de uma cidade operária para uma população de 20.000 habitantes, aproximadamente. O projeto dessa cidade operária está em elaboração, tendo sido, nos respectivos estudos, estudada a parte urbanística, os serviços de águas e esgotos, e tudo quanto se relaciona com a perfeita instalação de um núcleo urbano.

Mais a frente ele continua:

"O local escolhido para a construção da usina está situado nas proximidades da estação de Volta Redonda, entre a linha da Estrada de Ferro Central do Brasil e o Rio Parahyba, distando 145 kilometros do Rio de Janeiro e 354 de São Paulo. O local apresenta a vantagem de ficar situado entre os dois maiores centros consumidores do país, o que facilitará a distribuição dos produtos acabados. Essa localização favorece também o abastecimento da usina em minérios proveniente de Minas Gerais".

¹⁰ Depoimento de Ronaldo Gori, 76 anos, historiador e ex-funcionário da CSN. Disponível em <http://www.avozdacidade.com/site/page/noticias_interna.asp?categoria=3&cod=17269> acessado em 17/07/2012

¹¹ *O Estado de S. Paulo* - 08/03/1941

¹² Cf. nota 6.

Em outro trecho ele destaca que "as instalações foram projetadas de forma a se poder aumentar com relativa facilidade a produção da usina em 50%, aumento que ficará condicionado ao crescimento do consumo interno do país". (*O Estado de S. Paulo* 01/02/1941).

A localização estratégica da usina levava em conta que se pretendia realizar a ampliação da rede ferroviária da Central do Brasil juntamente com a construção da usina.

Em artigo assinado por Geraldo Mendes Barros na edição de 5 de fevereiro de 1941 do mesmo jornal, podemos ler que:

A importância do estabelecimento da indústria pesada do ferro no Brasil salta aos olhos. Constitui um novo Sete de setembro. No primeiro, proclamamos a nossa independência política; no segundo, a econômica, complemento indispensável daquela. A siderurgia modificará o teor da vida brasileira. (*O Estado de S. Paulo* – 05/02/1941).

Além disso, o autor destaca a importância para a "defesa nacional", visto que "o estabelecimento da grande siderúrgica possibilitará a fabricação de aço para as chapas dos nossos navios mercantes e de guerra, para os motores dos nossos aviões, para os canhões com que nos defenderemos". (*O Estado de S. Paulo* – 05/02/1941).

No mesmo jornal, já em 1943, continuamos observando essa visão otimista da instalação da Companhia e da formação da cidade de Volta Redonda. Em uma reportagem datada de 1º de abril desse mesmo ano sobre a visita de diplomatas, jornalistas e autoridades nacionais a cidade de Volta Redonda é possível ler:

Os visitantes de Volta Redonda tiveram oportunidade de observar que esse núcleo de população - que aos poucos se vai instalando em moradas modernas e cômodas e que constituem, por isso mesmo, fatores decisivos de fixação e de ambientamento - pauta a sua existência por um ritmo de trabalho contínuo e intenso. Uma atividade que se observa por toda parte: no hotel, no restaurante dos engenheiros, nas ruas limpas e ajardinadas, em torno das obras em andamento - como se todos ali estivessem compenetrados do que aquilo realmente representa: o embrião da grande indústria nacional. (...) Não só representa, portanto, Volta Redonda, o núcleo da grande indústria e da emancipação do Brasil, como poderá ser, desde logo, um elemento decisivo no

aparelhamento eficiente do nosso país para as tarefas que lhe foram impostas pela guerra. (*O Estado de S. Paulo*, 01/04/1943).

É flagrante que esse projeto estava associado ao Estado Novo¹³. Na reportagem do Estado de S. Paulo de 23 de fevereiro de 1941, em um artigo intitulado "O ciclo do ferro e do aço", lê-se um comunicado que diz "(...) quis a história que este passo decisivo para o engrandecimento do país fosse dado exatamente no momento de reconstrução nacional, que é a característica do Estado Novo". (*O Estado de S. Paulo* – 23/02/1941).

É plausível de se concluir que a ideia de uma "segunda independência" e o começo de um "novo ciclo" estão amarrados a criação da Companhia Siderúrgica Nacional e, conseqüentemente, da cidade de Volta Redonda. A "cidade operária" e as demais residências foram planejadas por uma equipe técnica chefiada pelo arquiteto Atílio Corrêa de Lima. A ideia era produzir um tipo de sociabilidade nova, moderna, exemplar e que refletisse um momento novo nas relações sociais e políticas do Brasil e os ideais do governo varguista:

A Cidade do Aço foi construída para forjar não só aço, mas trabalhadores para o Novo Brasil. Todas as forças governamentais foram voltadas para construção de uma "Cidade Símbolo", com operários e relações de trabalho também exemplares. (Pereira, 2007: 40).

A Companhia foi planejada de modo a reproduzir na cidade o mesmo tipo de estratificação que havia nos seus quadros. Dessa forma, a cidade-planejada era dividida em bairros para cada "classe" social. Isso também reforçava o controle sob o espaço e os trabalhadores que ia além do espaço fabril. Essa intervenção e controle se davam em vários níveis da vida dos trabalhadores e moradores da cidade. Segundo Veiga e Fonseca (1990: 20 e 21):

"A intervenção da CSN na vida dos operários dava-se em todos os níveis, desde a formação médica, o médico, o dentista, o disciplinamento do futebol, a briga entre vizinhos... até o policiamento, a ronda da cidade. A companhia possuía a

¹³ Uma de suas características seria um investimento no simbolismo, nos discursos e na propaganda, marcando a inauguração de uma nova época na qual as relações e o país se modernizariam e avançariam em harmonia para o futuro. Para mais informações ver Morel (1989) e Gomes (2005).

rádio Siderúrgica Nacional, cujo prefixo era ZYP-26. E até uma "moeda" própria foi criada – era o "boró"-, vales de cor de rosa com os quais os funcionários faziam suas compras. Este controle de todas as esferas da vida dos operários representava um projeto político-ideológico onde o Estado assumia para si a tarefa de educar e formar o novo trabalhador brasileiro, moldando-o conforme os interesses do capital e dos militares. Exemplo disso é a criação da Escola Técnica de Volta Redonda, em 1946". (...) O interessante é que "mesmo depois da emancipação de Volta Redonda (em 1954) a CSN mantinha um convênio com a prefeitura, que lhe permitia não pagar os impostos devidos ao município em troca de prestar serviços de limpeza da cidade, poda das árvores, pintura de casas".

Pereira (2007:42) acrescenta que "o serviço social da CSN tinha como função principal orientar as mulheres dos operários quanto à arrumação e o uso das casas, o convívio em vizinhança e a organização de festas comunitárias", fato que nos auxilia a ter a dimensão da participação da empresa na vida dos trabalhadores e seus familiares.

As ruas da cidade ganharam números em vez de nomes, enquanto que as casas e os bairros residenciais foram planejados variando localização, tamanho dos lotes, taxa de ocupação, tipos de residência, comodidades, área verde, espaço para lazer etc. Esses padrões distintos visavam contemplar e diferenciar seus respectivos destinatários: diretores, engenheiros, mestres, contramestres, operários. (Ibidem:37).

A construção de uma escola técnica¹⁴ tinha a ver como um dos objetivos do Estado naquele momento de "reforçar os laços corporativos entre os trabalhadores e a Companhia e, por extensão, o Estado" (Morel, 1994:65) e seria "o meio de os filhos de trabalhadores serem introduzidos à hierarquia, disciplina e ritmo de trabalho da empresa, além de contribuir para difundir o "espírito" de colaboração entre os integrantes da 'família siderúrgica'" (Morel, 1989:111).

A Companhia Siderúrgica Nacional foi inaugurada oficialmente em outubro de 1946. Durante o cerimonial de inauguração, o discurso do então presidente da

¹⁴ A Escola Técnica Pandiá Calógeras – que tem seu nome em homenagem à João Pandiá Calógeras que foi pesquisador da área da mineralogia e o primeiro civil ministro da Guerra - inicia sua história como Escola Profissional da Companhia Siderúrgica Nacional, inaugurada em 19 de Abril de 1944, em Volta Redonda. Seria fruto, entre outros, da demanda de mão de obra "qualificada" e técnica desse novo empreendimento que foi a Companhia Siderúrgica Nacional. No começo funcionou em um barracão improvisado dentro das dependências da usina. Em 1947 passa a funcionar em um prédio definitivo fora da Companhia. Inicialmente dedicada exclusivamente à indústria, na década de 1980, após convênios com as esferas governamentais, passa a se dedicar também aos ensinos de 1º e 2º graus, atualmente ensino fundamental e médio. Fonte: <http://www.etpc.com.br/historia>

Companhia, o General Sylvio Raulino de Oliveira, foi enfático em mostrar o significado da empresa naquele contexto:

A inauguração da Usina de Volta Redonda é para o Brasil um ponto de referência histórico. Encerra um ciclo no qual desde o Brasil-Colônia, gerações e gerações ansiaram e lutaram pelo estabelecimento da indústria siderúrgica em nossa terra: e abre um outro, o da consolidação e do desenvolvimento no qual se contem tanto a segurança do presente como as esperanças do futuro. Os destinos de nossa Pátria repousam, pois, em grande parte, no êxito da tarefa que empreendemos. (...) É um patrimônio comum que reclama nosso zelo e nosso patriotismo. (*Jornal do Brasil* – 12/10/1946)

Emancipação, Expansão e a "Cidade não Planejada"

A instalação da Companhia Siderúrgica Nacional foi uma marca da modificação do cenário político, econômico e social brasileiro. Além disso, a história de implantação da Companhia nos apresenta elementos do contexto internacional daquele momento. Entretanto, houve também modificações significativas no cenário local. O pequeno povoado de Santo Antônio de Volta Redonda, que outrora era caracterizado por ser vinculado a cidade de Barra Mansa, ao cultivo de café e à atividade agropastoril, iria ser modificado de forma abrupta.

A chegada de muitos trabalhadores, além da exposição na mídia nacional e o rápido crescimento das receitas, entre outros motivos, foram fatores que impulsionaram o desejo de emancipação de Volta Redonda em relação à Barra Mansa. Os tributos arrecadados com a atividade siderúrgica eram quase na sua totalidade destinados ao distrito-sede da prefeitura. O processo de emancipação de Volta Redonda se deu a partir de uma

Articulação entre comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais, e proprietários de terra, em sua maioria organizadores do Diretório Municipal do Partido Social Democrático (PSD) e unidos em torno da Loja Maçônica Independência e Luz II, dá origem à Sociedade dos Amigos de Volta Redonda (1950), tendo como objetivo a reivindicação dos benefícios devidos ao Distrito junto à Prefeitura Municipal de Barra Mansa. (...) Em 1952, o mesmo grupo funda o Centro Cívico Pró Emancipação que, após forte atuação e algumas das

idas e vindas do processo político, conquista a emancipação do Distrito de Volta Redonda em 1954. (Pereira, 2007: 49).

Após um plebiscito convocado pela Assembleia legislativa fluminense, foi aprovada a emancipação de Volta Redonda que ficaria criado pela Lei 2.185 de 17 de julho de 1954.

Sávio Gama, um dos participantes do movimento pró-emancipação do distrito de Volta Redonda, explica que para superar a resistência de Barra Mansa foi necessário um "artifício". Eles descobriram um determinado dia em que três vereadores se licenciariam e iriam assumir em seus lugares vereadores de Volta Redonda. Então eles aproveitaram essa brecha para conseguir a aprovação na câmara de Barra Mansa:

Particpei ativamente de todo movimento de emancipação de Volta Redonda. Após ser votado na Câmara de Barra Mansa, o projeto foi para a Câmara Estadual do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói, onde ficou 'engavetado' por mais de um ano! Engavetado pelos deputados do PTB que eram contra a emancipação, liderados pelo Roberto Silveira, então deputado. As inúmeras viagens a Niterói, em caravanas de ônibus pagas por mim, para pedirmos apoio na Câmara para a votação da emancipação, muito contribuíram para que ela fosse votada, pois enchíamos o plenário e as galerias da Câmara com gente de Volta Redonda. Depois de muita luta o processo voltou à pauta e alguns deputados, despertados pelo 'barulho', que durante esse ano todos nós fizemos, se interessaram pelo projeto de emancipação e ele foi votado. (Gama, 2004: 71, 72).

Naquele mesmo ano, em outubro, houve as primeiras eleições para prefeito e para 13 vereadores. Cerca de 11 mil eleitores votaram. Foi eleito prefeito um dos participantes dos movimentos pró-emancipação, Sávio da Gama.

Sávio Cotta de Almeida Gama (1907-1985) era engenheiro e foi prefeito por duas oportunidades 1955-1959, pelo PSD e 1967-1970, desta vez filiado ao MDB. Foi também deputado estadual de 1960 a 1964.

Foi um dos fundadores e diretores do PSD de Barra Mansa, cidade pela qual foi candidato derrotado a prefeito em 1950 com o slogan "Sávio de Almeida Gama, candidato de Volta redonda para prefeito de Barra Mansa".

Como vimos em depoimento do primeiro presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, Guilherme Guinle, a usina foi projetada prevendo possíveis expansões. Todavia, se sua estrutura física estava pronta para essas expansões, a cidade não estava.

As expansões foram realizadas em várias etapas (cf. Morel, 1989) e entre as contradições da cidade com a empresa estava o aumento do número de desempregados em função do fim dessas obras. Lima (2010) destaca, nesses contextos o problema habitacional e que se revelará como o impulsor dos primeiros movimentos sociais na região, notadamente os dos posseiros urbanos.

Veiga, S. e Fonseca, (1990) destacam que os dispensados dessas obras se assentaram em morros formando as primeiras favelas de Volta Redonda, inclusive em uma delas que foi chamada de Morro dos Atrevidos, devido a ousadia das invasões.

Ela [CSN] chamava, captava mão de obra de todo Brasil e trazia para cá. Imagine um distrito que de repente coloca trinta mil homem aqui dentro. Tudo no mesmo lugar. Acabou o processo de expansão e essas pessoas não voltavam, pois normalmente elas eram tiradas do campo, onde não tinham quase nada. nem INSS nem coisa nenhuma. Nem assistência saúde, nada. Vinham para cá, recebiam durante quatro, cinco anos, depois eles não queriam e não voltavam para suas cidades de origem e ficavam na região, em Volta Redonda, sobretudo. E aí, houve um processo de favelização. (Paulo Balthazar) ¹⁵.

Portanto, o déficit habitacional aparecerá como um problema social que mobilizará forças da localidade a partir de então. Segundo Pereira (2007:62),

Aliada ao desenvolvimento excludente patrocinado pela Companhia, a periferia vai se constituindo como uma ameaça à estabilidade social(...). Destaca-se, na organização desses novos atores o estímulo dado pela ação mobilizadora da Igreja Católica, fato que ganharia maior expressão política a partir dos anos 1970.

Essas expansões resultaram em outras consequências para a cidade e a Companhia. No chamado "plano C", expansão executada em meados da década de 1950 no governo Juscelino Kubitschek, havia um plano de fixação do preço do aço. A ideia

¹⁵ Entrevista realizada em 02 de maio de 2012

era subsidiar o preço do aço para auxiliar no crescimento de outros setores industriais. Isso teria sido um dos fatores que começariam a crise financeira da empresa.

Segundo Morel (1995:68),

"Nos anos 50, o redirecionamento da industrialização brasileira teve reflexos importantes sobre a siderurgia e as empresas públicas; o incremento da demanda do aço, o aumento nos custos de produção, o fim da isenção tributária além dos preços subsidiados com que seus produtos eram vendidos ao setor privado acarretaram uma situação de sérias dificuldades financeiras para a CSN".

Para a autora, a crise financeira se dava por um lado pela tentativa de controle dos preços dos produtos da CSN por parte do governo, sob pressão de grupos privados, consumidores de aço; e de outro, devido à postura do sindicato que não relutava em recorrer ao governo na defesa de aumentos de salários e reivindicações por melhores condições de vida e trabalho. (Morel,1995).

Para Pereira (2007:81),

Entre os anos de 1963 e 1967, a Companhia enfrentou um considerável encolhimento do mercado interno para produtos siderúrgicos, além da entrada em operação de suas duas concorrentes no setor de aços planos UNIMINAS (1962) e COSIPA (1963). Como primeira saída par a crise, a direção da Companhia optou pela redução de pessoal e pelo arrocho salarial, abandonando cada vez mais, como foi mostrado, o compromisso com a esfera da reprodução do trabalho.

Diante disso, a CSN adotou na década de 1960 medidas de contenção de custos e ajustes financeiros como demissões, "arrochos" salariais, inclusive que tiveram consequências para a forma como a empresa se relacionava com a cidade como, por exemplo, a Companhia transferiu para o poder público municipal, em 1967, áreas e serviços de manutenção da cidade que estavam sob a responsabilidade da empresa. (Pereira, 2007; Lima, 2010; Morel, 1989).

Outro ponto que atesta a relação tutelada ocorreu em 1973. Nesse ano, a cidade foi declarada área de interesse da Segurança Nacional a partir do Decreto-Lei nº 1.273 assinada pelo presidente Emílio Garrastazu Médici. Esse dispositivo suspendeu a

autonomia da cidade impedindo, por exemplo, eleições para prefeito¹⁶. A repercussão dessa medida na cidade foi noticiada pelo *O Estado de S. Paulo* em uma reportagem em junho de 1973. O jornal destacou a pouca importância dada a esse fato.

Decreto não modifica a vida de Volta Redonda

O decreto presidencial considerando Volta Redonda como área de interesse da Segurança Nacional em nada mudou a vida naquela cidade do Vale do Paraíba: a única estação de rádio do município não noticiou o fato ontem, o prefeito Nelson dos Santos Gonçalves¹⁷ preocupou-se mais com a abertura das Olimpíadas Universitárias e a população simplesmente não se apercebeu do fato. Entretanto, o presidente da Câmara Municipal, Luis Guimarães, é de opinião que "politicamente, a medida do presidente Medici é um desastre que irá restringir demasiadamente nossa posição".

Para o vereador, essa decisão "de certo modo era esperada, especialmente por que o governo federal teme que algum movimento venha a afetar a situação no município por causa dos 30 mil empregados da Companhia Siderúrgica Nacional", que existe desde 1941. Coincidência ou não, o prefeito da cidade almoçou ontem com o comandante do 22º Batalhão de Infantaria motorizada, tenente-coronel João Cassio Martins de Souza Santos, mas nada se comentou sobre o assunto. (...) o líder da oposição, Jorge Pantaleon, entende que a iniciativa presidencial levou em conta "o benefício da cidade, nada mais, nada menos". (*O Estado de S. Paulo* – 01/06/1973).

Uma das grandes consequências dessa nova posição da cidade de Volta Redonda foi a maior presença e intervenção dos militares na vida pública da cidade (cf. Pereira, 2007:83), situação potencializada depois do golpe de 1964. Durante todo esse período, de 1973 a 1985 os quatro prefeitos (depois do mandato de Nelson Gonçalves) foram

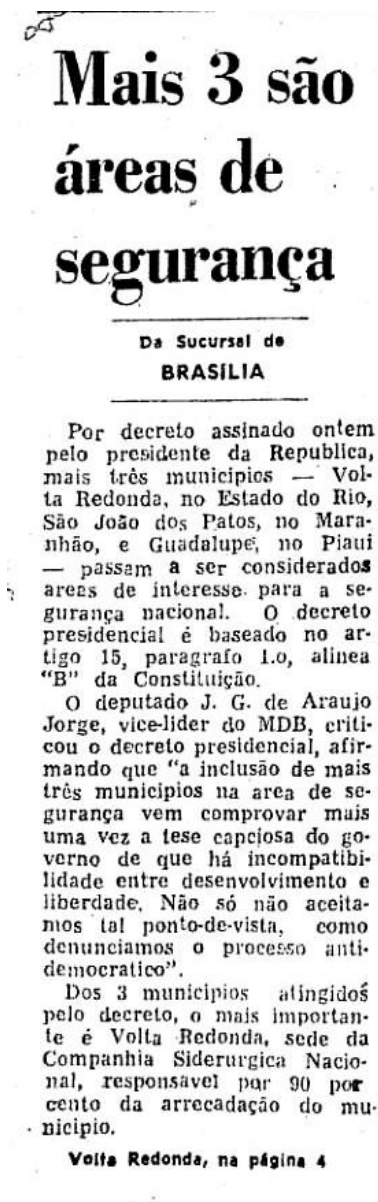
¹⁶ Decreto-Lei nº 1.273, de 29 de Maio de 1973 declara de interesse da Segurança Nacional o município de Volta Redonda. Segundo a Lei Nº 5.449, de 4 de junho de 1968 Art. 2º, os prefeitos das cidades que são declaradas área de interesse da Segurança nacional deverão ser indicados pelo governador do Estado mediante prévia aprovação do presidente da República. Essa prerrogativa foi um dispositivo instituído pelo governo em 1966 com o Ato Institucional número 3 (AI-3) assinado pelo presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. O Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) exigia estabilidade política para efetuar o último dos planos de expansão da CSN, o que teria sido o começo da ideia de declarar Volta Redonda como área de interesse da Segurança Nacional. (LIMA, 2010, p.44)

¹⁷ Nelson dos Santos Gonçalves nasceu em Marília (SP), trabalhou como médico no hospital da CSN, foi eleito vice-prefeito em 1958 e foi prefeito (1960-1962) pelo Partido Social Democrático (PSD) no lugar de César Lemos, primeiro prefeito brasileiro a sofrer impeachment. Posteriormente, em 1972 foi eleito para seu segundo mandato (1973-1977) ganhando as eleições com uma votação expressiva com quase 21 mil votos pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Em 1985 perde a eleição para prefeito para o também médico Marino Clinger Toledo Neto (PDT). Nelson Gonçalves morreu em 1986. É pai do ex-deputado estadual e atual secretário municipal de Serviços Públicos de Volta Redonda, Nelson dos Santos Gonçalves Filho e avô do ex-vice prefeito de Volta Redonda, Nelson Kruschewsky dos Santos Gonçalves. Fonte: Jornal Foco Regional. Disponível em <<http://www.focoregional.com.br/v0/page/noticias.asp?t=NELSON+GON%C7ALVES+EM+PRETO+E+BRANCO&id=849>>

nomeados: Georges Leonardos (1977-1979), Aluizio Costa (1979-1982), William de Freitas¹⁸ (1982-1982) e Benevenuto dos Santos (1982-1986).

Figura 2:

A imprensa repercute a declaração de área de interesse da Segurança Nacional



Fonte: O Estado de S. Paulo - 01/06/1973

¹⁸ Como era o presidente da Câmara Municipal de Volta Redonda, assumiu interinamente no ano de 1982 depois que o antecessor Aluizio Costa foi demitido.

Paulatinamente, ao longo dos anos 1970 e 1980, com o agravamento da situação financeira da empresa, foi aumentando a pressão em cima dos trabalhadores por maiores índices de produtividade muito em função da situação financeira caótica da empresa. A década de 1980 foi também marcada por uma redução na demanda por aço o que resultou na diminuição de suas vendas ao Brasil.

Outro problema enfrentado pela companhia foi a defasagem nos reajustes dos preços, que ficaram abaixo dos níveis da inflação, determinando uma expressiva diferença entre preços e custos. Acrescentando-se, ainda, que o período foi de forte retração do mercado financeiro externo, o que dificultou a captação de recursos para o refinanciamento do serviço da dívida. A empresa continuou os investimentos visando a aumentar seus índices operacionais, mas não logrou aumentar a lucratividade das vendas, tendo forte prejuízo financeiro¹⁹.

As mudanças nas relações entre a usina e sociedade em Volta Redonda chegaram ao auge na década de 1980 quando o sindicato aumentou a pressão fazendo várias greves e, do outro lado, a CSN padecia de sérios problemas administrativos e financeiros.

As décadas de 1980 e 1990 foram conturbadas e contaram com modificações constantes nas esferas políticas, sociais e econômicas. No contexto nacional e internacional, foram marcadas por diversas crises econômicas e de um modo geral, de redefinição e reestruturação das lógicas organizacionais e mercantis das empresas e do capitalismo de um modo geral, a chamada "reestruturação produtiva".

O Brasil vivenciava um processo de redemocratização ao mesmo tempo em que padecia com as crises econômicas – altos índices de inflação, "arrochos" salariais, desemprego etc. No caso do Sul fluminense, a década de 1980 se destacou pelas inúmeras greves que ocorreram na CSN, inclusive a de 1988 que foi reprimida violentamente (e que resultou na morte de três trabalhadores) algumas semanas após a promulgação nova Carta Constitucional.

¹⁹ Fonte: Paula, Christiane Jalles; Lattman-Weltman, Fernando (Coord). Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro Pós -30 Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb> Acesso em 06 de agosto de 2012 - Verbete CSN.

A Igreja Católica e o Bispo

A década de 1980 foi marcada na cidade de Volta Redonda por muita mobilização política do sindicato e de outros movimentos sociais locais. E nessa efervescência política e social a Igreja Católica teve papel fundamental.

Segundo Pereira (2007:98):

Não obstante seu protagonismo, esses atores tiveram nos setores progressistas da Igreja Católica um aliado fundamental. Mais do que um apoio estratégico para suas reivindicações, a Igreja atuou diretamente na formação de lideranças do movimento social e na construção de uma identidade de luta entre moradores, homens e mulheres de Volta Redonda.

A Igreja em Volta Redonda era orientada a partir dos Concílios realizados na década de 1960 e que a direcionaram para um posicionamento mais direto em relação às questões sociais, a chamada "posição preferencial pelos pobres". O engajamento social de padres e outros membros da Igreja teve em Volta Redonda a marca de dom Waldyr Calheiros Novaes.

Nascido em 1923, Dom Waldyr Calheiros foi nomeado bispo auxiliar da Diocese do Rio de Janeiro e em 1966 foi nomeado bispo da Diocese de Barra do Pirai e Volta Redonda, cargo que ocuparia por mais de 33 anos quando foi substituído por dom João Maria Messi. Depois, dom Waldyr se tornaria bispo emérito dessa Diocese.

Durante sua atuação na cidade de Volta Redonda, dom Waldyr foi conhecido pela sua intensa articulação com os movimentos sociais e as lutas contra a ditadura e a favor dos mais pobres, como no caso dos posseiros urbanos e dos trabalhadores da CSN.

O engajamento da Igreja nos problemas sociais da região foi além de apoio e das denúncias. A Igreja foi responsável por uma série de articulações e criação de instituições que ajudou na formação e atuação de vários movimentos sociais locais, além disso, ela foi responsável por dar respaldo e potencializar lutas sociais:

(...) apesar da presença central de D. Waldyr, o apoio político e a legitimidade institucional da Igreja abriam espaço para amplos setores militantes. A influência dos mecanismos e organizações criados pela ação da Igreja fez-se sentir claramente sobre a formação de lideranças sindicais e do movimento social que se destacaram a partir dos anos 1980 em Volta Redonda (Pereira, 2007:108).

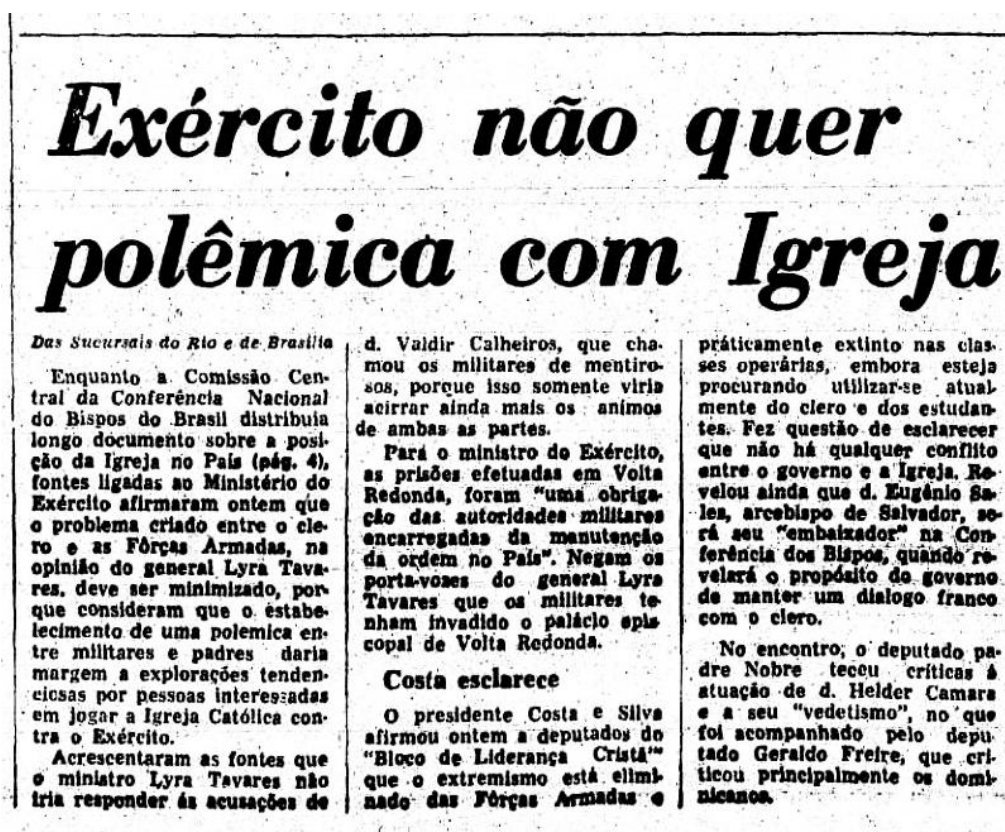
Essas organizações, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), foram responsáveis pela socialização política de muitos líderes sociais e políticos da região. Além disso, foram importantes na formulação de pautas políticas, principalmente nos assuntos relacionados às questões sociais e aos mais pobres. Devido à capacidade de influência e a inserção social que a Igreja tinha na cidade e sobre os moradores (portanto, eleitores), os grupos políticos tinham que levar em consideração o apoio ou a avaliação das ações feitas por esses atores (Igreja e padres).

Além disso, a presença das CEBs nas áreas mais carentes e que o Estado não conseguia alcançar, foi responsável pela inclusão, organização e potencialização das lutas dessas pessoas e movimentos. (Pereira, 2007).

A atuação da Igreja católica na cidade de Volta Redonda foi importante na denúncia aos atos da ditadura militar e como respaldo para grupos perseguidos durante esse período.

Figura 3:

A Igreja usava de sua estrutura (física e simbólica) para dar respaldo e legitimação aos movimentos sociais



Fonte: O Estado de S. Paulo – (01/12/1967)

Em algumas reportagens no jornal *O Estado de S. Paulo* da época, podemos ver como que a Igreja católica era atuante e como alguns personagens do cenário político local se incomodavam com essa atuação. Em outubro de 1984, em uma reportagem intitulada "Padres acusados no Rio de estimular os conflitos" podemos ler a declaração do então prefeito da cidade de Volta Redonda, Benevenuto Santos Netto²⁰ que acusa a Igreja de fazer uma "estranha aliança entre a Igreja e as esquerdas mais radicais" para provocar movimentos de contestação. (*O Estado de S. Paulo* – 14/10/1984).

²⁰ Professor, foi o último prefeito nomeado da cidade. Ficou no cargo no período correspondente entre os anos de 1983 e 1986. Foi substituído pelo médico Marino Clinger Toledo Neto.

Em outra reportagem, o jornal divulga que o vereador Vander Lucas de Campos Ávila (PTB) escreveu uma carta ao papa João Paulo II pedindo providências quanto a participação política de D. Waldyr Calheiros e a Igreja local:

Denunciada ao papa política em igreja

O vereador Vander Lucas de Campos Ávila de Volta Redonda (RJ) enviou uma carta e recortes de jornais ao papa João Paulo II denunciando que o bispo D. Waldyr Calheiros de Novaes lidera alguns padres que "estão fazendo movimentos de política partidária dentro do recinto sagrado das igrejas". "Dizendo que a Igreja fez opção pelos pobres, pregam, inclusive nas missas, a discórdia, a contestação de forma radical contra todas as autoridades constituídas que não pertencem ao partido político que os padres defendem". - diz a carta. Depois de fazer a denúncia, o vereador pede ao papa que, "como representante de Cristo, expulse os vendilhões do templo". E prevê que o afastamento de D. Waldyr Calheiros devolverá a tranquilidade a Volta Redonda e os católicos poderão "ir à igreja sem poluir a mente".

(...)

O vereador conta na carta que organizações como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Juventude Operária Católica (JOC), Movimento de Mães e outras, "ligadas a movimentos políticos, promovem reuniões nas igrejas, onde pregam a desarmonia e a contestação. Passam a palavra de ordem àqueles que, sendo "inocentes úteis", saem às ruas de nossa cidade pregando a mesma palavra que recebem".

Segundo Vander Lucas de Campos Ávila, nos últimos quatro anos "as passeatas formam-se pelos mais diversos motivos", geralmente mantendo uma fachada reivindicatória, referindo-se a "problemas que sensibilizam o povo, tais como, passe escolar, desemprego, posse de terra, fome, salários etc. Mas, na verdade, pressentimos ser um movimento do tipo trotskista, a exemplo do que foi feito na Rússia".

(...)

No final de sua carta, o vereador de Volta Redonda "atreve-se" - como ele diz - a fazer "humildes sugestões" ao papa: "autorizar o bispo dom Waldyr Calheiros de Novaes e outros a se candidatarem a cargos políticos", para que assumam as responsabilidades de suas decisões; ou então, "em último caso, que se transfira d. Waldyr Calheiros para outro local do País, onde o mesmo não possa influenciar politicamente os cristãos que querem orar" (O Estado de S. Paulo – 01/11/1984).

As notícias acima corroboram a afirmação de que a Igreja local era atuante nas lutas populares, participava, organizava e instruía as lideranças e pautava questões políticas da época.

Eles [os padres liderados por dom Waldyr] falavam que na trajetória de vida no Egito, aquele povo vivia no deserto. Viviam lá, só isso. Era uma sociedade

igualitária, tinha os 10 mandamentos que valiam para todos. E Jesus veio e foi contra aquela ordem estabelecida, sabe? Os primeiros cristãos viviam em comunidades igualitárias, tanto que é por isso que Jesus morreu, é por isso a Cruz.

Assim, essa foi a visão. Realmente a Igreja estava certa, tinha que ajudar a transformar. Aí que eu comecei a pensar que a política, se for honesta, pode transformar. É um agente de transformação. (Inês Pandeló) ²¹.

Em outro depoimento podemos ver como a Igreja foi capaz de organizar e formar militantes sociais e políticos:

Quando começou o Concílio Vaticano II, (...) os padres jesuítas, (...) se distribuíram na paróquia para fazer trabalhos na Igreja, normalmente com jovens, então na minha paróquia lá na rua São João, Igreja Nossa Senhora Aparecida, tinha um padre chamado Ivo que juntou os jovens naquela Igreja e fundou uma associação chamada Associação Católica Juvenil e, como tinha padres em outras Igrejas, acabou que em Volta Redonda toda Igreja tinha uma associação de jovens. Então [estava] a juventude toda mobilizada em torno da política. (...) Chegamos a fundar uma entidade na diocese que chamava JUDICA, que era Juventude Diocesana Católica, que congregava todos os outros grupos, uma tipo de federação. (...) [E] sob liderança de dom Waldyr, então estudávamos o evangelho à luz da realidade. Então, todos nos discutíamos a política. Não era a luz do Marx, mas se estudava todos os conceitos e a gente atuava a partir desta análise da realidade e esse movimento cresceu muito. (Maria Aparecida das Dores²²).

Eleições de 1985: Marino Clinger prefeito

Com o fim da intervenção na cidade foram convocadas eleições municipais no ano de 1985 para definir prefeito e vereadores. Nesse pleito foi eleito Marino Clinger (do PDT).

²¹ Maria Inês Pandeló Cerqueira é mineira de origem e radicada em Barra Mansa. É uma das fundadoras do PT em Barra Mansa, partido pelo qual foi eleita vereadora (1992-1996) e prefeita de Barra Mansa (1996-2000), a única mulher na história da região. Atualmente é deputada estadual do Rio de Janeiro. Entrevista realizada em 03 de maio de 2011 para o autor e Luanda de Oliveira Lima.

²² Maria das Dores Mota, conhecida como Dodora, é professora e militante do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE). Filiada ao PSOL foi candidata a prefeita de Volta Redonda em 1998. Foi por muito tempo militante do PT, partido pelo qual foi eleita vereadora de Volta Redonda (1992-1996). Entrevista realizada em 09 de novembro de 2011.

Marino Clinger Toledo Neto²³ nasceu em 1933 na cidade de Manhuaçu, Minas Gerais. É tio do ex-prefeito Gothardo Lopes Netto. Estudou farmácia na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Rio de Janeiro entre os anos de 1954-1956 e formou-se em Medicina na Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro em 1961. Clinger era um "médico católico com forte inserção em áreas carentes do município, sobretudo aquelas onde o Movimento dos Posseiros Urbanos e as associações de moradores se mostravam mais atuantes". (Lima, 2010: 68).

Começou sua carreira política se elegendo vereador em Volta Redonda em 1982 pelo PDT, partido de que era um dos fundadores na cidade. Foi o vereador mais votado nessa eleição, obtendo 6.988 votos, marca recorde na cidade até hoje. Nessa eleição havia a regra da "verticalização" que obrigava o eleitor a votar em nível local no mesmo partido que votou para governador. Desta forma, Marino Clinger se beneficiou da expressiva votação conseguida por Leonel Brizola (PDT), que neste mesmo ano foi eleito governador do Rio de Janeiro, nas primeiras eleições diretas para governador depois da ditadura militar e também a primeira eleição para governado do estado depois da fusão do Rio de Janeiro com o estado da Guanabara.

Apesar de nesse ano o prefeito ter sido nomeado²⁴, nas eleições locais houve uma clara vitória das forças de oposição. Embora o PDS²⁵ tenha conseguido o maior número de votos e a maior quantidade de cadeiras na Câmara Municipal de Volta Redonda, os outros partidos somados conseguiram a maioria das cadeiras, segundo mostra a Tabela 1:

²³ Fontes: Câmara dos Deputados: www.camara.gov.br e Paula, Christiane Jalles; LATTMAN-WELTMAN, Fernando (Coord). Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro Pós -30 Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb> . Acesso em 08 de agosto de 2012.

²⁴ Foi nomeado Benevenuto Santos Netto.

²⁵ O PDS era o partido mais "alinhado" politicamente com os governos anteriores e com a ditadura.

Tabela 1:

Eleições para Câmara Municipal de Volta Redonda		
1982		
Partido	Votos	Cadeiras
PDS	27.546	7
PDT	23.080	5
PMDB	19.332	4
PTB	9.007	2
PT	6.161	1
Fonte: TSE		

Em 1985, nas primeiras eleições para prefeito de Volta Redonda desde 1972, Clinger se elege prefeito com menos de 2 mil votos de diferença para Nelson Gonçalves (do PFL), último prefeito a ter sido eleito até então e superando também o ex-prefeito Aluizio de Campos Costa (PDS) como mostra Tabela 2:

Tabela 2

Eleições para Prefeito de Volta Redonda			
1985			
Candidato	Partido	Votos	
Marino Clinger Toledo Neto	PDT	37.846	
Nelson dos Santos Gonçalves	PFL	35.921	
Edson Ricardo Sant'Anna	PT	11.203	
Ari Cabral	PMDB	5.888	
Aluizio de Campos Costa	PDS	3.764	
Sylvestre Ferreira Rosa	PSB	1.770	
Helid Raphael de Carvalho Junior	PCB	1.061	
Fonte: TSE			

Clinger governou até 1988, quando passou o posto para Juarez Antunes (PDT). Após o seu mandando, em 1990, se candidatou a Deputado Federal e, como suplente, assumiu depois que Brandão Monteiro (PDT) foi nomeado secretário do governador Leonel Brizola. Em janeiro de 1993, Clinger tomou posse definitiva na Câmara dos Deputados em substituição a César Maia (PDT) que havia se licenciado para assumir a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

Nas eleições de 1994 e 1998 tentou mais uma vez a vaga de Deputado Federal pelo PDT, e em 2002, tentou uma vaga na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), todas tentativas sem sucesso.

No ano de 1996, disputou a prefeitura de Volta Redonda, mas ficou em terceiro lugar no pleito vencido por Antonio Francisco Neto, então candidato pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Em 1999, Clinger ainda foi Subsecretário de governo do governador Anthony Garotinho antes de ambos romperem com o PDT e se filiarem no PSB. Mais recentemente, Clinger se filiou ao Partido da República (PR).

O Sindicato dos Metalúrgicos e a Greve de 1988

O sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR) foi fundado em 1943 em Barra Mansa. Um ano depois foi para Volta Redonda. A própria Companhia Siderúrgica Nacional transferiu o sindicato do bairro de Saudade em Barra Mansa para a Av. Amaral Peixoto, em Volta Redonda, doando o terreno para a organização que viria a ser a "mediadora" dos conflitos da empresa com os trabalhadores. Segundo Lima (2010:39), até o golpe militar de 1964, o sindicato não era de muita reivindicação tendo em vista que "os trabalhadores da Companhia já haviam alcançado conquistas significativas se comparados aos demais operários do país, como o 14º salário (conhecido como "girafa" em Volta Redonda), a participação nos lucros da empresa e o reconhecimento do delegado sindical".

O ambiente corporativista se expressava também na ideia de "família". Esse termo, muito presente nos discursos oficiais durante o Estado Novo expressava a relação de tutela e de os laços corporativos na relação entre Estado e sociedade e era usada frequentemente pelo Estado para ao se relacionar aos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional. (Cf. Morel, 1989).

O chamado "novo sindicalismo", criado no final dos anos 1970 a partir do ABC paulista, só "tem sua afirmação em Volta Redonda a partir da vitória da Oposição Sindical em 1983" (Pereira, 2007:73), quando José Juarez Antunes assume o cargo de presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR), como líder da oposição sindical. Nesse mesmo ano o sindicato se filia a Central Única dos Trabalhadores (CUT). A chegada desse novo grupo²⁶ ao comando do sindicato significou um acirramento das relações com a CSN e o sindicato pararia as atividades da empresa por diversas vezes. Confirmando essa mudança de postura, em 1984 ocorreu a primeira greve na Companhia Siderúrgica Nacional em mais de 40 anos de história.

Segundo Lima (2010:45),

O período que se estende de 1983 (ano de fundação da Central Única dos Trabalhadores - CUT) até 1986 marca a firmiação política do Sindicato sob a esfera de um "novo sindicalismo" com alto grau de convocação social e capacidade de mobilização dos trabalhadores em resposta aos anos de repressão às greves e de cerceamento às liberdades de expressão impostos pela Ditadura Militar.

Entretanto, anteriormente à greve de 1984, em Volta Redonda, ocorreu a chamada "greve da botina" na Siderúrgica Barra Mansa:

Todo mundo fala muito da greve da CSN, mas para os metalúrgicos da região de Volta Redonda antes da greve da CSN houve uma greve também numa empresa

²⁶ Segundo Pereira (2010:82), as oposições sindicais eram grupos que eram compostos por "militantes em franca oposição às diretorias consideradas acomodadas ou 'pelegas'", estavam, em sua maioria, ligados a Igreja católica e valorizavam a organização de modo menos centralizadas como nas comissões de fábrica entre outros.

que nunca tinha enfrentado greve que é a do Ermírio de Moraes, a empresa do grupo Votorantim, a Siderúrgica Barra Mansa. (Vanderlei Barcelos)²⁷.

Durante a gestão do sindicato dos metalúrgicos por esse grupo, houve paralisações em todos os anos entre 1984 e 1990, sendo que essa última durou mais de um mês. (Monteiro, 1995 apud Dias, 2010). Seguidamente, as paralisações ocorridas entre os anos de 1986 e 1988, foram marcadas pela intervenção do exército sob o argumento da necessidade de se preservar a integridade dos equipamentos na Companhia. (Lima, 2010).

Essas greves e a resposta enfática da CSN e do Estado brasileiro demonstram que a relação entre a cidade e a Companhia ia na direção de uma desarmonização²⁸. Esses fenômenos podem ser vistos como o fim de um ciclo e de um padrão de relações de trabalho e, por conseguinte, de um conjunto de relações sociais em Volta Redonda. A Companhia que era considerada a "mãe", responsável pela cidade, se via agora em conflito aberto com os trabalhadores e, em extensão com os moradores da cidade. Isso se percebe também através dos resultados das eleições municipais. Desde o fim da intervenção federal, todos os candidatos eleitos eram mais próximos das questões sociais da cidade e cresceram as mobilizações dos movimentos de reivindicação urbanos. Segundo Pereira (2007:110) "ainda que houvesse disputas internas e rachas, bairros, sindicatos, igreja, partido etc., mostravam-se como esferas de pertencimento mais ou menos articuladas".

Essa conjuntura mostrou uma efervescência dos movimentos sociais no país, mas especialmente em Volta Redonda,

²⁷ Vanderlei Barcelos de Souza foi da diretoria do SMVR. Militante do PT foi também vereador da cidade (1988-1992). É irmão do ex-presidente do SMVR Wagner Barcelos. Entrevista realizada em 12 de setembro de 2011.

²⁸ Como isso não quero levar a entender que anteriormente a esse período as relações eram harmônicas e sem ruídos. O que estamos tentando mostrar é que esse novo período e essa nova forma de se relacionar escancararam problemas nessa relação que são respondidas e tratadas com mais ênfase e progressivamente, devido a entrada de novos atores, a relativa diminuição da repressão e ao cenário nacional de luta a favor da democratização; surge a possibilidade de resposta da sociedade de forma mais direta e com maior enfrentamento.

O conjunto variado de lutas urbanas e operárias assumiria um caráter geral de luta pela democracia, pela anistia política e por eleições diretas. A palavra de ordem "abaixo a ditadura" significava liberdade política, mas também salário, moradia, educação e saneamento. Para militantes e trabalhadores metalúrgicos, como para muitos moradores e moradoras, os anos 1980 abriria, a possibilidade de tomar a Cidade do Aço, sua história e o seu destino em mãos. (Pereira, 2007: 110).

A articulação dos movimentos sociais e o respaldo dado pela cidade ao sindicato são destacados no seguinte depoimento:

Na verdade, se misturava: movimento sindical e movimento popular eram um paralelo, eram juntos. Se misturavam por que a Igreja, ela dava força para um sindicalismo que defendesse o trabalhador. Então, por exemplo, a primeira greve em 1984, eu era operário, quem que sustentou a greve? O movimento popular através das comunidades eclesiais de base, através dos movimentos contra a violência, contra a carestia e as associações de moradores. (José Maria da Silva)²⁹.

Todavia, não é somente a Igreja a responsável e facilitadora dessa articulação. Vanderlei Barcelos destaca que,

Geograficamente também Volta Redonda ajuda. (...) a cidade é pequena. Em Barra Mansa, onde houve muita luta também, mas que a cidade não girava em torno da usina, essa relação se dava nos bairros metalúrgicos. Onde o bairro não era metalúrgico o envolvimento era quase zero. Lá você não fazia com a cidade toda por que a relação da cidade com a siderúrgica era muito diferente. Resende, por exemplo, o envolvimento das pessoas era zero, por que a área industrial de Resende fica totalmente fora da cidade. E a expressão de Resende é a Academia Militar das Agulhas Negras. Então, umas duas ou três fábricas metalúrgicas que envolvia três mil trabalhadores, o envolvimento lá era zero com a cidade. Entre outros fatores por que a dispersão era muito grande. (Vanderlei Barcelos).

Ou seja, o tipo de relação estabelecido entre a Companhia (leia-se, o Estado) e a cidade, desde sua formação, contribuiu para a constituição de dinâmicas sociais locais e do modo como que a cidade responde às questões políticas. O que reforça a ideia de que com a progressiva "separação" entre a CSN e Volta Redonda, a dinâmica social iria ser modificada e, conseqüentemente, a dinâmica política ganharia novos contornos.

²⁹ José Maria da Silva, conhecido como Zezinho, é jornalista, químico aposentado da CSN e fundador e militante do Movimento Ética na Política de Volta Redonda (MEP-VR). Foi candidato a vereador em 1992, mas não obteve sucesso. É também assessor sociopolítico da Diocese de Barra Mansa e Volta Redonda desde 1997. Entrevista realizada em 01 de fevereiro de 2012.

O ano de 1988 foi especial na história política brasileira, pela promulgação da Carta Constitucional de 1988. Esta Constituição, considerada um marco na proteção das questões sociais, aumentou as expectativas dos movimentos sociais e populares quanto a transformações sociais e estimulou várias greves por todo país. (Pereira, 2010:130).

Em Volta Redonda, novembro de 1988, o sindicato dos metalúrgicos declarou greve e ocupou a CSN. Essa greve, porém, foi diferente das anteriores. Mesmas as que tiveram ocupação e presença do exército não tiveram o fim trágico que essa teve. Ao final, a despeito de resultados práticos das demandas dos grevistas, o saldo da greve foi a morte de três operários em confronto com o exército durante a invasão a usina³⁰.

A repercussão dessa greve e de seus resultados extrapolou os limites locais. Jornais brasileiros e internacionais noticiaram o "massacre de Volta Redonda".

O jornal americano *The New York Times* relatou os acontecimentos em Volta Redonda, destacando a comoção popular com os acontecimentos:

Cinco trabalhadores grevistas são mortos por tropa numa usina siderúrgica brasileira

Milhares de grevistas ocupando a maior indústria siderúrgica do Brasil atiraram pedras e bombas incendiárias em policiais e soldados na quarta-feira. As Tropas responderam com gás lacrimogêneo, porretes e arma de fogo, cinco trabalhadores foram mortos segundo os responsáveis da Usina. (...).

As tropas haviam ocupado a planta na noite de terça-feira depois que 18 mil metalúrgicos entraram em greve por maiores salários e menor jornada. (...).

30 mil trabalhadores se reuniram após os confrontos de hoje, cerca de 30 mil metalúrgicos e seus apoiadores se reuniram em frente a prefeitura esperando os resultados da autópsia das vítimas. Mais tarde, cerca de 10 mil pessoas seguiram o cortejo fúnebre de um dos trabalhadores mortos. – Tradução Livre. (*The New York Times* – 11/11/1988)³¹.

³⁰ Sérgio Pereira explica como terminou a greve: "com o atendimento da maioria das reivindicações por parte do governo e principalmente depois de cumprida a exigência da retirada do exército da CSN, a greve chegaria ao fim após 17 dias. A contraproposta feita pela empresa no dia anterior foi finalmente aprovada por uma assembleia em 23 de novembro". (Pereira, 2010:134).

³¹ Striking Workers Are Killed by Troops At Brazil Steel Mill - Thousands of strikers occupying Brazil's biggest steel mill hurled rocks and firebombs at policemen and soldiers Wednesday night. Troops responded with tear gas, clubs and gunfire, and five workers were killed, plant officials said today.(...)Troops had occupied the plant Tuesday night after 18,000 steelworkers went on strike for higher pay and shorter hours.(...)30,000 Workers Gather After the clashes today, about 30,000 steelworkers and their supporters gathered in front of city hall and awaited autopsy results on the victims.

O *Jornal do Brasil* destacou na sua edição do dia 10 de novembro daquele ano o episódio ocorrido. Nos dias seguintes, mostrou a repercussão, incluindo a análise do Deputado Federal Ulisses Guimarães (PMDB), que classificou o episódio como uma "afrenta a Constituição"³².

Figura 4:



Fonte: Jornal do Brasil – 10/11/1988

O presidente José Sarney justificou o trágico incidente dizendo que a violência foi culpa "daqueles que não souberam utilizar a liberdade conquistada com a Constituição"³³. Naquela mesma semana, o governo, através de seu ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, disse que estava sendo pensada a possibilidade de desativação total ou parcial da usina em função do prejuízo de cerca de US\$40 milhões. (*O Estado de S. Paulo* – 16/11/1988).

Later, about 10,000 people followed the funeral procession of one of the slain workers. (*The New York Times* – 11/11/1988).

³² *Jornal do Brasil*, 11/11/1988.

³³ *O Estado de S. Paulo*, 11/11/1988.

Em resposta a essa ameaça, os movimentos sociais juntamente com o sindicato dos metalúrgicos organizaram uma grande evento de protesto político, terminando com um "abraço" simbólico na usina. As volta-redondenses deram as mãos e circundaram os mais de 13 km da Companhia para mostrar que a CSN fazia parte da cidade e que eles gostavam da usina.

Destaca-se nesses eventos a intensa articulação entre o sindicato, os movimentos sociais, a Igreja e os moradores da cidade. Dodora (do PSOL), por exemplo, ressalta a importância da Igreja para a formação dos militantes e para essa articulação:

Eu digo sempre assim: em Volta Redonda não tinha greve de categoria, tinha greve da cidade. Qualquer greve a cidade se mobilizava. Então todo mundo ia junto. Toda greve formava alguma frente que juntava todo mundo. Claro que tinha o comando da categoria, mas todo mundo participava. Tinha uma formação feita pela Igreja, por isso todo mundo parava. Estava na história, estava na formação. (Maria Aparecida das Dores).

A despeito da liderança de Juarez Antunes, então presidente licenciado do sindicato, Vanderlei Barcelos (ex-dirigente sindical metalúrgico) ressalta a capacidade do SMVR em arregimentar a população local mediante um intenso trabalho coletivo e de militância:

As pessoas olham aquela multidão na rua e pensam que foi uma liderança, sem nenhuma falta de respeito, mas pensam que Juarez chegou lá estalou os dedos e apareceram 20 mil pessoas na praça. Tanto não foi assim que de 1984 e 1988 se você pegar a história verá que um monte de vezes ele estalou os dedos e não apareceu ninguém na praça. (...) É claro que a pessoa se torna uma liderança na medida em que ele é a expressão disso, é a síntese disso, e tem a capacidade de comunicação, tudo que você quiser, não estou tirando nenhum valor. É um mérito a pessoa conseguir cristalizar isso e até se apresentar para ser a cristalização disso. Ótimo, todos os méritos. Mas a liderança como alguém que grita e aí aparece e do nada aparece tudo. (Vanderlei Barcelos).

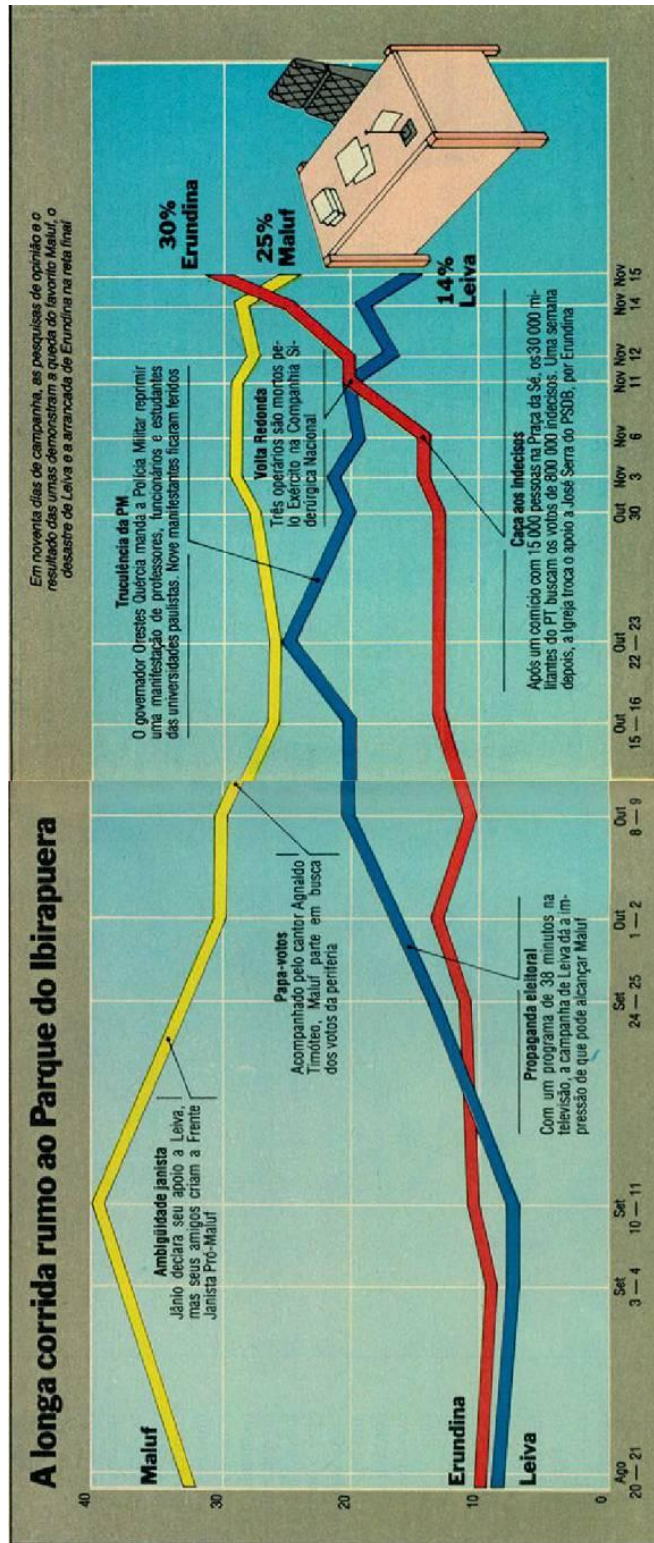
Mas a maior repercussão desses eventos foi no sentido político e eleitoral. Uma semana antes das eleições, chegou-se inclusive a cogitar do adiamento do pleito. O prefeito Clinger, porém garantiu que a cidade estava pronta para as eleições e o governador do estado do Rio de Janeiro, Moreira Franco, também se mostrou contra o

adiamento, fato que caracterizou como um "precedente perigoso". (*O Estado de S. Paulo* – 12/11/1988).

O resultado das eleições mostrou que o eleitorado estava votando contra os governos, contra a inflação e contra a violência em Volta Redonda. A revista VEJA da semana seguinte apontou uma derrota eleitoral do PMDB - partido do presidente da República José Sarney e de grande parte dos governadores e prefeitos - e a ascensão de partidos mais à esquerda, como o PDT e o PT. Na reportagem intitulada "O soco das urnas", a VEJA mostra um gráfico com as intenções de votos para o cargo de prefeito de São Paulo e mostra como que, apesar do crescimento anterior, o ocorrido em Volta Redonda contribuiu significativamente para uma virada histórica a favor da candidata do PT Luiza Erundina frente a Paulo Maluf (PDS).

Figura 5:

A partir do ocorrido em Volta Redonda, a candidata do PT teve um crescimento decisivo para o resultado das eleições.



Fonte: Revista Veja – 23/11/1988

Em Volta Redonda, Juarez Antunes foi eleito prefeito da cidade pelo PDT com mais de 50 mil votos, aproximadamente 60% do total. O vice-prefeito eleito foi Wanildo de Carvalho, também do PDT. O resultado para a Câmara Municipal foi igualmente significativo: das 21 cadeiras, o PDT conseguiu 7, com seus eleitos todos entre os 12 mais bem votados. O PT elegeu 3 vereadores.

Nessa mesma edição da revista *VEJA*, um texto aponta a repercussão da greve de 1988 no Brasil e especificamente em Volta Redonda:

A voz do cemitério

"Lamento as mortes, mas elas servirão de exemplo para os outros", disse o general José Luis Lopes da Silva ao bispo de Volta Redonda, dom Waldyr Calheiros, para justificar a morte de três metalúrgicos durante a invasão da Companhia Siderúrgica Nacional por tropas do Exército, há quinze dias. Na semana passada, muitos dos candidatos do PMDB achavam que o exemplo das mortes serviu para ajudar os adversários que concorriam mais à esquerda e creditavam boa parte de sua derrota na corrida às prefeituras à tragédia de Volta Redonda.

"Acho que em todo o país as urnas responderam ao episódio", afirmou, por exemplo, o médico Nelson Gonçalves Filho, que disputou a prefeitura de Volta Redonda pela coligação PFL-PMDB-PSC. O seu concorrente, o deputado federal Juarez Antunes, do PDT, ganhou a eleição com o dobro dos votos dados ao candidato do PFL.

"Em visitas feitas a fábricas depois do massacre, pude perceber a hostilidade de alguns eleitores", queixa-se o deputado Maurício Fruet, que disputou a prefeitura de Curitiba pelo PMDB. "Pelo menos três operários me disseram, nessas visitas, **que não votariam mais no PMDB por que o partido tinha mandato matar operários em Volta Redonda**", conta Fruet.

"Não tenho dúvidas de que o episódio da Companhia Siderúrgica Nacional nos ajudou", afirma o deputado José Genuíno, do PT, que na semana passada comemorava a vitória de Luiza Erundina em São Paulo.

Na semana passada, o general Lopes, que comandou a ação em Volta Redonda, procurou desmentir o diálogo contado a *VEJA* pelo bispo da cidade. "Jamais disse ao dom Waldyr Calheiros que a nossa operação serviria de exemplo", negou o general. "Disse apenas que lamentava o ocorrido, mas que fizemos tudo no cumprimento de uma missão", afirmou. "Ele pode até dizer que foi mal interpretado", contesta dom Waldyr. "Mas, que disse isto, disse", completa.

Se de fato os três mortos serviram de exemplo, as urnas podem ter indicado que o general errou os tiros. (*Revista VEJA* – 23/11/1988 – Grifos do autor).

No dia do trabalhador de 1989, foi inaugurado um monumento idealizado por Oscar Niemeyer em homenagem aos três operários mortos. Este mesmo monumento sofreu um atentado a bomba menos de 24 horas depois. Depois desse episódio, o

monumento foi reerguido de modo a manter as marcas da explosão, com a adição da seguinte frase: "Nada, nem a bomba que destruiu este monumento, poderá deter os que lutam pela justiça e liberdade".

Juarez Antunes venceu o pleito em Volta Redonda superando Nelson dos Santos Gonçalves Filho³⁴ (PFL-PMDB) e o então deputado estadual Antonio Francisco Neto (PL).

José Juarez Antunes³⁵ havia sido eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR) em 1983, cargo no qual ficou por dois mandatos. Participou ativamente da primeira greve da história da Companhia em 1984. No ano seguinte, se desligou do PT e se filiou ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) pelo qual foi eleito deputado federal constituinte em 1986.

Nasceu em 1935 na cidade de Estrela D'Alva, em Minas Gerais. Tinha ensino superior incompleto em engenharia civil.

Em Volta Redonda foi mestre de forno de aço na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Na vida política foi inicialmente filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido que abrigava a maior parte das oposições ao regime militar. Com o fim do bipartidarismo se filiou ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e mais tarde se filiou ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Entretanto, 51 dias após a posse, Juarez Antunes morreu em um acidente de carro, evento que foi cercado de mistério e de dúvidas, principalmente depois que o bispo dom Waldyr Calheiros disse ter sido também ameaçado de morte, com o detalhe de a morte seria em condições semelhantes ao que tinha acontecido com o ex-prefeito:

³⁴ Filho de Nelson Gonçalves, que foi prefeito da cidade por duas vezes e havia perdido as eleições anteriores para Marino Clinger.

³⁵ Paula, Christiane Jalles; LATTMAN-WELTMAN, Fernando (Coord). Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro Pós -30 Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb> Acesso em 20 de agosto de 2012

um acidente de carro fora do estado do Rio de Janeiro. (*O Estado de S. Paulo* - 11/03/1989).

A privatização do aço da cidade

Em 21 de fevereiro de 1989, Wanildo de Carvalho tomou posse como prefeito de Volta Redonda e governou até 1992. Wanildo nasceu em Pequeri, Minas Gerais. Teve seu mandato marcado por denúncias de corrupção e pelo processo de privatização da Companhia Siderúrgica Nacional.

Neste mesmo ano, nas primeiras eleições diretas para presidente da república, ganhou Fernando Collor de Mello pelo Partido da Reconstrução Nacional (PRN). O governo Collor ficou marcado, além do processo de impugnação de seu mandato, pelas privatizações e abertura do mercado brasileiro para o comércio internacional.

A partir da Lei N° 8.031, de 12 de abril de 1990, o presidente criou o Programa Nacional de Desestatização (PND) com o objetivo, segundo a lei, de reordenar a posição estratégica do Estado na economia, passando para a iniciativa privada atividades antes exploradas pelo setor público. Desta forma se acreditava que o Estado poderia diminuir a dívida pública e sanear as finanças do setor público e se "concentrar" em atividades mais essenciais e consideradas prioritárias para o Estado brasileiro.

Conseqüentemente a essa lei, em 16 de janeiro de 1992, o governo lançou o Decreto n° 426 que incluía no Programa Nacional de Desestatização (PND) a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), além da Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA), a Aço Minas Gerais (AÇOMINAS) e a Companhia Nacional de Alcalis (CNA).

A população e os movimentos sociais de Volta Redonda, liderados pelo bispo dom Waldir Calheiros, saíram às ruas e protestaram contra a proposta de venda da siderúrgica. Mas, o medo da falência da empresa teria desmobilizado a cidade. Segundo

Lima (2010), o movimento contrário foi progressivamente se esmaecendo, ficando limitado a Igreja, a CUT e ao PT.

O anúncio da venda da Companhia foi recebida com apreensão em Volta Redonda, principalmente depois que Roberto Procópio Lima Neto³⁶, propagandista da privatização, foi escolhido novo presidente da CSN. A cidade estava vendo o seu maior símbolo ser vendido.

Outro fator que evidenciou a aproximação da venda foi o racha³⁷ e a derrota da CUT para a Força Sindical nas eleições para a direção do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR). A privatização era uma das principais bandeiras de Luis Oliveira Rodrigues, dissidente da CUT e do PT e que tinha Lima Neto como seu "cabo eleitoral". (*Jornal do Brasil* – 25/07/1992).

O governo federal determinou um plano de saneamento que foi cumprido pelo novo presidente da estatal. Esse plano previa demissões em massa, a privatização da Companhia, de seu hospital, da Fábrica de Estruturas Metálicas (FEM), além de cancelamentos de contratos com pelo menos 50 empreiteiras. Segundo Lima Neto, para realizar a venda da Companhia, três passos deveriam ser dados: "primeiro, a empresa deve ser salva, depois saneada e só então vendida" (*O Estado de S. Paulo* – 09/05/1990). Para isso, adotou uma postura "mais dura, mas que salvou a CSN" e que foi facilitada com a eleição dos sindicalistas ligados à Força Sindical. (*O Estado de S. Paulo* – 20/12/1992).

Segundo Lima Neto:

³⁶ Roberto Procópio de Lima Neto nasceu no ano de 1940 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. É formado em engenharia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) além de ter os títulos de mestre em engenharia mecânica, mestre em engenharia industrial e doutor em planejamento de sistemas econômicos e engenharia industrial pela Universidade de Standford, nos Estados Unidos. Trabalhou como técnico do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), além de ter sido presidente do Centro Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (CEBRAE).

Foi presidente da CSN por duas ocasiões. Em 1994 foi eleito deputado federal pelo PFL, mas não conseguiu se reeleger em 1998. Fonte: CPDOC – verbete Lima Neto.

³⁷ Para maiores informações sobre o racha e as disputas políticas em torno dessa eleição e de outros momentos do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda ver Pereira (2010).

"Em abril de 1990, quando assumi a presidência da Cia. Siderúrgica Nacional, a empresa estava quebrando. Vinham sendo fechadas várias linhas de produção por falta de crédito para comprar matéria-prima. [A usina de] Volta Redonda devia, em média, sete salários a cada operário. Devia a fornecedores, alguns com créditos para pagar desde outubro de 1989. A CSN tinha então um quadro absolutamente exagerado de 23.700 pessoas, e um endividamento de US\$ 2, 6 bilhões, a maior parte constante de pagamentos atrasados. E o caixa era zero. (...) Qual foi o milagre que salvou a CSN? Na realidade não se pode chamar de milagre o que foi apenas o resultado de uma administração séria, que reduziu para 16.700 pessoas os quadros da empresa, cortou 545 cargos desnecessários de gerência e diminuiu custos de fornecedores, bancos, empreiteiros, transportadores rodoviários, etc. E que buscou negociar as dívidas, assumindo uma postura realista diante dos credores. (...)

O que realmente afundava a CSN eram as influências políticas que lesavam profundamente a empresa e uma guerra trabalhista, estimulada pelos políticos e já marcada por 12 greves em apenas seis anos. (*O Estado de S. Paulo* – 23 de dezembro de 1992).

O "saneamento" feito na CSN teve como saldo principal, a despeito dos bons resultados financeiros, um número expressivo de demissões, como mostra a Tabela 1:

Tabela 1:

Número de empregados - CSN	
1988	23.000
1989	22.000
1990	21.047
1991	17.300
1992	16.600

Fonte: Jornal do Brasil – 29/03/1993.

O Programa Nacional de Desestatização (PND) marcou para 22 de dezembro de 1992 o leilão da CSN. Todavia, a crise política no governo federal e a ascensão de Itamar Franco à presidência da República gerou um ambiente de desconfiança sobre a continuidade desse processo de privatização.

Em dezembro de 1992 o governo anunciou a suspensão de todo o programa de privatizações por três meses para discutir o preço mínimo exigido para a compra. O leilão da CSN foi adiado para abril de 1993, portanto já na gestão de um novo prefeito em Volta Redonda, Paulo Baltazar.

Depois de protesto e das tentativas frustradas do governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, de impedir a venda, o leilão foi enfim realizado no dia 2 de abril de 1993. Segundo Pereira (2007:214),

Do total de ações colocado à venda, 73% foram arrematados, o que fez com que a operação fosse finalizada apenas na semana seguinte. O vencedor do leilão dói o consórcio de investidores formados por Docena, Bamerindus, Grupo Vicunha, Emesa e Clube de Investimentos CSN, que tinha o ex-presidente Lima Netto como seu principal articulador.

No momento da venda, a cidade de Volta Redonda tinha 220 mil habitantes, sendo que 16,6 mil trabalhavam para a CSN, o que correspondia a 66.400 pessoas que dependiam diretamente dos recursos provenientes da CSN. Além disso, grande parte dos serviços prestados a CSN eram contratados na própria região. A Companhia era também dona de dois terços das terras urbanas de Volta Redonda, incluindo vários equipamentos na cidade. (*O Estado de S. Paulo* - 29 /03/1993).

Segundo Lima (2010:122),

No momento da privatização, a empresa e a Fábrica de Estruturas Metálicas (FEM), sua subsidiária, contribuíam com 60% do IPTU arrecadado pelo município. A siderúrgica respondia ainda por 8% do ICMS do estado do Rio de Janeiro, sendo que 4,2% retornavam à Volta Redonda, correspondendo a 80% da sua receita.

O impacto do processo de privatização sobre a cidade acabou sendo um dos elementos que favoreceram a emergência de uma nova "elite" política na prefeitura da cidade.

Nesse capítulo nos dedicamos a contextualizar o ambiente que permitiu a emergência desse novo grupo político. Desta forma, esboçamos um panorama, baseado

na bibliografia sobre a cidade de Volta Redonda mostrando como foi o desenvolvimento histórico da cidade e sua estreita ligação com a história da Companhia Siderúrgica Nacional.

Vimos, portanto, como que a criação da CSN e a formação da cidade caminharam lado a lado e como isso influenciou as relações sociais locais. Ressaltamos momentos importantes da história da cidade como a emancipação frente a Barra Mansa, a atuação da Igreja na formação e no apoio ao movimentos sociais e destacamos a chegada da "oposição sindical" na administração do sindicato dos metalúrgicos e sua postura mais de enfrentamento com a direção da empresa. Nesse episódio, a greve de 1988 foi um elemento importante porque mostra tanto a rede de relações sociais presente na cidade como foi um marco simbólico para as eleições posteriores.

Por fim, terminamos o capítulo discutindo o processo de privatização da CSN e as consequências para cidade, o que nos introduz para o próximo capítulo.

Capítulo 3 - O Contexto Político de Volta Redonda no pós-1993

No capítulo anterior foi apresentado o cenário da redemocratização responsável por fazer surgir um novo contexto, que associado à crise vivenciada pela cidade, com a privatização de seu maior símbolo – a CSN, permitiu a possibilidade política de que determinadas biografias pudessem se utilizar de certos capitais para ascender politicamente, mesmo que enfrentando dificuldades e limites colocados pela dinâmica política da época.

É neste cenário que ascende ao poder em Volta Redonda a “Frente Popular”, com um governo liderado por Paulo Baltazar - médico evangélico que teve grande inserção nas áreas periféricas da cidade trabalhando como voluntário. A trajetória desse personagem nos revela importantes características do contexto político da cidade. Esse foi o momento, segundo analistas, que o movimento popular da cidade chega ao poder público depois de um ensaio no governo Juarez Antunes. (Lima, 2010; Pereira, 2007).

Este capítulo vai discutir a emergência da “Frente Popular” na prefeitura da cidade e no contexto político local. O centro da análise será a trajetória política e de vida de Paulo Baltazar, o primeiro prefeito eleito por essa aliança e de como nesse cenário político, a “Frente Popular” conseguiu se eleger e se manter no poder por vários anos. Por fim, iremos analisar aspectos do processo de transição, a afirmação e os problemas dessa aliança e a o começo da "era Neto", entendendo, assim, como essa aliança se utilizou de elementos eficazes eleitoralmente e governou a cidade em um contexto muito específico.

Paulo Baltazar e a "Frente Popular": a prefeitura da cidade

As eleições municipais de 1992 iriam mostrar o impacto das mudanças que vinham ocorrendo na cidade. Baltazar enfrentou a oposição de candidatos tradicionais

na política local. Além disso, se opôs a ele o sindicato dos metalúrgicos (SMVR), então controlado pela Força Sindical:

Além do Sindicato controlado pela Força Sindical, outra significativa oposição ao candidato, naturalmente, veio da Companhia, já presidida por Roberto Procópio de Lima Netto. O engenheiro apostou em uma candidatura própria, apoiando o professor Jessé de Hollanda Cordeiro, diretor da Escola Técnica Pandiá Calógeras e chefe do programa de treinamento da empresa, e do empresário Carlos Haasis, ambos do Partido Social Trabalhista (PST). (Lima, 2010:81).

Lima Netto tentou utilizar a imagem de gestor eficiente que buscou construir frente ao "saneamento" da CSN para influenciar nas eleições locais e converter em "poder político local". (Pereira: 2007:199).

A rápida recuperação da CSN surpreendeu a comunidade, e mesmo os politicamente contrários reconheciam nossa competência. Julguei então que se levássemos um elemento que participara do plano de saneamento da empresa como candidato a Prefeito, ele teria boas possibilidades de ser eleito. (...) O slogan da campanha foi: "Volta Redonda feliz". A escolha do candidato deu-se de forma democrática. Ele tinha que ser um empregado da CSN, de nível de gerência, para que o eleitor o identificasse com o sucesso da empresa. (Lima Netto, 1993:178)

Partindo desses princípios, Lima Netto escolheu apoiar Jessé de Hollanda Cordeiro, diretor da Escola Técnica Pandiá Calógeras e que havia sido secretário no governo de Benevenuto dos Santos (1982-1986). Entretanto, o prestígio de Lima Netto e a força da empresa não foram suficientes para eleger Jessé. Ele obteve apenas o quarto lugar no pleito eleitoral.

Concorreram também o ex-prefeito Marino Clinger Toledo Netto e Nelson dos Santos Gonçalves Filho. Todavia, com pouco mais de 31% dos 157.133 votos, Paulo César Baltazar de Nóbrega foi escolhido prefeito de Volta Redonda. A coligação vencedora, a "Frente Popular", composta pelos partidos PSB, PT, PV, PCdoB e PC, elegeu também Glória Amorim³⁸ do PT como vice-prefeita.

³⁸ Glória Amorim, filiada ao PT foi vinculada ao movimento comunitário contra a violência, dos posseiros, ao movimento de mulheres da Igreja Católica e às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). (cf.: Lima 2010:80).

Tabela 4:

Eleições Municipais - Volta Redonda - 1992

		Votos	%
1	Paulo César Baltazar de Nóbrega	Frente Popular (PSB/PT/PV/PCdoB/PC)	44.041 31,07
2	Nelson dos Santos Gonçalves Filho	PSDB	34.544 24,37
3	Marino Clinger Toledo Netto	PDT	18.006 12,7
4	Jessé de Hollanda Cordeiro	FRENTE SOCIAL TRABALHISTA (PST-PFL-PDS-PES)	17.615 12,43

Fonte: TSE e COSTA (2004)

A eleição para a Câmara Municipal mostrou um resultado semelhante. Segundo Pereira (2007:200):

No mesmo pleito, o resultado da eleição par a câmara municipal mostrou um equilíbrio de forças, sobretudo entre a frente Popular (PT-PSB-PCdoB-PV), o PSDB e a Frente Social Trabalhista (PST-PFL-PDS-PES) que elegeram três vereadores cada. Já o PDT, partido do então prefeito, reduziu significativamente sua base parlamentar de sete para dois vereadores, o que demonstra o desgaste político sofrido pelo governo Wanildo de Carvalho.

Ainda segundo Pereira,

Em Volta Redonda, como em outras partes do país, a vitória da Frente Popular renovava as expectativas de grande parte dos setores ligados à chamada esquerda, sobretudo pela esperança de que parte dos setores organizados do movimento social seria incorporada à administração pública municipal, o que não afastava de todo o clima de insegurança em que os setores progressistas e os moradores da cidade se encontravam naquele momento. (2007: 201).

Esse governo iria se destacar pela tentativa de aproximação com os movimentos populares e a população em geral. Isso se daria tanto por questões ideológicas quanto por estratégia política. O contexto de redemocratização e a conjuntura nacional que vivenciava uma crise política³⁹, a ascensão do PT em nível nacional foram também elementos que favoreceram a emergência desse grupo e o seu modo de governar a cidade.

Além disso, esse governo é especialmente relevante tendo em conta que seria o primeiro governo da cidade sem ligação direta com a Companhia Siderúrgica Nacional. Talvez tenha sido o capítulo mais enfático do "divórcio" entre a Companhia e a cidade. Nesse cenário, surge a necessidade e o espaço para a cidade de Volta Redonda se (re) pensar de forma "autônoma" à Companhia. A vitória nas eleições de 1992 marcaram a passagem de contexto na cidade e a ascensão de um novo grupo à elite política local. Esse seria o primeiro governo desse novo arranjo, mas que se consolidaria depois principalmente nos mandatos de Antônio Francisco Neto.

Essa nova configuração da cena política em Volta Redonda revelaria "outro momento histórico" da cidade. Essa aliança foi responsável por obras e ações políticas que contribuíram para dar uma nova feição a cidade que vinha sofrendo "mudanças que foram responsáveis pela configuração de *uma nova face da cidade do aço*". (Palmeira, 2012: 20).

Essa "nova face da cidade do aço" (ibidem), ou sua "reinvenção" (Lima, 2010) contribuiu para um rearranjo das forças políticas locais e propiciou a emergência de biografias não "tradicionais" da cidade.

A capacidade de políticos e grupos articulados de se colocarem na cena política como a melhor opção para determinadas posições revelam de qual modo a dinâmica social, alterada por esses processos locais, estaduais, nacionais e até internacionais, operou na "cidade do aço". Esses atores souberam usar aspectos de sua biografia como capital fundamental para a vitória no pleito político.

³⁹ Os escândalos de corrupção no governo Fernando Collor que culminaria com o seu *impeachment* em dezembro daquele ano.

Paulo César Baltazar da Nóbrega é um exemplo dessa nova dinâmica da política local. Nascido em Vassouras foi criado em Barra do Piraí, ambas as cidades do Sul fluminense. Seu pai trabalhou na construção das ferrovias da CSN na década de 1940.

Meu pai era uma pessoa determinada e a única coisa que ele tinha condições de nos dar foi o ensino público naquele momento. E ele mesmo, depois de trinta e sete anos entrou na escola de novo e fazia questão que a gente estudasse. É um pouco diferente do conjunto das pessoas que viviam nessas condições sociais críticas. Ele tinha consciência que era pela educação, que tinha que colocar os filhos na escola. Diferentemente dos colegas dele que estavam na soca, na Central do Brasil, era ferroviário de lá, que os filhos - que naquela época podia - com dez, doze anos, punham para trabalhar, para ajudar a família, isso era pratica comum.

Baltazar se graduou em matemática, medicina e pedagogia⁴⁰, foi professor e trabalhou como bancário.

Eu queria ser médico então eu peguei e não tinha condições fui fazer concurso e comecei a trabalhar no Banco do Brasil, fiz concurso, fui trabalhar em Petrópolis, depois voltei para Barra Mansa. Eu trabalhava no Banco do Brasil e passados seis meses apareceu um vestibular de medicina e eu me animei a fazer medicina. Fiz, passei em Volta Redonda, na UNIFOA, passei no vestibular e aí começou minha *via crucis* por que eu tinha um sonho e uma necessidade, o sonho era ser médico e a necessidade de sobrevivência. (...) eu fui fazendo matemática de noite, que era um curso de três anos e eu consegui dar aula de matemática nos intervalos da faculdade de medicina, larguei o Banco do Brasil, pagava a faculdade, fazia medicina, ia para Barra do Piraí nos primeiros meses, depois eu consegui a casa de uma pessoa aqui conhecido de Barra de Piraí que morava aqui e passei a receber lá ajuda de morar de graça, de comer de graça na casa deles, então eu trabalhava, dava aula, fazia medicina, e morava na casa de favor, na casa de uma pessoa amiga do meu pai e fiquei aqui fazendo isso até terminar medicina.

Essas dificuldades e esse estilo de vida teriam sido fundamentais na escolha profissional do futuro prefeito de Volta Redonda:

Quando eu me formei eu me senti em dívida, não em dívida, mas me senti ligado àqueles núcleos social de pessoas com uma certa dificuldade, de onde eu vim,

⁴⁰ Além disso, tem mestrado em Homeopatia no Instituto Carlos Chagas, no Rio de Janeiro; Mestrado em Medicina do Trabalho na FUNDACENTRO em Volta Redonda; e Mestrado em Metodologia do Ensino Superior na Sociedade Barra-Mansense de Ensino Superior.

passei e como eu me formei eu busquei trabalhar em comunidades mais carentes da cidade.

Essa "dívida" o colocou em contato com a população residente nas periferias da cidade e o aproximou das questões sociais que se deparava nesse cenário de pobreza, fato que foi fundamental, segundo sua narrativa, para a imersão no mundo da política:

Eu não tinha na minha história familiar, não tinha ninguém que havia sido político, exercido um mandato. Nem pensava nisso. Aliás, meu pai não gostava muito de política. **Era um pouco avesso à política, aos políticos, a essas coisas todas. Mas eu fui empurrado para isso** na medida em que eu conheci aquilo que eu conheci da minha vida, eu fui por mérito de trabalhar nas comunidades pobres que não tinham água.

Baltazar faz questão destacar o caráter pedagógico que essa experiência lhe trouxe. Segundo ele, foi vendo aquela realidade que ele começou a questionar o porque de as coisas estarem se dando daquela forma. Essas inquietações teriam levado Baltazar a "perceber" que a política era a chave que explicava e que podia agir naquela realidade.

Todavia, antes de entrar na política formal, Paulo Baltazar aproveitava sua posição na estrutura médica local para viabilizar os atendimentos para as pessoas que viviam nas periferias e careciam de serviços médicos:

Eu me valia do fato de ser médico da rede, num outro posto, onde eu era empregado. Então eu tinha facilidade, por exemplo, de em lugares que não tinham nada, por exemplo, Padre Jósimo, no Açude, se precisasse de um exame, eu tinha como pedir através da rede que eu trabalhava, então eu consegui inserir essas pessoas indiretamente e tinha que fazer escondido também por que, a rigor, esse cidadão só podia fazer exame se fosse no posto em que oficialmente a prefeitura mantinha o trabalho. Claro, de certa forma também, como eu trabalhava na rede, conheci uma quantidade enorme de profissionais que tinha sensibilidade, eventualmente, e se não fosse um caso que eu pudesse resolver eles podiam me ajudar a resolver, por exemplo, eu não sou ginecologista e um dos grandes problemas é a exclusão dentro da exclusão. Quer dizer, a exclusão das mulheres dentro de um processo de exclusão que já é extraoficial. Então, a questão de ver se um ginecologista pudesse fazer uma avaliação ginecológica, uma cirurgia necessária, paciente difícil, hipertensa, com gravidez de alto risco e a gente conseguia, via essa inserção que eu já tinha no sistema para ajudar as pessoas. Assim, a gente ia de alguma forma fazendo o trabalho.

A entrada na política teria se dado apesar de certa resistência. Segundo ele, não foi "natural", foi fruto de uma "auto-concientização" da necessidade que se apresentava. Mais uma vez ele faz questão de enfatizar que não veio do meio político e que não tinha pretensões políticas:

E nesses bolsões que eu fui trabalhar como médico voluntário, e lá eu comecei a perceber que a situação era dramática. Eu ajudava, ajudava, o que um médico podia ajudar, mas não tinha posto [de saúde], não tinha nada. E eu comecei a perceber que o médico que eu era, podia ajudar, dar um remédio, fazer uma consulta, de alguma forma amenizar, mas o problema era muito maior que isso, era estrutural e isso caberia aos políticos. Como eu ia dar saneamento básico? Como eu iria colocar um posto de saúde? Escola? Como? Não é o médico, o médico é uma gota d'água num oceano de pobreza de abandono, de exclusão. E eu percebi que era o político. **Eu tinha uma criação que me fazia restrições a participação política, mas eu consegui me convencer de que ou fazia isso ou não adiantava nada o que eu estava fazendo como médico. E fui convencido, pela realidade, pela prova da realidade, de que era a participação política que eu não tinha e não gostava que fosse a verdade.** (grifos nossos)

Baltazar dá ênfase na sua entrada na política por meios "não políticos", por assim dizer. Ele ressalta que não tinha tido relações com partidos políticos, nunca havia sido "líder sindical nem nada", sua entrada "foi mesmo por reflexão filosófica, de vida que eu entendi que o único caminho que poderia de alguma forma melhorar, era a política e acho que a política serve para isso mesmo".

No processo de aprendizado político que eu tive que fazer e foi a partir da realidade concreta do meu trabalho com a comunidade, no confronto com a realidade dura de exclusão que eu vivia é que eu tive contato com os movimentos sociais, os movimentos religiosos envolvidos no processo de luta por melhoria daquela qualidade de vida.

Baltazar afirma que nesse "contato com a realidade" ele encontrou outras pessoas que "lutavam" por água, esgoto, saúde etc. Essas pessoas muitas vezes faziam parte de "movimentos já organizados" e, na sua maioria das vezes, "ligado a Igreja". Nesse "contato" ele começou a procurar saber o que significava isso, o que isso representava e chegou a conclusão de que a medicina lhe dava apenas uma "visão da realidade muito focada na questão da saúde", fato que "não era suficiente" para entender e resolver as questões com que se deparava. Isso teria feito com que ele entendesse a

importância da política e dos partidos políticos. Entretanto ele destaca que a política foi vista por ele não como uma carreira, mas como um "instrumento".

Aí cheguei aos partidos políticos e procurei conhecer os partidos, a prática deles, o que cada um pensava e entendi que no PSB eu tinha a maior identidade com aquela minha luta, com aquilo que eu estava convencido do que deveria ser. Então, foi sozinho, **ninguém me orientou nem nada.** (Grifos nossos)

Essa preocupação em afirmar o seu não pertencimento à "classe política" e sua reiterada afirmação de que não tinha "interesses políticos", e sim "consciência" das necessidades dessas populações; foi muito explorada em sua campanha eleitoral. Esse trabalho voluntário nas periferias lhe rendeu um enorme prestígio na cidade que Paulo Baltazar conseguiu converter em capital político-eleitoral. Após se filiar ao PSB, Baltazar foi eleito vereador no pleito de 1988 com 1.370 votos, sendo o vereador mais votado da cidade, vencendo líderes sindicais como Vanderlei Barcelos, Isaque Fonseca, entre outros, mesmo depois da fatídica greve de 1988.

É possível crer que um dos aspectos para a escolha de um partido em detrimento de outro foi o espaço que esse ofereceu ao postulante em termos eleitorais. Baltazar justifica sua escolha pelo PSB como sendo um partido próximo à sua "luta". Somado a isso, quando perguntado, assegura que o partido, por se pequeno, pôde lançá-lo facilmente como candidato:

O PT estava forte, o PDT era o Brizola, é estavam forte, faziam luta, tinha o Juarez, exatamente. Mas eu entendi que ou estavam muitos aparelhados o que me deixava um pouco afastado por que tinha muito aparelhamento e eu fui a um partido que tivesse ideias que eu pudesse entender e que tivesse espaço e entendi que seria o partido socialista brasileiro. O único que naquele momento tinha um espaço para, tinha a teoria suficiente, e o espaço para a prática. E por aí eu caminhei. Com o arcabouço teórico, lendo, discutindo e a prática que eu podia ser mais livre para fazer essa prática. E o PSB tinha muitos pontos de identidades com o PT, com os outros partidos que faziam uma luta também aqui, tanto é que quando eu fui eleito, eu fui eleito com uma aliança com o PT, partido dos trabalhadores, sem nenhum problema. E aí começou esse trabalho e aí eu me elegi prefeito.

A campanha rumo à Câmara Municipal teria se dado com pouca estrutura e apoio político. Segundo ele, o que foi fundamental foi o conhecimento que essas populações teriam dele em virtude de seu trabalho voluntário.

Então, eu trabalhava nessas comunidades o que me deu a minha vitória, eu fui o mais votado, era o meu trabalho ao longo de sete, oito, nove anos, junto com a comunidade que me conhecia e eu comecei a me relacionar com alguns movimentos que também faziam a mesma luta, não focada na saúde, mas de um modo geral, entendeu? Era o sofrimento dos posseiros urbanos, tinham vários movimentos, associações de moradores dessas comunidades, então eu comecei a ficar conhecido, uma pessoa que estava junto com aquela comunidade, eu nunca disse que era candidato a nada eu só fui me descobrir politicamente como candidato no final, por que na verdade, eu tinha até aversão aos políticos quando eu comecei a trabalhar como médico nessa periferia.

Eleito vereador, Baltazar teve um mandato reconhecido na cidade como de oposição ao governo de Wanildo de Carvalho. O prefeito pedetista tinha maioria na Câmara, o que, segundo o próprio Baltazar o ajudou a se destacar como uma voz de oposição. Baltazar, entretanto, diz que pôde perceber como a estrutura política brasileira impede que o vereador (ou o legislador) seja eficiente e que ele se torna "submisso" às decisões "imperiais" do executivo. Este fato o teria desmotivado a continuar na vida pública, pelo menos como legislador, uma vez que mesmo com mandato pouco podia fazer pelas pessoas da periferia.

Não obstante, o seu destaque como opositor ao governo da época teria feito com que as forças de oposição, notadamente o PT e os movimentos sociais locais, impulsionassem o nome dele à disputa pela sucessão de Wanildo de Carvalho nas eleições seguintes.

Quem me convenceu foi o PT e o próprio PSB regional de que era o momento da gente ocupar um espaço. O prefeito que saiu, segundo o Jornal do Brasil, era o prefeito com menor aceitação do Brasil, tinha 2% só. Então era a fragilidade dele. Era um prefeito muito ruim e quem sobressaia como opositor a isso, quem denunciava! Politicamente fui eu quem mais sobressaia. E aí o partido a nível regional e o PT vieram e **me convenceram** de que tinha que sair, como **eu não queria ser candidato** a vereador e pensei, bom, vamos **fazer o que tem que fazer** mas eu sei das dificuldades, sem estrutura, sem nada e fomos. E até por que atendeu a minha vontade já que eu sabia que não era o legislativo que iria mudar a realidade, tinha que ser o executivo, como aconteceu depois, colocou água, esgoto, recuperamos as finanças da cidade, essas coisas todas. E isso só foi possível por que eu fui prefeito, se não eu poderia ser até vereador de novo, mas iria continuar gritando, gritando e gritando; e a realidade não mudaria. (Grifos nossos)

Baltazar, Cida Diogo e a aliança com o PT

A aliança entre PSB e PT chegou ao poder municipal em 1992 e conseguiria se manter por 12 anos, ou três mandatos, na prefeitura. O PT aparece como um ator importante, nessa articulação. Uma personagem desse contexto da política local que nos deu muitos elementos para entender esse cenário político foi a deputada Cida Diogo (do PT).

Maria Aparecida Diogo Braga, a Cida Diogo, nasceu em Volta Redonda (RJ), é a caçula de uma família de dez filhos, e foi para Volta Redonda por causa da CSN.

Meu pai era mineiro, meu pai foi para Volta Redonda naquele período de instalação da CSN, toda região do Sul fluminense, Barra Mansa, tinha uma presença muito grande de pessoas imigrantes, então meus pais não foram muito diferentes, meu pai foi trabalhar na CSN e depois acabou também se envolvendo com a política local, sendo vereador da cidade.

A política não era uma novidade na família de Cida Diogo. Ela teve exemplo para seguir já que seu pai, Raimundo Pires Diogo, foi vereador na cidade de Volta Redonda. Segundo ela, "ele foi político, mas aquele político tradicional. Aquela política que se fazia na base da garrucha. Era aquela época onde os tenentes tinham seus territórios. Cada político tinha um bairro que era dele (...) ele era do PDS".

Cida Diogo foi a "única da família a estudar em colégio particular". Coursou medicina na UNIFOA, faculdade paga pela mãe, período no qual iniciou sua militância política.

eu era um muito alienada, só queria curtir a vida, aquela coisa de jovem, quando eu entro para faculdade comecei a me envolver com diretório acadêmico, foi num período no finalzinho da ditadura estava tendo aquele movimento da anistia, eu me envolvi com isso, comecei discutir no diretório, participei de eleições para o diretório acadêmico etc., me envolvi com movimento estudantil e para tristeza dela, a filha dela virou para política igual ao pai, foi a única que seguiu o pai.

No movimento estudantil fez parte de grupos de esquerda como Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), depois a Democracia Socialista (DS) e por fim

no Movimento pela Emancipação do Proletariado (MEP). Participou do congresso de reconstrução da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1980, em Salvador, Bahia. Participou também de movimentos comunitários, sendo diretora da associação do Bairro Eucaliptal, no qual sempre morou. Ao se formar, estreitou sua relação com o movimento sindical da região. No depoimento a seguir, no qual Cida explica como se aproximou do sindicato, podemos mais uma vez ver como que a Igreja local ajudou a organizar os movimentos sociais, criar uma cultura de luta e fazer com que os diversos atores sociais agissem em conjunto, como uma rede:

(...) por que é diferente aqui, os movimentos acabavam se imbricando muito, por exemplo, eu atuava no movimento estudantil, lutava pela anistia, mas lá eu acabava me relacionava com o pessoal do movimento sindical, com o movimento do bairro, pessoal do movimento de Igreja, a gente acaba virando quase que uma família única, não era só o sindicalista, era só o movimento estudantil, a igreja, então acabou virando uma coisa única. **Foi quase que natural**, acabou minha fase de movimento estudantil e me envolvi com o movimento sindical. (...) Minha área de atuação profissional foi na medicina do trabalho, fiz essa opção bastante contente, me especializei na medicina do trabalho, para poder assessorar diversos sindicatos na área de saúde do trabalhador, da luta por melhoria nas condições de trabalhos, na luta de reconhecimento de doenças profissionais. (Grifos nossos).

Além de assessorar sindicatos, Cida Diogo trabalhou também como professora e médica, não obstante, foi taxativa ao explicar que nunca aceitou convite para trabalhar na CSN, sempre esteve interessada em atuar com os movimentos sociais.

Partidariamente, Cida Diogo foi ligada ao antigo MDB, mas foi filiada somente ao PT⁴¹, partido que se filiou em função de sua participação anterior no MEP, que depois se tornaria uma tendência interna do PT:

Antes havia só o antigo MDB e a ARENA, então eu não cheguei a me filiar MDB, mas eu era militante do MDB na época que era único partido de oposição que havia no período do bipartidarismo. Quando acabou o bipartidarismo, foram criados cinco partidos, inclusive foi criado o PT. Neste período eu participei da fundação do PT. Eu sou membro do diretório etc. (...) já tinha uma definição

⁴¹ Ao longo de sua trajetória política, Cida Diogo ocupou diversos cargos no PT. Entre eles, ela foi presidenta do diretório municipal do partido (1995-1996; 2006); membro da Executiva Nacional (2001-2002); membro do Diretório Nacional (2006); vice-líder do PT na ALERJ (2001-2006) e na Câmara dos Deputados (2008).

dentro do MEP que quando fosse legalizava a situação da criação dos cinco partidos nos iríamos estar nos filiando ao PT, foi uma decisão da organização de esquerda que nos acompanhava e aí a gente participou de todo processo de fundação do PT nível a nível nacional, estadual e a nível local.

Cida Digo esteve atuante no PT desde sua fundação. Um dos momentos mais decisivos para sua carreira política e a do PT foi durante as eleições de 1988. Na eleição de Juarez Antunes (PDT), antigo filiado do PT, Cida Diogo e o PT resolveram apostar em uma candidatura própria do vereador Edson Santana. A posição do PT de não apoiar Juarez, então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, foi influenciada, segundo Cida Diogo, pelas suas alianças:

A gente tinha uma boa relação, uma relação de respeito com o Juarez por que ele era o presidente do sindicato, era uma liderança que todo mundo reconhecia na cidade, agora, o Juarez foi do PT, saiu do PT, entrou no PDT. E então, esta entrada e saída acaba deixando alguma rusga, mas não a perto de ter divergências políticas e achar que era de direita, que ele era traidor, não. Por isso o PT acabou tomando a decisão de ter um candidato próprio para a prefeitura decidiu não apoiar o Juarez e, principalmente, por que o Juarez tinha se aproximado dessa turma do Wanildo.

Wanildo de Carvalho, segundo ela, foi escolhido como vice do Juarez para facilitar o financiamento da campanha, uma vez que era mais ligado aos empresários e à "direita" da cidade, e desta forma, ajudaria o PDT a receber doações para a campanha eleitoral.

Baltazar disputou as eleições pelo PSB em uma aliança com o PT. A sua ligação com os movimentos e principalmente sua postura de oposição ao governo de Wanildo de Carvalho foram os elementos principais que possibilitaram essa aliança, como destaca Cida Diogo:

Conhecia da campanha. Ele também é médico. Nessa época a gente já de certa forma atuava muito junto. Ele era vereador pelo PSB na Câmara e a gente fazia um trabalho via o mandato dele por que não tinha ninguém do PT eleito nessa época; a gente fazia um trabalho de oposição sistemática ao prefeito que estava realmente acabando com a cidade. Nós éramos da oposição e o Baltazar, de certa forma, tínhamos muita proximidade com ele. Como ele se destacou nesse processo de oposição ao Wanildo ele acabou se tornando naturalmente o candidato da oposição. Nós fomos, fizemos essa aliança com ele, indicamos a

vice-prefeita e quando ele se elegeu ele me convidou para ser secretária de saúde. Eu fui a secretária de saúde durante os quatro anos. (Cida Diogo)

Embora trabalhando com a ideia de que o contexto facilitou a emergência de determinadas biografias, e de que esses indivíduos souberam se colocar e se apresentar a fim de ocupar as posições que se criaram, temos que destacar também que os partidos e, no caso, os aliados da “Frente Popular” tiveram papel fundamental em "alavancar" a candidatura de Paulo Baltazar. Como diz Coradini (2001), o jogo eleitoral implica, entre outras coisas, "uma seleção prévia de candidatos", que são escolhidos "com base numa série de atributos sociais que podem ser lidos também como 'qualidades pessoais' ou de lideranças, tentam legitimar essa condição de candidatos". (Coradini, 2001).

Nas eleições seguintes, em 1996, Cida Diogo foi eleita vice-prefeita da cidade no mandato de Antônio Francisco Neto⁴², cargo que ocuparia até ser eleita deputada estadual em 1998 com 16.521 votos, desses, mais de 77% foram em Volta Redonda. Em 2000 apoiou o nome de Suely das Graças Alves Pinto para ser vice-prefeita de Neto numa disputa interna com Lincoln Botelho. Em 2002 conseguiu se reeleger como deputada estadual com 38.181 votos, sendo cerca de 51% na sua cidade natal.

Candidatou-se à prefeitura de Volta Redonda pela primeira vez em 2004. Na ocasião, Gotardo Lopes Neto (PV) foi eleito. Cida Diogo alcançou a terceira colocação, mesma colocação obtida nas eleições de 2008 quando Neto foi eleito prefeito da cidade pela terceira vez. Cida Diogo foi eleita Deputada federal em 2006 com a marca de 70.540 votos, cerca de 36% oriundos de Volta Redonda. Em 2000 se candidatou a deputada estadual, mas não conseguiu se eleger, recebendo 23.534 votos, 34% deles em Volta Redonda⁴³.

O processo eleitoral para a prefeitura de Volta Redonda em 1992 foi complicado para a aliança:

⁴² Então deputado estadual, mais tarde seria eleito prefeito da cidade.

⁴³ Cida Diogo atribui essa queda no número de votos a campanha feita por opositores em torno de sua posição "progressista" quando foi coordenadora da Frente Parlamentar pela Cidadania GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e travestis).

O PT tinha um vereador, não tinha muito espaço, não tinha estrutura. E aqui nós tínhamos uma disputa absurda, o diretor da CSN que foi deputado, Lima Netto, o dinheiro da CSN, tinha um candidato com toda estrutura, o Jessé. O Brizola tinha um candidato, que já tinha sido prefeito, o Dr. Clinger era candidato a prefeito. Tinha o Nelson Gonçalves, que era um médico, cujo pai foi prefeito, interventor, prefeito eleito e com uma imagem muito boa na memória das pessoas, que depois de falecido então virou santo. E eu, o PSB e o PT.

Muito embora a “Frente Popular” tenha durado bastante tempo e tenha elegido governos consecutivos, ela não se deu sem atritos. No governo Baltazar a rusga principal ocorreu com setor do PT representada no governo pela vice-prefeita Glória Amorim⁴⁴.

O que fez esse setor sair do governo, na minha concepção, foi uma postura extremamente corporativa (...) por que governar é muito difícil, você lida muitas vezes com o debate ideológico que sempre foi a sua linha de pensamento, que na prática você acaba tendo que fazer concessão e abrir mão daquilo, por que para governar você precisa mudar um pouco a sua concepção. (Cida Diogo).

Baltazar dá a sua versão da briga⁴⁵ que chegou ao ponto de mandá-la "arrumar uma trouxa de roupas":

A vice era a Glória Amorim que brigou comigo. Por que quando chegou o início do governo, a dificuldade era imensa. Os funcionários faziam greve, com justa razão, os pagamentos atrasavam. E nós como governantes tínhamos obrigação de achar a solução. A vice-prefeita, ao invés de sentar para discutir qual a solução que podíamos dar, ela ia para o meio dos grevistas falar mal do governo que ela fazia parte. Aí é fácil. Não era xingar o funcionário não, eles tinham

⁴⁴ Para maiores detalhes do rompimento desse setor do PT e de outros movimentos urbanos com o governo Baltazar, ver Lima, 2010:92.

⁴⁵ Palmeira (2012:87) acrescenta que a relação conflituosa entre esses setores e a prefeitura aumentou depois de uma "reforma" do secretariado: "Tão logo a CSN foi privatizada em abril de 1993, setores mais à esquerda no PT e nos movimentos populares já apontavam a falta de unidade dentro do próprio Partido dos Trabalhadores e na Frente Popular. O grupo em torno da Corrente Força Socialista de orientação leninista, ligado ao mandato da vereadora Dodora Mota e a Democracia Socialista, conhecida como Blocão, começaram a fazer críticas ao governo municipal. Esse quadro se agravou ainda mais quando, em abril de 1993, o prefeito Paulo César Baltazar promoveu uma reforma administrativa em seu secretariado alijando os secretários do Blocão. Os secretários que eram de setores à esquerda no PT (Blocão) e que foram demitidos na reforma administrativa do governo municipal foram: Adel Olímpio (Secretaria de Ação Comunitária), Solange Wehaid (Educação) e José Lemos (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano). Em seguida, as animosidades e disputas internas dentro do PT se intensificaram entre o Blocão que defendia a saída do PT do governo municipal e os grupos da Articulação, liderados pelo secretário de Planejamento Emanuel Paiva de Andrade, e da corrente Alternativa Socialista, cujas lideranças mais expressivas eram Ernesto Braga e a então Secretária Municipal de Saúde, Cida Diogo que defendiam a permanência no governo".

razão, trabalhou e não recebeu. É luta política. Eles tinham que lutar por eles, e eu pela cidade. Ela ia para lá e metia o pau no governo e tal. Chegou um ponto que ficou inviável.

Entretanto, o contexto político e social foi fundamental e possibilitou que uma candidatura que representasse a "mudança", o "novo" e a "esperança" vencesse as eleições. No trecho do depoimento a seguir conseguimos ilustrar a ideia de que não bastou a oportunidade de novos grupos políticos e biografias emergirem à cena política, foi necessário também a capacidade de o candidato se colocar como sendo aquilo pelo que se demanda:

Então foi nesse processo que eu fui eleito prefeito. O trabalho foi a própria campanha eleitoral. **Quando eu fui para as ruas e as pessoas começaram, a saber, que eu era candidato a prefeito eles me reconheceram, os outros eram poderosos estruturalmente, mas não tinham nenhum trabalho na comunidade expressivo, não tinha inserção social nas comunidades, eram apenas de um partido forte, com apoio da CSN, o outro era o comandado do Brizola, mas não tinham uma história de luta, de inserção nessas lutas e nesse passado recente em que a cidade se desagregou.** (grifos nossos)

Nesse sentido, vemos como Baltazar se colocou como o não-político tradicional e sim como alguém de "fora" desse mundo da política e que não estava ali para fazer "política", e sim para responder às demandas que ele mesmo "conhecia".

Segundo Baltazar, a sua eleição não enfrentou resistência da CSN porque eles nem mesmo acreditavam na possibilidade de sua vitória. A disputa seria entre o "candidato do Brizola", "o dos empresários" e o "da CSN". Depois de eleito o secretariado foi formado com a ajuda do PT:

O fato de ter sido vereador me deu experiência, mas os quadros não eram os tradicionais da cidade não. A gente teve muita colaboração do PT em muitas secretarias importantes. Fizemos muitos seminários, o pessoal do PT até nacional veio aqui por que aqui é uma cidade importante, ajudou a gente no início. Celso Daniel foi uma pessoa que veio. Então a gente teve o apoio de algumas estruturas com experiências que nos ajudaram.

O que mais marcou o governo Baltazar e esse período da cidade de Volta Redonda foi o processo de privatização da Companhia Siderúrgica Nacional. Neto

afirma que essa "época foi muito difícil, a privatização foi muito dolorosa para a população de Volta Redonda".

Alguns autores afirmam que houve uma "crise moral" (cf. Lima, 2010: 226) que se mostrou muito enfaticamente depois da greve de 1988 e que se destacou com a privatização da usina siderúrgica. Isso teria gerado uma baixa autoestima nos moradores em relação à cidade.

Pode parecer um paradoxo, mas mesmo com esse afastamento (ou mudança na relação da Companhia com a cidade), ou seja, mesmo com a perda desta "centralidade", a CSN continuou central (geograficamente) na cidade de Volta Redonda. Por quase toda cidade é possível avistar o gigantesco complexo que "divide" a cidade ao meio. O que talvez faça com que fique mais difícil deixar de perceber a CSN como central para a cidade de Volta Redonda.

Baltazar ressalta como que a história da cidade tem fundamento na relação da Companhia com a cidade e como que a privatização foi percebida na cidade do aço. Segundo ele, Volta Redonda tem uma peculiaridade em relação às cidades vizinhas. Enquanto as outras cidades "nasceram normalmente, cresceram em torno de uma Igreja, da ferrovia", Volta Redonda "se criou" em torno de uma empresa. E isso teve um impacto fundamental uma vez que a cidade em trinta anos passou a ser a maior da região. Ainda segundo ele, "as cidades como Barra Mansa, Barra do Piraí, Resende, são cidades que tinham tradições de famílias, aquela agregação social que foi se formando ao longo de cem anos", ao passo que Volta Redonda teve um crescimento extremamente rápido e contou com pessoas vindo de todas as partes do país, se tornando mais "cosmopolita".

Baltazar destaca que a Companhia tinha também um papel preponderante na política local durante a formação da cidade e que se mostrou mais fortemente durante a ditadura quando a cidade sofreu intervenção federal, sendo considerada Área de Segurança Nacional.

A CSN ela também dominava quando a cidade deixou de ser um distrito, passou a ser um município, os governantes normalmente saíam de dentro, direta ou indiretamente dentro da Companhia Siderúrgica Nacional. Isso ficou muito claro quando houve a revolução e a CSN era o poder central aqui, era Brasília aqui dentro, era a própria ditadura aqui dentro. Então, ela já tinha o poder por causa da história da cidade se confundia com a história da CSN. E ela comandava tudo, desde segurança, saúde, tudo era a CSN. Quando veio a área de segurança nacional, e deixou de ter prefeitos, os prefeitos normalmente eram ou empregados, tinham uma ligação subalterna com a "grande mãe" que era a CSN. Eram aprovados, senão...!

Isso, para ele, mostra como que essa forma de dominação se fez presente em outras esferas, não só a política. Desta forma, Baltazar mais uma vez destaca o seu passado e a sua não participação na política, mais uma vez: estivera ali por que é médico, e não por que é político:

Ela tinha um domínio psicológico, emocional, não sei, político. Político certamente. (...) Eu costumo dizer que eu provavelmente fui o primeiro prefeito que não tinha ligação nenhuma com a CSN, vim para cá fazer medicina e depois, médico, fui trabalhar na periferia da cidade, por conta própria, com aquela ligação que falei que eu tinha com meu núcleo social, eu me senti ligado aquelas comunidades periféricas e trabalhava de graça nas comunidades periféricas de Volta Redonda.

Foi no meio desse contexto que Baltazar assumiu a prefeitura. O processo de privatização já estava bastante adiantado e se concluiu quatro meses depois da posse do novo prefeito. Entretanto, alguns dos impactos foram percebidos ao longo de todo mandato. Durante a campanha eleitoral, o tema privatização foi um tema recorrente e Baltazar foi o candidato que se mostrou contrário ao mérito e a forma do processo de privatização. Segundo ele próprio relata, pôde aproveitar de sua não relação com a CSN para fazer um enfrentamento a empresa:

Minha postura foi a seguinte: eu fui contra a privatização. A privatização aconteceu depois da metade do mandato, e começou a dizer que ia privatizar e tal e que culminou quando eu fui eleito prefeito e a privatização se deu efetivamente. Nesse processo que a cidade vivenciou, eu me posicionei contra a privatização, mas aí eu fiz questão de trazer claramente a minha visão da privatização independente da posição ideológica [fui] contrário a tirar do Estado, esvaziar o Estado como um todo.

Mas, segundo ele, não foi só por questões ideológicas que o impediam de ser a favor deste "esvaziamento" do Estado brasileiro, a forma como isso ocorreu foi fundamental para essa posição. O processo de privatização teria sido "violentador de direitos da cidade" por que vendeu "todo patrimônio da cidade" por um preço "vil".

(...) eles diziam na televisão que aquilo era um "elefante branco", eu nunca vi um cara querer vender um objeto dele, da nação, no caso é de todos, e dizer que aquilo ali não presta, que vai falir e isso que eles mandavam propagar o tempo todo.

Diz o seguinte, vou vender esse carro, esse carro não presta, vai falir. Aí o negócio despencava por que isso é um jogo, era um jogo orquestrado. Isso por causa de interesses financeiros, econômicos, para levar vantagem. O que eles fizeram foi isso, foi entregar o patrimônio público, um preço vil, eles entregaram tudo que não tinha nada a ver com a CSN junto.

Nesse cenário de ruptura da Companhia com a cidade surge a possibilidade e a necessidade de a cidade se (re) pensar e se planejar. Uma das atitudes que esse grupo político atribui a essa nova maneira de gerir o município foi através do redesenho das relações com a empresa, agora privada. Uma das estratégias para se assegurar alguma forma de autonomia e autoridade foi de tentar mostrar que a Companhia deveria se portar como qualquer outra empresa da cidade. Mais do que isso, Baltazar decidiu minimizar os danos que a cidade sofria tentando responsabilizar a CSN por algumas das questões sociais de Volta Redonda:

Eles tinham que levar em consideração os danos socioambientais. Qual é o passivo socioambiental da CSN? Todo esse processo de crescimento da CSN levou a favelização e que ficou por conta do poder público. Ficou por conta da cidade. Isso ninguém olhou (...).

Uma das primeiras medidas da gestão de Baltazar foi exigir na justiça uma compensação financeira da CSN em relação aos danos ambientais que ele teria causado à cidade ao longo dos anos. Segundo ele,

(...) a questão ambiental, eu fui à única ação judicial que teve êxito no processo de privatização, por que ninguém conseguiu barrar a privatização. Quando eu já era prefeito, nós fizemos uma ação e exigimos que a CSN indenizasse a cidade pelos danos ambientais, para ressarcir os danos ambientais, e o grande problema dessas discussões de danos ambientais, é que alguns ambientalistas, um pouco

teóricos, nunca conseguem chegar a conclusão e nunca conseguiram indenização da CSN palpável por que eles falavam de maneira subjetiva (...).

A estratégia do governo municipal foi planejar uma série de obras e projetos que objetivavam melhorar a questão ambiental na cidade e calcular o custo disso para poder pedir essas obras como indenização. Esse "programa de danos ambientais" foi um claro sinal de que a prefeitura iria mudar sua relação com a empresa. Segundo Baltazar,

(...) A CSN como exemplo, enquanto estatal, tinha lá e você não podia mexer com a CSN. Aí virou privada, por um preço vil, e aí nós descobrimos, por exemplo, que ela não pagava o IPTU estabelecido pela legislação. Tinha áreas enormes construídas e que não estavam computadas. E eu fiz computar.

Entretanto, essas atitudes e sua opinião contrária à privatização da Companhia não tiveram nenhum efeito em impedir a venda da CSN, fato que aumentou a crise econômica vivida pela cidade. Paulo Baltazar afirma que um dos grandes desafios de sua gestão foi "arrumar a casa", ou seja, lidar com as questões financeiras de uma cidade repleta de dívidas, com a folha salarial do funcionalismo público atrasada e com muitas demandas reprimidas. Segundo ele, a cidade estava em pior estado do que quando ele era médico voluntário, ou seja, aumentava a responsabilidade dele em relação à "dívida" que ele tinha com as populações mais carentes da cidade.

(...) Eu tive que enfrentar a CSN por que ela não quis pagar, tive que enfrentar as empresas de ônibus que fizeram um *blackout*, greve de patrão e aí eu não dei o aumento, aí eu estava numa discussão com a comunidade e nós ficamos uma semana sem ônibus e eu ia para rádio e incentivava o pessoal a usar transporte alternativo. Era a primeira vez, comecei agora, então fizeram pressão para me esmagar e eles voltaram sem nada, sem aumento e nada. (...) E a cidade quebrada. Para você ter uma ideia, a arrecadação da cidade era de 40 milhões por ano. No meu período de prefeito, tive 8 greves. Por que o recurso não dava, eu só consegui recuperar a cidade a partir do final do segundo ano.

Essa questão com o funcionalismo público chegou ao ápice quando o prefeito foi preso por desobedecer a uma ordem judicial. Segundo Baltazar, um grupo "da elite do funcionalismo público e que ganhava os melhores salários" decidiu acionar a justiça para isonomia salarial com o poder legislativo local: "e seu eu pagasse aqui eu tirava cerca de um terço da arrecadação da cidade para pagar os 60. Eu disse ao juiz que isso era impensável. E eu não iria pagar os outros 10 mil?". O juiz ordenou o aumento e, como Baltazar se negou a pagar por que "estava recuperando a cidade", decretou sua

prisão: "eu tinha que pagar o preço ou me acovardava e deixava 11 mil funcionários sem pagamento em dezembro".

Paulo Baltazar destaca que o grande desafio inicial de sua gestão foi o "resgate" da cidade. O que vai ao encontro a entrevista do seu secretário de planejamento Lincoln Botelho – que falaremos mais a frente - aludindo a necessidade de se recuperar a capacidade de gerenciar a cidade. Para isso, entretanto, era necessário resolver os problemas orçamentários:

Esse foi um momento histórico muito importante, a cidade viveu um momento histórico muito importante naquela época. A arrecadação, por exemplo, que eu peguei em 40 milhões, a gente deixou com 160 milhões. Por que nós começamos a recuperar. Para você ter uma ideia, a DECLAN⁴⁶ que é uma declaração de rendimento da empresa que não aumenta o imposto da empresa, é só fiscalizar que toda empresa declare quanto fizeram. Não era feito. Só nesse processo, conseguimos aumentar. Não é para o município que elas pagam, elas declaram imposto de renda, o ICMS etc. E elas têm que fazer uma declaração de quanto elas pagaram, elas já pagaram. Se você não faz isso, o município não tem como pleitear percentual de ICMS correto. E isso, só nesse processo de eu pedir as empresas e fiscalizar, é só ter boa vontade, só de buscar as informações eu aumentei em 20% a arrecadação da cidade. Então, nós começamos a fiscalizar, a monitorar esse processo todo e conseguimos ir resgatando. O que eu acho que foi o grande trabalho que foi feito, colocamos água, esgoto etc.

Nesse processo, destaca ele, além de aumentar a arrecadação era preciso aumentar a "eficiência" dos gastos em algumas áreas, principalmente naquelas que ele tinha uma "dívida", já que teria sido o motivo pelo qual havia se tornado político. Dessa forma, segundo ele, foi encontrando casos no qual o dinheiro público não estava sendo gasto adequadamente.

⁴⁶ "A Declaração Anual para o IPM - DECLAN-IPM é um documento destinado a apurar o valor adicionado a ser utilizado no cálculo dos Índices de Participação dos Municípios no Produto da Arrecadação do ICMS (IPM), nos termos do artigo 3º da Lei Complementar Federal 63/90, para os períodos em que os contribuintes estiveram enquadrados somente nos regimes tributários Normal, Estimativa e Outros".

(...) Por exemplo, nós tínhamos uma estrutura chamada SAAE⁴⁷ que é uma estrutura autônoma, portanto, enxuta e que o dinheiro sangrava ali para interesses pouco confessáveis. Mas é uma empresa enxuta. O que eu fiz? Eu trabalhava em comunidades pobres que não tinham água e esgoto. A prioridade do SAAE, eu não tenho dinheiro para investir, tenho que pagar as contas e essas coisas. Mas o SAAE que tem uma arrecadação própria por que recebe dinheiro da água, vai investi em água! E assim, conseguimos colocar mais de 250 km de água e esgoto nas comunidades pobres (...).

Segundo Baltazar, a população foi "sentindo" que a prefeitura estava tentando "recuperar" a cidade, matando "um leão a cada dia". E isso principalmente por que ele estava investindo em água, saneamento e saúde, áreas que ele havia percebido que eram o grande problema das zonas mais pobres da cidade. Cida Diogo, secretária de Saúde, teria relatado para ele que os hospitais não tinham nem mesmo gaze para o atendimento básico. A dinâmica de seu governo era "fechar buracos e arrecadar de quem não pagava".

(...) aí tinha a saúde que era como marketing também, foram quatro anos de tentar recuperar o sistema de saúde da cidade. Para ter uma ideia, nos primeiros meses que assumi a secretaria da saúde eu tive que pedir material, medicamento emprestado para secretaria de saúde vizinha. Angra dos Reis nos socorreu, Barra Mansa, o município do Rio nos socorreu na época por que a gente não tinha credito estava devendo fornecedoras há dois a três anos que não se pagava nenhuma fornecedora. Para você ter uma ideia, aquela empresa que fornecia oxigênio para o hospital queria parar de fornecer por que já tinha um ano e meio que não recebia um pagamento da prefeitura, então foi um caos, foi uma situação desesperadora (...). (Cida Diogo).

Envolto a crise, a população recebeu com bom grado essas modificações e principalmente as melhorias nos equipamentos urbanos, praças, parques, viadutos e obras de melhoria das ruas. Assim como Lincoln Botelho e outros nos revelaram, a simples realização de algumas obras, por a cidade ter estado tão abandonada, fez com que aumentasse a autoestima da população⁴⁸.

⁴⁷ Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) é uma autarquia do município.

⁴⁸ Relatos informais de moradores da cidade nos mostra como existe uma "memória" negativa acerca da cidade anteriormente a isso. Durante a pesquisa foi comum ouvir frases como "você não tem ideia de como isso aqui era", ou "a cidade era um lixo".

É interessante que quando colocamos os postes passavam as pessoas gritando e cumprimentando. E aí acendeu a luz e deu um impacto por que a cidade estava abandonada. Aí o pessoal **começou a perceber** - a cidade é cinza por que a poluição era muito grande, e é ainda. Melhorou, mas ainda é; aí nós começamos a enfeitar a cidade, por que era abandonada, era suja. (Grifos nossos).

Nesse depoimento, por exemplo, vemos como foi importante para a “Frente Popular” encampar esse discurso do "novo", de uma "nova era", de "recuperação" da cidade. A questão não se resolve no fato de a cidade ser "feia", "cinza" e "abandonada", mas sim no sentido e significado que foi atribuído a essas características e na capacidade desse grupo político de fazer ver essa "realidade". (Bourdieu, 2003; Coradini, 2001).

E isso não foi acidental. Fez parte de uma estratégia de governo cuidadosamente articulada. A “Frente Popular” tinha como "programa" recuperar a "autoestima" da população. Uma das ações resultantes desse pensamento era o embelezamento da cidade para substituir a associação como uma cidade industrial, fabril, feia. E isso foi muito eficaz em um contexto no qual a cidade "sentia" a privatização de seu maior símbolo. Analisando a *posteriori* podemos dizer que essa estratégia de ressaltar a importância de se planejar a cidade sob novos moldes, diferentes da "cidade industrial" foi eficaz eleitoralmente.

Nós fizemos um planejamento estratégico. Alias quem fez esse planejamento no início do governo foi o Celso Daniel⁴⁹, nós o contratamos, ele tinha uma experiência de recuperar uma cidade e chamou toda a equipe de governo, secretários etc. e fizemos um planejamento estratégico e seguimos: recuperar as finanças, arrumar a cara da cidade - a cidade tem que ficar mais bonita, [é] muito feia, cinza, é poluída. E isso nós conseguimos, recuperando os canteiros, pintamos, asphaltamos e fomos recuperando. Isso deu um impacto, ela estava abandonada há muito tempo. Sujeira para todo lado. **Qualquer coisa que eu fizesse acabava aparecendo.** (Grifos nossos)

Cida Diogo, então secretária de Saúde, explica que essa estratégia foi discutida internamente e servia para todas as áreas de atuação da prefeitura:

Aí teve isso, o governo Baltazar foi muito importante no sentido que a gente trabalhou no próprio governo com uma perspectiva de primeiro de tentar

⁴⁹ Celso Augusto Daniel (do PT) foi prefeito de Santo André/SP entre os anos de 1997 e 2002.

recuperar a autoestima da cidade, pois esta estava se sentindo mal, as pessoas não gostavam de onde morava, quem morava lá via a cidade de uma forma muito ruim, e aí trabalhou muito naquilo que era recuperar. Eu lembro que a gente fez no início do governo Baltazar um seminário lá com todos os secretários e assessores para tentar estabelecer prioridades, então a gente tirou cinco marcas de governo na época do planejamento estratégico, e uma das marcas era "cidade bonita", a gente iria ter que trabalhar os quatro anos para transformar Volta Redonda numa cidade bonita, fazer investimentos para as pessoas voltarem a sentir gosto, prazer de morar na cidade. (Cida Diogo).

Nesse sentido, um entrevistado que pode trazer mais elementos explicativos sobre a questão do planejamento na cidade foi Lincoln Botelho. Lincoln teve papel fundamental no governo Baltazar e nos governos seguintes, além de ser funcionário público na área desde a década de 1970. Hoje é o atual secretário de planejamento da cidade e que tem a sua vida pública marcada por cargos no executivo municipal.

Lincoln Botelho e o Planejamento

Nascido em Resende, sua família ligada ao meio rural, Lincoln Botelho da Cunha se radicou em Volta Redonda cidade pelo qual trabalha como arquiteto da prefeitura desde 1977.

Meus pais são de Resende, o meu pai vem de um estamento ligado ao meio rural, meu avô era fazendeiro, minha família tinha um certo prestígio de Resende, (...), porém houve um declínio já daquelas fazendas de café, acho que era de leite, sei que meu pai foi obrigado a sair, e vai para o comércio montou um armazém em Resende primeiramente depois ele veio no início para Volta Redonda, naquele início de Volta Redonda. (Lincoln Botelho).

Já em Volta Redonda, seu pai conhece sua mãe que também estava em Volta Redonda por causa da implantação da CSN. Entretanto, sua família não seguiu ligada a Companhia, seu pai fica no comércio e sua mãe na área mais artística. Segundo ele, essa "informação diferente" de sua mãe fez toda a diferença para sua educação e visão de mundo, além de permitir o permitir "aspirar alguma coisa diferente".

Criado nos bairros de Niterói e Ponte Alta estudou em escola pública e teve uma formação católica. Quando adolescente se filiou a grupos artísticos de música e teatro o que, segundo ele, o fez aumentar o seu "furor revolucionário". Dizendo ser um leitor de

Marx desde os 15 anos, participou de passeatas contra a ditadura: "eu estava cheio de gás! Não pode? Não pode o cacete, pode tudo!". Muito embora tenha participado de passeatas, Lincoln afirma que a forma de protestar contra o governo ditatorial de seu grupo era diferente, "não tinha movimento urbano político, éramos do teatro, da música, mas nos manifestávamos muito, éramos articulados".

Nessa época a participação da Igreja nos movimentos políticos e sociais da cidade de Volta Redonda era muito marcante. Lincoln não fazia parte da Igreja, mas tinha relação com ela na organização de eventos: "víamos a igreja mais como um movimento social do que do ponto de vista religioso".

Ligado ao PCdoB, Lincoln chegou a ser preso no período da ditadura. Junto com seu grupo de amigos organizava peças, músicas e discussões que abarcavam as questões políticas daquela época.

nosso grupo não iria fazer luta armada nem nada, a gente era provocador, mas só isso. (...) A luta contra a ditadura era uma rebeldia de caráter moral, não fui formado para aquilo, minha mãe não me formou para aquilo. O meu nome não é Lincoln a toa, minha mãe era fã do Abraham Lincoln.

Cursou cinema em Belo Horizonte e depois arquitetura em Barra Mansa. Mais tarde se formaria em Direito. Lincoln Botelho acredita que essas atitudes contrárias ao poder local e nacional durante a ditadura teriam fechado o mercado de trabalho local para ele como arquiteto. Desta forma ele não pôde trabalhar nem na Companhia Siderúrgica Nacional e nem na Fábrica de Estruturas Metálicas (FEM).

O tema "planejamento" entra na vida de Lincoln Botelho na década de 1970. Nessa época foi planejada uma expansão da CSN que iria trazer muitos investimentos e por essa razão foi pensado um plano de adequação para a cidade. O Plano Estrutural de Desenvolvimento Integrado do Município de Volta Redonda (PEDI-VR)⁵⁰ cria, entre outros, o Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbana (IPPU).

⁵⁰ Lei municipal N°: 1411.

< <http://www.portalvr.com/smp/arquivos/dcu/leismunicipais/Lei1411.pdf> >

O IPPU foi criado no bojo do Plano Estrutural de Desenvolvimento Intergado que foi feito durante o governo Nelson Gonçalves. Só entrou em vigor quando terminou o governo Gonçalves. Foi a última coisa que o Nelson Gonçalves aprovou foi o plano na Câmara. Ele só entrou em vigor em 1967 e já era um governo de intervenção.

Eu acho que as pessoas já sabiam, por exemplo, o Ronaldo Alves⁵¹ que foi o primeiro presidente do IPPU. ele era ligado ao Georges Leonardos, todo mundo do estamento da CSN. (...) eles provavelmente já sabiam que o Georges estava preparando para assumir como prefeito. Por essa razão, o Ronaldo Alves foi chamado na Câmara como assessor para analisar o plano. Ele só entra lá por que já tinha indicação de bastidor que ele seria o homem, o arquiteto do futuro interventor. E lá, ele introduziu na lei, no projeto de lei das diretrizes básicas, a lei que aprovava o plano diretor, ele introduziu mais um artigos e colocou a criação do IPPU e mais todo regulamento do IPPU.

Segundo Lincoln, quando esse plano entrou em vigor as suas premissas já haviam sido "detonadas porque ele estava sendo realizado na perspectiva do terceiro PND, expansão extensiva da CSN, mas já se sabia que não seria mais possível".

Consequentemente, aquelas diretrizes fundamentais de crescimento da CSN de expansão extensiva da CSN por sobre o território do município e tal, obrigando o município ir para o sul, criar um novo centro comercial, como era colocado no plano, aquilo já estava invalidado. Mas ninguém tem o domínio muito não. Me parece que não, por que quando eu entrei eles demonstravam grande desconhecimento de aplicação do plano e tal, ninguém sabia o que ia fazer com o plano. O plano era um documento, ficava na prateleira.

O IPPU⁵² não foi criado a partir de uma reflexão sobre a importância de se pensar o desenvolvimento e o planejamento da vida urbana de Volta Redonda, segundo ele, o plano de expansão da CSN foi criado e o IPPU foi criado junto, "por mero mimetismo". Lincoln diz que se esse plano de expansão entrasse em vigor, o IPPU teria sido entendido de outra forma, "não seria ocupado como foi, montaram o IPPU com a

⁵¹ Arquiteto e Urbanista foi fundador do Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbana de Volta Redonda (IPPU), Secretário de Planejamento Urbano em Volta Redonda e em Barra Mansa. Foi Secretário de Desenvolvimento Econômico e Turismo em Rio Claro. Ocupou também cargos importantes no Sindicato das Indústrias Metalmeccânicas da Região do Médio Paraíba (METALSUL).

< <http://jornalaqui.com.br/blogaqui/?author=12>>

⁵² Segundo Lima (2010: 97) o IPPU representa uma concepção estadista e tecnocrata do planejamento e demonstrou a capacidade e o poder que a CSN tinha em intervir na questão urbana de Volta Redonda.

'prata da casa', seria a 'prata da casa' do BNDE, alguma coisa assim. Viriam alguns profissionais, algumas outras indicações de maior nível para tocar o IPPU".

Quando o plano entrou em vigor, segundo Lincoln, "esqueceram-se de avisar para a cidade que aquela ideia não estava mais valendo". E entra em vigor no governo de Georges Leonardos, prefeito que foi nomeado em 1977. Esse fato confirma a forte atuação e influência que a CSN tinha na cidade, segundo Lincoln,

E por um acaso era um cara que estava disputando a presidência da CSN. Ele perde a CSN, pode ser maldade minha, mas parece-me um prêmio de consolação. Nem sei se estou sendo injusto com Georges Leonardos que era um grande técnico, grande quadro do estamento siderúrgico que vira prefeito. Ele tinha um quadro técnico de primeira, mas gente do meio siderúrgico. Mas não conheciam o município, aquela tecnocracia. Queriam ver planos, entender planos. Só tinha engenheiros no quadro.

Foi essa a oportunidade para Lincoln Botelho ingressar nos quadros da prefeitura de Volta Redonda. Ele foi convidado para falar sobre esse plano com o prefeito Georges Leonardos e, segundo ele, a falta de profissionais no corpo da prefeitura e da CSN que entendiam do plano e de planejamento urbano teria feito com que ele se tornasse um profissional raro na cidade. E como essa era uma área que não era prioridade do governo ele pôde se encaixar nela. De acordo com Lincoln, ele soube aproveitar e ocupar uma "estrutura municipal abandonada". Foi o "arquiteto 001, o quadro foi montado para eu entrar".

Inicialmente, Lincoln trabalhou no Colegiado Permanente de Aprovação de Projetos (COAPRO), que era uma divisão de estudos técnicos do Departamento de Ações e Obras da prefeitura, todavia, segundo ele, "aquilo ali parecia muito o planejamento, na verdade era o planejamento, não era só licenciamento de obras".

Eu lia o plano e dava a visa geral, como era, as obrigações para os estrategistas do governo do Georges Leonardos. E eles começaram a produzir a partir dali informações, creio eu, de caráter estratégico para o governo, diretamente para o prefeito.

Essa participação nesse órgão e essa atuação de "planejamento" teria chamado a atenção de Ronaldo Alves e Lincoln foi chamado para integrar o IPPU.

Todavia, no IPPU Lincoln viu as possibilidades de promover um órgão capaz de planejar a cidade se esvaecendo frente ao poder decisório que a Companhia tinha sobre a cidade:

Com o tempo eu vi que não era o planejamento urbano e nem as diretrizes do plano que iriam dirigir aquela administração, era uma relação muito promiscua entre CSN e prefeitura. Era assim, tudo que vinha da CSN era uma correria danada, um "deus-nos-acuda" por que era inquestionável aí, eu era meio chato, - 'inquestionável nada'. O que passava pela minha mão, o que eu entendia claramente eu fazia aquela barreira técnica. Mas aquilo que eu entendida que não podia ser daquela maneira eu travava. Eu falava, aqui não dá! Desse jeito não dá, tem que mudar aqui etc. Eu criava uma certa barreira.

Após o mandato de Georges Leonardos, Aluizio Costa (1979-1982) que foi Coronel do exército e ocupou, entre outros, o cargo de diretor social da Companhia, foi nomeado prefeito da cidade. Segundo Lincoln, a existência do plano e da autarquia não foram suficientes para implementar uma cultura de planejamento urbano na administração da cidade.

A turma do planejamento mesmo só ficava criticando o plano e imaginando grandes obras, temos que fazer isso, aquilo. Era só uma visão muito de arquiteto, qual é o desenho. Gastava dinheiro para fazer essas coisas. (...) A minha visão era mais para o campo da política urbana, e não o designer. Todo mundo querendo ser Niemeyer não iria dar certo. (...) Mas, planejamento para poder interferir de governo nunca passou pelo IPPU. Essa é a verdade. O IPPU em raros momentos tentou isso.

Lincoln acha que por mais defasado que o plano fosse ele tinha certa serventia, principalmente por que foi o plano que formulou o primeiro código de obras para a cidade. Anteriormente, era usado o de Barra Mansa. Entretanto, a autarquia sofria e sofreria até a década de 1990 com desvio de função, ao invés de planejar, ela "ficava vivendo de projetos vindo do executivo". "Ficou avaliando projetos em detrimento de planejar".

Esses argumentos demonstram que a cidade não estava preparada para planejar sua própria experiência urbana independente da Companhia Siderúrgica Nacional

mesmo com a instituição de órgãos para esse fim. E as poucas ações próximas ao planejamento eram ditadas pelos diretores da empresa.

Lincoln continuou trabalhando como funcionário da prefeitura até meados da década de 1980. Nesse ínterim, a área de atuação dele mais relevante foi na Companhia de Habitação de Volta Redonda (COHAB-VR)⁵³. Nessa década, já filiado ao PCB⁵⁴, ele participa do governo Juarez sendo o presidente da COHAB-VR.

Depois no Juarez, estava no top de linha. Estou no PCB e entro na presidência da COHAB. Quem conseguiria contornar a dívida da COHAB com o caixa econômica? (...) O Juarez tinha medo de usarem isso contra ele. Bloquear o ICMS por conta desses empreendimentos com o caixa e tornar inviável a prefeitura. Ele vinha daquele movimento grevista, enfrentou o exército, houve aquela morte todinha e os caras não acreditavam muito na democracia não. Ele pensava que para tirar a gente daqui não custava muito.

Lincoln conta que após a morte de Juarez Antunes, o PDT rachou. De um lado ficou o grupo mais ligado ao sindicato e de outro um mais ligado ao vice, Wanildo de Carvalho. Ao assumir, Wanildo teria trocado as principais diretorias dando um contorno mais próprio a prefeitura. Nesse momento, Lincoln pediu para sair do governo: "não eram aqueles caras que iriam fazer meu currículo". Durante esse período fora da prefeitura, Lincoln participou da elaboração do plano diretor de Barra do Piraí, cidade vizinha a Volta Redonda, uma experiência que ele considerou "um laboratório gerencial e urbanístico".

O governo de Wanildo Carvalho (1989-1992) foi muito mal avaliado pelas principais correntes políticas da época. Juntamente com o contexto político nacional, o caso da privatização da Companhia Siderúrgica Nacional e a crise vivenciada pela cidade criou um clima de sucessão e necessidade de superação desse governo e desse

⁵³ "A Companhia de Habitação de Volta Redonda, COHAB-VR, foi criada em 1964, no início do governo militar, na forma de sociedade de economia mista, sob o controle da Prefeitura Municipal de Volta Redonda, tornando-se uma das primeiras companhias de habitação do Brasil. Fruto da emancipação de Volta Redonda, até então distrito de Barra Mansa, a COHAB-VR nasceu para suprir o déficit habitacional, causado pela implantação da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, que aumentou o fluxo de migração, pois a empresa empregava naquela época mais de seis mil trabalhadores".

< <http://www.voltaredonda.rj.gov.br/cohab/historia.php> > acessado em novembro de 2012.

⁵⁴ Lincoln Botelho foi um dos fundadores do PCB em Volta Redonda.

momento da cidade. Um contexto que juntamente com outros elementos favorecia (e talvez demandasse) a emergência de novas composições políticas na administração municipal. Foi nesse momento que a aliança entre PSB e PT surge como viável para a sucessão municipal e em 1992 consegue eleger Baltazar prefeito da cidade.

Quando veio a reação a esse governo, foi uma aliança PT-PSB. Já tinha havido um racha no PCB e uma parte resolveu se tornar PPS, naquela eu não suportei. Um grupo foi para o PSDB, teve gente que foi para o PDT. Eu fui para o PT, apesar de eu ser de uma geração dez anos mais velha do que a da maioria dos petistas. O PT começa com o pessoal da Igreja, que eu tinha uma relação. O movimento sindical que era muito ligado a Igreja também, e o pessoal de ultra esquerda, de viés trotskista, era uma garotada dez anos mais nova do que eu. Eu fui com a turma de engenharia. **Ai começa o governo PT-PSB. Uma outra lógica, um outro cenário, uma outra disputa.**

Segundo Lincoln Botelho esse foi o momento que o planejamento teve, até então, uma participação mais efetiva em Volta Redonda, isso teria ocorrido como resultado de uma mudança tanto ideológica quanto organizacional. Começou o governo Baltazar trabalhando na secretaria de planejamento, mas ainda não como secretário.

A palavra planejamento sempre foi entendida como planejamento urbano, planejamento de governo ninguém... Por exemplo, o orçamento quem fazia era a fazenda, estava desassociada. Já no governo Baltazar, o assessor de planejamento [ainda] era sempre o presidente do IPPU também.

Mais à frente, Lincoln Botelho assume a secretaria de planejamento e faz mudanças decisivas em sua organização. Segundo ele, muito embora existissem dois órgãos para tratar do planejamento, a secretaria e o IPPU, esses órgãos funcionavam de maneira não adequada, só pensando planejamento urbano sem ter inserção efetiva no planejamento da cidade. Não tinha. Faziam só a parte física, urbanística e aprovação de projetos.

Eu entro pegando a secretaria toda "urbanística". Tinha diretoria de habitação, compri aquilo tudo e fiz o departamento de controle urbanístico. Comprimir aquilo tudinho. Diretoria de fiscalização de obra, diretoria de aprovação de projetos. Tinha diretor pra cacete, acabei tudo e virou um diretor só, eu, e abri a possibilidade de o secretario fazer da secretaria o que ela deveria ser e viria a ser.

Segundo sua própria narrativa, um avanço para a cidade foi a possibilidade de se planejar a cidade a partir da prefeitura e, portanto, o maior espaço ganho pela secretaria de Planejamento. Isso diferia da história recente do município quando os interesses da Companhia Nacional Siderúrgica eram o balizador para as ações de planejamento da cidade. Essa nova postura na secretaria de planejamento da cidade foi resultado de discussões internas da “Frente Popular”.

Isso tudo era questão discutida dentro da aliança PSB-PT, aí já era outro papo. Era porrada, era PSB-PT disputando internamente com acordo de inscritos e tudo mais. Então, o pessoal tinha obrigação de fazer orçamento participativo, queria fazer. Isso era questão do planejamento. Então o orçamento não podia ficar na fazenda. Orçamento não pode ficar na fazenda. Fazenda cuida da execução financeira, não da execução orçamentária. O orçamento tinha que vir para cá. Então, nesse momento eu seguro e monto toda parte do planejamento, vou comprimir a secretaria de planejamento do Wanildo, do período anterior, para sobrar espaço para o pessoal poder colocar o orçamento dentro da secretaria de planejamento. (...) A UERJ ajuda numa reforma administrativa e a gente faz isso e cria o Departamento de Orçamento e Controle.

Uma das medidas que ele destaca como sendo importante nesse processo de transição do controle efetivo da administração pública foi a criação do orçamento participativo. A criação dessa ferramenta administrativa nos mostra ao mesmo tempo uma mudança na forma de se gerir a cidade e uma estratégia política de afirmação de um governo que pleiteia para si a condição de "real" depositário e "legítimo" representante da "vontade" da cidade.

Lincoln destaca, entretanto, que esse processo de montagem não foi fácil:

Eu montei o orçamento participativo que ninguém conseguiu. Não se conseguia coisas elementares como, por exemplo, ter acesso ao programa integrado do planejamento, aqui era todo mundo neófito na prefeitura. Aquele negócio de petistas voluntariosos, mas não entendiam porra nenhuma de prefeitura. A primeira coisa que eu fiz foi arranjar um cara da contabilidade que tinha montado o programa de contabilidade na prefeitura pelo know-how.

Lincoln afirma que a "vontade" de se fazer era maior do que a capacidade, por assim dizer. "Todo mundo queria fazer igual a Porto Alegre. Todo mundo só pensava nas experiências exitosas, e eu só pensava nas fracassadas". Entretanto, para ele, as

peças não dominavam conceitos básicos sobre esse tipo de medida, o que gerou a necessidade de um processo interno de capacitação.

Construída a ideia de se fazer essa modalidade de orçamento, foi decidido também a metodologia. Nesse trecho podemos perceber como que essa maneira de se fazer foi importante também politicamente:

Discutimos e decidimos que iria ser pela associação de moradores, por que quem domina e quem sabe as demandas urbanísticas, as melhorias eram as associações dos moradores. Naquele momento as demandas eram muito reprimidas e ficou o consenso de que a organização da sociedade civil seria a associação dos moradores. Eram noventa e duas associações de moradores.

Decidimos por plenárias de bairros e quem iria convocá-las seriam os presidentes da associação de moradores, primeira coisa era prestigiar o cara. O cara que na ditadura não conseguia nada aí chega o governo que ele elegeu e você tira ele? Demos assessoria para eles para montar as plenárias.

(...)

A gente pegava o que tinha sido apurado, os levantamentos das associações. Quando fazíamos as obras, quaisquer que fossem a cidade estava tão abandonada que aquilo começou a aparecer e levantou o astral as associações de moradores.

Independente do sucesso efetivo ou não dessa modalidade⁵⁵, fica claro a importância simbólica que foi construída a partir da ideia de participação e de planejamento da cidade. Lincoln avalia que o esforço para implementar essa metodologia de orçamento foi um sucesso em termos políticos:

Foi um sucesso absoluto. Já era o final do governo Baltazar. Ele mesmo quebrado conseguiu fazer alguma coisa. Aquilo deu um prestígio muito grande para ele, um confiança. Apesar de ele ter feito um monte de coisa fora do orçamento participativo.

Após esse governo, Lincoln Botelho seguiu sua carreira política e na administração pública. Disputou a nomeação interna para vice-prefeito pelo PT em 2000

⁵⁵ O Orçamento participativo e outros órgãos criados com esse fim foram motivos de críticas por parte dos movimentos populares locais. Palmeira, por exemplo, mostra como que a discussão em torno da regulamentação em 1993 do Fundo Comunitário de Volta Redonda (FURBAN), criado em 1988 com o objetivo de "atuar na urbanização e regularização das áreas de posse do município"; foi cercado de conflitos. Os movimentos sociais acusavam a prefeitura de usar esse órgão como ferramenta de "cooptação" das lideranças comunitárias. (Palmeira: 2012: 92; Lima: 2010).

e para prefeito em 2004, em ambas as oportunidades saiu derrotado, primeiro para a Suely das Graças Alves Pinto⁵⁶ e depois para Cida Diogo. Atualmente é secretário de Planejamento da cidade de Volta Redonda.

O "resgate" da cidade

Uma das frases mais usadas por membros da “Frente Popular” era a de "retomada" do controle da cidade, alegando que a cidade havia ficado por muito tempo sendo controlada por forças externas e por interesses que não os dos moradores do município. Um dos medos que os empresários da região tinham com a chegada dessa aliança era de "perseguição", todavia, Baltazar se defende:

Coisa que não aconteceu, nem eu deixei acontecer também por que eu não acredito nisso, e o que nós queríamos é que as pessoas cumprissem suas obrigações, pagassem os impostos, e a gente pudesse ter independência. Agora, nós fizemos questão de dizer "somos independentes". (Baltazar).

É importante lembrar que da mesma forma que destacamos que a administração municipal estava em "novas" mãos, o mesmo pode ser dito da CSN.

O pessoal da Companhia Siderúrgica Nacional, aquele processo de privatização e depois, eram novos donos, não era os antigos. Então eles não tinham muito cacoete com a cidade, a cidade tinha até mais com eles do que o eles com a cidade. Eram dois novatos, eles na CSN e nós na prefeitura. Quando nós fizemos a cobrança daquilo que era o devido e não pagavam, chiaram, ameaçaram que não iria pagar etc. Mas nós convencemos e mostramos com dados concretos, nós não fizemos nenhuma pressão ilícita nem nada. Eles não tinham como contestar. Não foram para a justiça, apesar de dizerem que iriam por que não tinha como, era real o que nós estávamos cobrando deles.

Perguntado sobre o limite de seu governo, Baltazar afirma que o grande desafio que ele não conseguiu realizar foi o da valorização salarial do funcionalismo público e a efetiva criação de um plano de carreiras. A frustração teria vindo por que teria havido uma expectativa exagerada em relação ao seu governo, tanto pela população como pelos

⁵⁶ Médica, Suely foi vice-prefeita na segunda gestão de Antônio Francisco Neto (2001-2004). Atualmente é a Secretária Municipal de Saúde de Volta Redonda.

próprios integrantes: "a gente achava, e todos acham isso mesmo, que a gente iria resolver todos os problemas da cidade".

É importante ressaltar que o governo Baltazar fez um movimento importante que ajudou a definir uma nova forma de relacionamento da cidade com a CSN, "mais caracterizado na ênfase no peso da sua contribuição fiscal na economia do município, ajudando a sustentar um Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 11.918.764 milhões (...)" (Lima, 2010: 127).

A análise de sua trajetória, de suas ações e da redefinição das relações com a empresa e da própria cidade, nos leva a interpretar e dar ênfase no complexo nível de relações sociais e políticas que vão bem além de uma "polarização" entre sindicato e Companhia. Não somente o contexto sócio-histórico propiciou a emergência de uma biografia não "tradicional" como também a habilidade individual e a capacidade de se posicionar na cena política e eleitoral foram fundamentais para ascensão de Baltazar e a "Frente Popular" à prefeitura da cidade.

Baltazar tem características diversas, mas o que queremos destacar é a sua capacidade de transformar aspectos da sua biografia em capital político e principalmente eleitoral. Desse modo, ele soube – juntamente com sua equipe – se apresentar como um sujeito igual aos demais moradores, que partilha dos mesmos valores, medos e esperança; e, ao mesmo tempo, como o indivíduo capaz de enfrentar esses problemas e gerenciar a cidade a partir disso.

Uma leitura posterior aos fatos nos sugere que o momento de crise social e econômica na cidade – crise "moral" como chama Lima (2010), associado ao contexto de crise política no nível nacional e estimulado por um período de redemocratização⁵⁷ facilitou a emergência de um perfil de candidato específico. Desta forma, permitiu que um candidato que se apresentasse como ele o fez, isto é, "independente", ou seja, nem ligado à CSN e nem ligado ao sindicato, que tivesse sua imagem associado a filantropia,

⁵⁷ Muito embora a eleição de Juarez Antunes (PDT) em 1988 tenha maior proximidade com a redemocratização, a morte dele e a ascensão de uma pessoa não identificada com o movimento popular, como foi Wanildo de Carvalho (PDT), "adiaram" a eleição de um representante popular em Volta Redonda e a sensação de chagada ao poder por parte dos movimentos sociais da cidade.

que "conhecia" os problemas que a população sofria, não por ser um político ou um administrador público, mas por que vivenciara aquilo duplamente, como pobre e depois trabalhando por eles. Além disso, a profissão de médico, comumente esteve associada ao cuidado, à atenção que aquela gente tanto precisava. Isso era encampado por um sujeito carismático e que tinha uma história de ascensão, de superação de um passado repleto de dificuldades. Ele conseguiu "mostrar" que era exatamente o que a cidade passava, e era, portanto, exatamente que a cidade precisava. Volta Redonda não precisava mais daqueles nomes tradicionais, "os de sempre" como relatou um morador, e sim desse personagem, de Paulo Baltazar.

Sua administração nesse contexto de "divórcio" com a CSN foi eficaz ao adotar métodos e propagandas que estimulasse a "participação" da cidade na definição dos rumos de Volta Redonda, "retomando", assim, o "controle da administração pública" para a cidade.

Posteriormente a essa experiência na prefeitura de Volta Redonda, Baltazar chegou a fazer parte do governo Neto, entretanto, após sucessivas brigas, eles romperam a aliança pessoal. Então, em 1998 decide se candidatar Deputado federal ainda pelo PSB⁵⁸. Foi eleito com mais de 99 mil votos e conseguiu se reeleger em 2002 com pouco mais de 85 mil votos. Em 2006 não conseguiu se reeleger, obteve uma votação muito menor do que havia antes, cerca de 21 mil votos⁵⁹. Baltazar diz não ter gostado muito da experiência:

⁵⁸ Paulo Baltazar ocupou diversos cargos dentro do PSB nessa época, entre eles foi membro da Comissão de Ética do Diretório Estadual (1997), Presidente do Diretório Municipal (1997-1998). Na Câmara dos Deputados ocupou os cargos de Vice-Líder do PSB (2002-2004), Vice-Líder do Bloco PSB/PCdoB (2002-2003) e Líder do PSB em 2006. Fonte: Câmara dos Deputados < <http://www2.camara.gov.br>>

⁵⁹ Segundo a imprensa, a votação de Paulo Baltazar diminuiu por que ele teve o nome envolvido no escândalo de corrupção que ficou conhecido como "Máfia dos Sanguessugas".

<<http://www.focoregional.com.br/v0/page/noticias.asp?t=CAMPANHA+DECISIVA+PARA+BALTAZAR&id=1229>>.

Paulo Baltazar diz que essas denúncias são represarias em virtude de sua atuação em organizações que contrariaram muitos interesses, como por exemplo, a CPI do narcotráfico: "Como relator da CPI mostrei como o tráfico de drogas se infiltra em toda a sociedade, inclusive na política. Muitos políticos se elegem com recursos do narcotráfico. Paguei o preço com o meu mandato pela coragem de enfrentá-los. Envolveram meu nome na questão das ambulâncias. Mas depois de quatro anos não existe prova alguma contra mim. Tenho a ficha e a consciência limpas".

Eu fui Deputado federal por dois mandatos. É muito ruim. É aquela velha história no legislativo, aquela experiência que tive. Em Brasília você é um número para apertar botão em 512, estava no PSB, o PSB com a bancada muito pequena também. E a gente não consegue influenciar, muito pouco. Aquilo lá é um negócio de louco. Eu trabalhei lá, mas você fica até perdido, por que está tudo ocupado pelos caciques. (...) Eu acho que o legislativo dá uma frustração muito grande por que ele é pouco resolutivo. É muito difícil, 90% das coisas quem resolve é o executivo, é matéria do executivo. Ser legislador você faz a vontade do executivo. Você pode até ser contra, mas emana de lá. E o que vem daqui não vem de você, vem da cúpula e só. Você tem projeto lá e ele fica 20 anos e não sai da comissão. Quem decide é o maior partido, as cúpulas dos maiores partidos e quem faz passa por um grupo lá, é difícil. Fica apertando botão lá, é muito frustrante.

Baltazar tentou voltar a prefeitura de Volta Redonda em 2004. Desta vez, fora da aliança, concorreu com o candidato do Neto, Gotardo Lopes Netto⁶⁰ (PV).

Tabela 5:

Eleições Municipais - Volta Redonda - 2004

			Votos	%
1	Gotardo Lopes Netto	PV	73.870	44,803
2	Paulo César Baltazar de Nóbrega	PSB	64.007	38,821
3	Maria Aparecida Diogo Braga	PT	22.105	13,407
4	Mariana de Paula Caetano	PSTU	4.894	2,968

Fonte: TSE

<<http://baltazaroficial.blogspot.com.br/2010/09/em-alta.html>>

⁶⁰ Médico, nascido e criado em Volta Redonda foi vereador por duas vezes pelo Partido Social Liberal (PSL). Em 1996 obteve 1.530 votos, nas eleições seguintes conseguiu 2.948 votos. Na sua segunda passagem pela Câmara Municipal de Volta Redonda, ocupou a presidência. Em 2004 foi eleito, pelo Partido Verde (PV) com 83,790 votos prefeito da cidade de Volta Redonda com o apoio de Antônio Neto. É sobrinho do ex-prefeito Marino Clinger.

Fazer campanha contra o candidato do Neto foi um embate entre dois rivais que já foram aliados. Gotardo Netto foi eleito prefeito da cidade por uma margem pequena de votos. Baltazar explica como quase ganhou:

Contra o Gotardo, eu estava com mais chance de me reeleger, depois vinha o Gotardo, o Nelson e a Cida, nessa ordem. Quando chegou no final, o governo do Neto dava muita aprovação, ele é um cara que controla bem a mídia, os jornais, rádio, tudo. Os programas que nós começamos ele não deixou de fazer não, de enfeitar a cidade, de arrumar, isso é verdade. Nós fomos para a eleição, o Gotardo que era o candidato dele, eu estava um pouquinho na frente. Quando faltavam poucos dias, 30 dias, o Nelson Gonçalves, que era deputado, pulou para o lado dele e passou na minha frente. Eu falei com a Cida: o PT tem que vir com a gente ela dizia que eles iriam ganhar, por que era a vez da mulher, uma conversa de doido, ela tinha 10%, 12%, não tinha chance. Mas ela insistiu e perdemos por 3%, por aí, 4 mil votos. Se ela tivesse vindo aconteceria o mesmo que aconteceu, e olhe que se tivesse mais uma semana eu iria ganhar a eleição, pois eu estava recuperando quase um ponto por dia nas pesquisas, mas não tinha mais tempo hábil, ela tinha que vir, acontecia o que o Nelson fez com ele. Mas isso aí são águas passadas, é do processo, não tenho nenhuma mágoa, minha parceira ela⁶¹.

Depois dessa tentativa frustrada e da não reeleição em 2006 para o cargo de Deputado federal, Baltazar trabalhou na campanha derrotada de Cida Diogo para prefeita em 2008. Nessa ocasião já havia se transferido do PSB para o PT.

Eu fui para o PT por que meu espaço no PSB era muito pequeno, eu fui para o PT com a Cida. O PSB cortou muito meu espaço, não dava espaço, era só o Alexandre Cardoso que é meu amigo, mas é o dono do PSB no Rio, acabou, só dá ele. Aí o PT me chamou com a proposta de poder apoiar essas coisas todas e eu fui apoiar a Cida para candidatura a prefeita, achei que ela tinha chance, era mulher, não deu.

Depois saiu do PT e se filiou no Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) para concorrer a Deputado federal, segundo ele, essa troca iria facilitar sua candidatura uma vez que no PT precisaria de cerca de 80 mil votos para se eleger, já no PRTB 30 mil seriam suficientes. Baltazar mais uma vez não se elegeu, conseguiu aproximadamente 25 mil votos que não foram suficientes.

⁶¹ Segundo Lima, Baltazar caiu nas pesquisas depois que divulgou por toda cidade *outdoors* em que aparecia apertando a mão de Benjamin Steinbruch, presidente da CSN. (Lima, 2010: 203).

Atualmente Baltazar está filiado ao Partido Republicano Brasileiro (PRB), pois contava com o apoio do então Senador Marcelo Crivela (PRB-RJ). Depois Baltazar desistiu de concorrer as eleições. Atualmente trabalha como médico em Barra do Pirai e mora em Volta Redonda.

A “Frente Popular” se consolida: as eleições de Antônio Francisco Neto

Muito embora a administração de Paulo Baltazar tenha sido marcada por essa revitalização da cidade,

As maiores dimensões da proposta de revitalização inicialmente delineada pelo governo da “Frente Popular” foram alcançadas durante os dois governos seguintes de Antonio Francisco Neto (1997-2004) e sua concepção da “realização de obras” como melhor estratégia de recuperação da autoestima de uma população afetada pela privatização. (Lima, 2010: 79).

A avaliação do governo foi bastante significativa. Paulo Baltazar conseguiu eleger outro candidato da “Frente Popular” nas eleições seguintes, em 1996, Antônio Francisco Neto. Esse processo de transição não foi fácil, a disputa política interna para escolher o nome do sucessor foi intensa. Inicialmente, a tendência que se mostrava era de um candidato do PSB e a vice-prefeitura com Carlos Roberto Paiva⁶² (PDT). O PT, a fim de garantir ao menos a posição de vice na aliança, chegou a pleitear lançar um candidato próprio. Ao fim, ficou decidida que a chapa seria mais uma vez composta tendo o PSB como cabeça de chapa e o PT com a vice- prefeitura. Os nomes escolhidos foram Antônio Francisco Neto candidato a prefeito e Cida Diogo, a vice.

Baltazar explica que a escolha de Neto foi fruto de uma indicação feita a ele pela aliança:

⁶² Carlos Roberto Paiva é engenheiro e nasceu em Volta Redonda. Entre outros cargos trabalhou como Secretário de Obras da prefeitura de Barra Mansa e como Secretário Municipal de Serviços Públicos no governo de Neto, de quem é amigo pessoal. Trabalhou também como assessor especial do prefeito Neto e está no seu terceiro mandato como vereador da cidade de Volta Redonda. Hoje é filiado ao PT e é o vice-prefeito da cidade. (Entrevista realizada em 16/12/2009 por José Ricardo Ramalho, Paulo Roberto Alves e Eduardo Ângelo).

Mas de qualquer jeito eu não conhecia ele, politicamente não tinha ligações nem nada. E ele, um ano e pouco antes quis vir para o PSB, ele estava no PL por que o PL, segundo os levantamentos, ele não seria reeleito e no PSB seria reeleito. O PSB regional e o PT regional é que fizeram o prefácio dele: "é um bom menino, é um cara que luta contra a imoralidade aqui na Assembleia e tal". (...) Ele veio para o partido num momento até difícil da prefeitura, por que era um momento que ainda estávamos começando a recuperar, não era na fase áurea ainda. E isso me impressionou também, por que geralmente o cara vem quando o negócio está muito bom. Ele veio num momento difícil ainda do governo. Como ele tinha essas credenciais que o próprio PT e PSB colocaram ele foi uma pessoa que ficou sempre tranquilo, é do partido, é da cidade, já tinha sido candidato a prefeito e tinha perdido as eleições, tinha sido o quinto colocado na eleição anterior com o Juarez. Ele foi o último colocado. Quando ele veio e não tínhamos nenhum outro, nós ficamos muito preocupados em governar, e não pensamos em fazer política partidária.

Essa reeleição da aliança, apesar de todos os problemas enfrentados, demonstra que o projeto implementado por ela teve eficácia política. Como veremos um pouco mais a frente, Antônio Francisco Neto venceu as eleições com uma votação significativa e superando candidatos muito conhecidos na cidade e com larga experiência, no caso Nelson Gonçalves Filho (PSDB) e o ex-prefeito Marino Clinger (PDT).

Filho de imigrantes sírios, Antônio Francisco Neto foi o primeiro prefeito de Volta Redonda nascido da cidade. Seus pais eram comerciantes no ramo de sapatos.

Neto, como é conhecido no meio político, foi criado nos bairros São João e Jardim Amália. Morou também na Av. Amaral Peixoto, principal área comercial de Volta Redonda.

Estudou no colégio Macedo Soares⁶³ e cursou até o quarto ano de engenharia. Neto é conhecido na cidade por ser um comerciante de sucesso. Sempre ligado aos esportes, começou no ramo de materiais esportivos. Destacou-se na vida social da cidade, foi presidente de diversos clubes⁶⁴ e mesmo de blocos carnavalescos.

⁶³ Colégio criado em 1946 para atender aos filhos dos funcionários da recém-instalada Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

⁶⁴ Foi, por exemplo, presidente da Associação Atlética Comercial. Foi também presidente do Volta Redonda Futebol Clube de 1989 a 1997.

Junto com um grupo de amigos decide criar um partido e entrar na política, em meados da década de 1980.

Um belo dia, "vamos nos filiar num partido", conversamos na ocasião e nos filiamos ao PL e decidimos lançar um candidato a deputado estadual e outro a federal. O deputado estadual o grupo achou que deveria eu ser o candidato. Eu fui candidato, então fomos, e aí fizemos uma dobradinha para deputado estadual, tivemos nove mil setecentos e dois votos, fui eleito pelo PL. (...) Com um slogan jovem neto, e na época eu tinha vinte oito anos, e assim iniciou a minha vida política. (Antônio Francisco Neto).

Neto foi deputado estadual por três legislaturas consecutivas⁶⁵. Muito embora não tivesse ligações com os movimentos sociais locais, Neto afirma que sua atuação como deputado era voltada para esse segmento. Isso nos confirma a importância que esses movimentos sociais tiveram na vida política da cidade.

Na constituição [consegui] ter uma atuação de destaque, eu me lembro de que um grupo de pessoas resolveu dar notas aos trabalhos dos deputados. Eu fui constituinte nota dez, naquela época. (...) Era uma atuação muito voltada aos movimentos populares, as conquistas populares, eu tive uma participação importante e isso foi um marco na minha vida política essa atuação. Apesar de eu ser do PL, que era um partido liberal, as minhas votações eram todas progressista. (...) Em Volta Redonda [tinha] pouca ligação, mas a minha atuação sempre foi apoiando os movimentos sociais e consegui apresentar projetos de leis importantes. Todos visando o bem estar das pessoas, eu consegui ajudar um pouco o município, na época.

Sua atuação na ALERJ como deputado estadual teve como grande desafio a privatização da CSN e as consequências para a cidade, fato que, segundo ele, fez com que "se unissem aos segmentos contrários" ao processo de privatização.

Sua atuação como deputado estadual teve destaque público pelo fato de não usar os benefícios da Assembleia para custear gasolina e outros benefícios⁶⁶. Em 1988 concorreu a prefeitura de Volta Redonda. Não obteve boa votação. Naquela oportunidade, Juarez Antunes (PDT) foi eleito prefeito da cidade. Como vimos anteriormente, em 1996 pleiteou ser o sucessor de Paulo Baltazar e se filiou ao PSB. Foi

⁶⁵ Em 1986 foi eleito com 9.100 votos, em 1990 com cerca de 12 mil e em 1994 com 34 mil. (Lima, 2010: 130).

⁶⁶ Neto teria nunca usado carro oficial, combustível e selos da ALERJ.

eleito prefeito tendo como vice a petista Cida Diogo e se tornou o primeiro prefeito de Volta Redonda natural da cidade.

Em função dessa aliança fui candidato a prefeito, vencemos a eleição, na ocasião o Baltazar estava bem na cidade, a gestão dele como prefeito estava boa, e me elegei em 1996, assumi a prefeitura com uma proposta de melhorar a qualidade de vida de nosso povo e pegamos os bairros que não estavam urbanizadas, as áreas de posse, 164 áreas de posses, colocamos água, esgoto, drenagem, pavimentação, iluminação pública em todas elas.

Tabela 6:

Eleições Municipais - Volta Redonda - 1996				
			Votos	%
1	Antonio Francisco Neto	PSB	82.898	61,8
2	Nelson dos Santos Gonçalves Filho	PSDB	38.480	28,6
3	Marino Clinger Toledo Netto	PDT	9.011	6,72

Fonte: TSE

Entretanto, o que marcou sua gestão foi justamente a continuidade do projeto da “Frente Popular” de mudar os símbolos da cidade, os seus significados e projetar uma cidade diferente daquela associada à indústria e especificamente à CSN. Segundo suas próprias palavras, houve um movimento para desvincular a imagem da cidade ao "aço". Todavia, isso foi fruto de um projeto político e também da situação que a cidade enfrentava:

A população de Volta Redonda tem um orgulho muito grande da CSN, mas ela sempre foi muito conhecida só pela "cidade do aço", nos queríamos que ela fosse conhecida como a cidade do esporte, da cultura, da educação. (...) Era um programa de governo, era uma vontade da população. Com a privatização, existia um desânimo muito grande na cidade, talvez um os maiores acontecimentos, uma das maiores virtudes nossas, foi aumentar a autoestima do povo de Volta Redonda. (...) Nós fizemos uma ampla propaganda em outdoor,

na televisão dizendo "eu acredito em Volta Redonda, acredite você também na sua cidade" e colocamos pessoas importantes, comerciantes, o dom Waldyr, Cláudio Adão, na época a Miss de Volta Redonda (...) Com isso você deu animo e a população começou a ver a atuação do poder público, de melhorar a cidade, deixar a cidade mais bonita com praças, praça de esportes.

Assim como destacou Lincoln Botelho, essas ações de governo foram programas bem pensados e planejados a fim de conquistar a população e assumir um papel de protagonista frente à administração municipal. Neto ressalta que essa proposta de ações foi influenciada pelas demandas apresentadas no orçamento participativo:

Através do orçamento participativo nós decidimos as obras que eles queriam. Todo mundo queria exatamente o que nos estávamos fazendo. A nossa cartilha era o orçamento participativo. E começando com isso melhorar qualidade de vida da população (...). Acho que foi um grande avanço nosso, era o que a população esperava da gente, e fiquei oito anos deixando uma cidade mais limpa, organizada e planejada para o futuro. (...) foi feito com planejamento. Tudo que aconteceu na cidade não foi por acaso, as modificações no trânsito foram pensadas, foram planejadas.

Ao fim do mandato, Neto foi reeleito, se tornando o primeiro prefeito reeleito da história da cidade, repetindo a aliança com o PT, agora tendo a Suely das Graças Alves Pinto como vice. Essa eleição marcou o rompimento do ex-prefeito Baltazar com Neto, tendo em vista que aquele pretendia voltar ao poder nessa ocasião⁶⁷. (Lima, 2010: 134).

⁶⁷ Paulo Baltazar explica seu ponto de vista: "Isso aí é briga política, é a coisa menor da política. Quando a gente terminou o mandato elegemos o prefeito. Ele resolveu que tinha seus gurus que não eram do meu grupo. O pessoal que o acompanhava achou que ele sendo prefeito devia se separar, não participar, ter o grupo deles, e para isso tinha que brigar, e para brigar tinha que criar uma situação de fato. A primeira coisa que me desgastou, que me deixou chateado, foi por que no primeiro, segundo mês disseram que tinham 2 mil fantasmas. Eu fiquei intrigado e contrariado. Aí depois ele disse que não foi ele que falou, foi o secretário que falou. Mande levantar, descobrir e com muito custo consegui, eram professores que estavam de férias e que não assinavam ponto! Muita sacanagem. Eu comecei a perceber que, na verdade, a disposição é política de separação. Eu ainda tentei contornar, fomos caminhando ele estava no mesmo partido e disse que foi um mal entendido, depois assinou um documento, "eu quero assinar um documento contigo de que vamos estar juntos, se você for candidato eu vou te apoiar para prefeito quando acabar o mandato", ele assinou um documento de apoio e acordo político. Eu sabia que isso não existe, é só uma questão política mesmo, até por que eu já percebi que ele não era uma pessoa que falava as coisas e não faria. Eu até mandei reconhecer firma do documento, eu sabia que ele não iria cumprir, e não cumpriu. (...) Depois eu espalhei na cidade, e ficou aquela guerra política. Eu continuei minhas atividades como médico. No início do governo dele ele me colocou lá. Nós tínhamos um projeto de integração regional chamado Mercovale. (...) E nesse processo que eu quando deixei o governo tinha a intenção de que caminhasse, fique com essa função, eu era assessor dele para isso, mas depois eu percebi que ele esvaziou e não tinha intenção de fazer isso funcionar, ele não tinha essa ideia, não tinha essa visão. Não era falta de vontade, ele não tinha essa visão de integração regional. Ele é muito centralizador, ele acha que Volta Redonda é só Volta Redonda e dane-se o resto. (...) Ele não conversa, não dialoga com outras cidades, não

Tabela 7:

Eleições Municipais - Volta Redonda – 2000				
		Votos	%	
1	Antonio Francisco Neto	PSB / PT / PAN / PDT / PSL / PL / PPS / PMN / PFL / PPB / PTB / PST / PRP / PRTB / PC do B / PT do B / PTN / PV	115.204	78,606
2	Willian de Freitas	PSDB-PSC	28.891	19,713
3	Tarcisio Xavier Pereira	PSTU	2.464	1,681

Fonte: TSE

O número de partidos aliados ao governo Neto foi aumentando progressivamente, a ponto de incluir antigos "rivais" e nomes tradicionais da política local como Nelson Gonçalves, entre outros. Segundo Palmeira (2012: 99), isso é reflexo da crise entre uma "esquerda combativa" e as "forças de centro-esquerda (PSB, PDT, Articulação e Alternativa Socialista⁶⁸)" no início da Frente Popular e que teria aberto um "caminho político de atração de outros atores para este bloco de aliança em torno do governo municipal".

Depois disso, Neto ainda seria eleito prefeito mais uma vez em 2008⁶⁹. Nesse intervalo ocupou vários cargos no governo estadual, marcando sua mudança do PSB

busca integração e isso é da personalidade dele, é centralizador, aqui na cidade também, pergunte a todo mundo e às pesquisas qualitativas apontam a centralização dele. Eu resolvi sair, não tinha sentido, vou ser médico. Saí do governo dele por que cada semana ele fazia uma sacanagem, então eu decidi. Ele é de outro grupo". (Paulo Baltazar).

⁶⁸ "Articulação" e "Tendência socialista" são tendências internas do PT. Para maiores informações sobre a formação e divisão interna do PT ver Montenegro (2009).

⁶⁹ Foi a primeira eleição em Volta Redonda com a possibilidade de segundo turno, tendo em vista que o eleitorado alcançou a marca de 207.116 cidadãos aptos a votar, portanto superando o número de 200 mil eleitores, número mínimo para que ocorra segundo turno.

Nesse pleito Neto foi eleito no primeiro turno obtendo 91.129 votos, cerca de 54% dos votos válidos. A segunda colocação ficou com Jorge de Oliveira (PTdoB), o Zoinho, que conseguiu mais de 35, 891 votos, 21% dos votos válidos. Na sequência aparecem, Cida Diogo (PT) com 19.954 votos, Washington Granato (PDT) com 19.819 votos, e por último Maria das Dores Pereira Mota (PSOL), a Dodora, com 1.379

para o PMDB⁷⁰, entre eles foi presidente da Companhia de Habitação do Estado do Rio de Janeiro (CEHAB) durante o ano de 2005, foi secretário de Estado da Receita (2006), presidente do Departamento Estadual de Trânsito do Rio de Janeiro (DETRAN) nos anos de 2007 e 2008.

A tônica dos mandatos desse grupo político, iniciada em 1992 com a eleição de Paulo Baltazar e que "potencializou" na "era Neto" (Lima, 2010) foi o de levantamento da autoestima dos moradores da cidade e de mudança na percepção da cidade, seus símbolos e significados. Assim, foram realizadas muitas obras de revitalização e embelezamento da mesma⁷¹. Houve uma mudança significativamente na cidade no intuito de desvincular a imagem da cidade de um passado de crise alterá-la para uma mais "moderna" e "cidadã" ⁷².

Nesse sentido, o relacionamento com a CSN fica cada vez mais distante. Aquela que era a "mãe" da cidade se torna uma empresa como outra. Quando questionado sobre o "peso" da CSN para a cidade em suas administrações, Neto esclarece essa diferença:

Hoje o município não depende dela como dependia na saúde, na educação e na geração de emprego, apesar dela ter seu peso. Ela tem um peso muito grande no ICMS de Volta Redonda por que o valor, a DECLAN dela tem um peso grande, mas o município hoje é muito mais independente do que antes, muito mais. É lógico que a população se orgulha de ter a CSN em Volta Redonda. Acho que é importante para todo mundo e principalmente para o trabalhador da CSN e a população de Volta Redonda ter um bom entendimento, um relacionamento de

votos.

⁷⁰ Neto segue Anthony Garotinho (ex-governador do Rio de Janeiro) e Rosinha Matheus, então governadora do estado do Rio de Janeiro, que rompem com o PSB e se filiam no PMDB.

⁷¹ Para maiores informações sobre as políticas públicas da "era Neto", ver Palmeira (2012) e Lima (2010: 132 e 133).

⁷² Um exemplo disso é a total reconstrução em 2004 do Estádio Municipal General Sylvio Raulino de Oliveira, estádio originalmente construído na década de 1940, tornando-o uma arena. Hoje no estádio, além de jogos de futebol, é possível encontrar uma policlínica, um centro de imagens, um centro de fisioterapia e reabilitação, um centro oftalmológico que além das consultas e exames tem uma ótica com preços de fábrica ("ótica da cidadania"), uma academia e um centro de cursos para a terceira idade, uma biblioteca virtual que conta com acesso a informática e à internet, a palestras e cursos. Segundo os dados da prefeitura e da imprensa passam pelo estádio cerca de 3 mil pessoas diariamente entre funcionários e cidadãos, fora os jogos de futebol, o que resulta em uma média de público superior a de muitos clubes de futebol. Além disso, o estádio é considerado um dos mais modernos para a prática do esporte. (Diário de Vale – 15/07/2011 e O Globo 08/09/2012 <<http://oglobo.globo.com/rio/estadio-em-volta-redonda-oferece-servicos-medicos-cursos-6037176>>).

respeito entre a CSN e o município. (...) Hoje nos sabemos que a CSN tem dono, a presidência da CSN tem que prestar contas para seus acionistas e nós prestar conta para a população de Volta Redonda. Há um relacionamento de respeito.

Não somente a CSN tem outro papel na cidade como a cidade é vista como sendo diferente de anteriormente. Nesse sentido, a eleição desses personagens "não tradicionais" foi fundamental e propiciada por esse contexto. Nesse trecho abaixo, Lincoln Botelho ressalta essa característica do Neto:

Só o conhecia na cidade, como comerciantes, por que ele era do comercial, era do clube, do bloco cervejinha etc. Mas não era da turma dele, não conhecia ele, não tinha nenhuma relação com ele. (...) Mas ajudei na aliança para que ele fosse o prefeito. Eu achava que tinha significado aquilo, ele teve mandado de deputado estadual impecável. E ele era o primeiro prefeito volta redondense, cara do comércio, era de um estamento social diferente, não era da CSN. Ele acabou sendo prefeito. (Lincoln Botelho).

Ainda segundo Lincoln, o sucesso desses governos foi muito em função da implementação do orçamento participativo e da "retomada" do controle sob a administração pública baseando-se em um conceito de maior "participação". Nesse sentido, segundo ele, Neto soube se beneficiar desses "instrumentos":

Quando chegou quis saber o que era. Foi sensacional por que ele compreendeu o negócio, ele compreendeu o instrumento. (...) Logo que ele assumiu organizamos o orçamento participativo. O discurso dele era o seguinte: ele fazia uma exposição dizendo como ele tinha encontrado a prefeitura e falava assim "gostaria de dizer o seguinte, eu não garanto fazer essa demanda" - tinha uma demanda reprimida etc. - "não garanto fazer tudo isso, não sei se vou conseguir fazer. Mas eu garanto uma coisa, um pacto aqui, tudo que eu fizer vai sair daqui". Aquilo foi nota mil. Por que o orçamento participativo virou o único canal. (Lincoln Botelho).

Lincoln Botelho, entretanto, aponta que apesar dos ganhos dessas administrações, alguns limites e problemas ainda não foram superados. Segundo ele, o maior espaço que a secretaria de Planejamento conseguiu nessa época foi útil na medida em que eles conseguiram melhorar a vida na cidade, entretanto, isso não foi o suficiente para planejar uma cidade sem a CSN:

(...) Por que as diretrizes dos planos são as mesmas. Continua as terras todas da CSN. Só quando conseguimos tomar as terras da CSN e tal. (...) Mudou na

questão simbólica e administrativa. Na verdade a gente reconquistou a administração para nós. Por que aqui sempre foi subordinada a CSN. Agora, planejar a cidade, outra cidade sem CSN, isso não aconteceu não. Pelo contrário, a gente sofreu os impactos todos da privatização, da redução do número de empregos, a preocupação era não demitir ninguém, a prefeitura virou a maior empregadora da cidade. A prefeitura hoje tem 15 mil funcionários com um quadro desqualificado e cheio de problemas. (...) Estamos desorganizados até hoje. O planejamento compreensivo a gente está atrasado. A gente conseguiu tomar posse, fazer a cidade funcionar a partir da democratização. (Lincoln Botelho).

Procuramos nesse capítulo analisar o contexto social que se formou na cidade após o processo de privatização da CSN. Vimos que a crise econômica e social que Volta Redonda vivia, considerada como uma "crise moral" (Lima, 2010), foi potencializada pela redemocratização e se configurou em um movimento popular que conseguiu eleger candidatos próximos a sua concepção de luta e de sociedade.

Diante disso, analisamos como que a chegada da "Frente Popular" representou a emergência dos movimentos populares na administração municipal. Além disso, mostramos que a Frente Popular conseguiu eleger candidatos que fugiam ao perfil político "tradicional" da cidade, que seja, políticos experientes e sempre muito ligados a dinâmica dualista entre Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR). A grande maioria desses era ou ex-funcionários da Companhia, ou candidatos indicados pela empresa. A influência da empresa, e por extensão, do Estado nacional, era flagrante na administração pública da cidade.

Diferente disso, a "Frente Popular" conseguiu eleger candidatos que não vinham dessas "bases". A análise da trajetória de vida de Paulo Baltazar (e de seu sucessor Antonio Francisco Neto) nos revela que, embora crescido nesse contexto da "cidade do aço", sua trajetória ganhou contornos outros que não especificamente ligados à Companhia e ao sindicato. Poderíamos dizer que esse contexto representou a chegada de uma nova elite à política local.

Destacamos também como que essa separação entre a cidade e a CSN propiciou a possibilidade de a cidade se (re) pensar e se planejar de forma menos dependente do

que em outrora. Sendo assim, figuras ligadas ao planejamento como o secretário Lincoln Botelho ganham espaço e têm atuação de destaque nos quadros do funcionalismo público.

Nesse sentido, a eleição da “Frente Popular” e a trajetória específica de Paulo Baltazar nos revela que a configuração política na época deu margem para que determinados aspectos de sua trajetória fossem valorizados e vistos como os ideais para a posição de prefeito da cidade. Destacamos como que Baltazar foi eficaz em fazer a leitura desse momento e destacar aspectos de sua trajetória e personalidade que tinham potenciais eleitorais. Seu governo ficou marcado por ações e programas que tinham três aspectos especificamente:

a) Ajustar as finanças da cidade degradadas após a crise financeira decorrente, entre outros, da privatização da CSN e a sucessivas administrações deficitárias;

b) Implementar o orçamento participativo, elemento fundamental para se conseguir apoio popular e dos movimentos sociais;

c) Fazer uma reforma simbólica e estética na cidade a fim de modificar a imagem da cidade ligada a um passado eminentemente industrial.

Essas ações foram, segundo nossas impressões, elementos essenciais para o sucesso eleitoral dessa aliança que venceria mais duas eleições e alçaria Antônio Francisco Neto a uma posição capaz de garantir três mandatos a ele (1996-2000, 2001-2004 e 2009-2012), uma indicação vitoriosa (Gotardo Neto em 2005-2008) e ao amplo favoritismo nas eleições municipais de 2012.

Capítulo 4: Considerações Finais

Essa dissertação centrou sua investigação na trajetória pessoal e política de Paulo Baltazar, prefeito de Volta Redonda entre os anos de 1993 e 1996, como um exemplo síntese da eleição da “Frente Popular”, aliança política que significou a emergência de uma nova elite à administração municipal da cidade de Volta Redonda (RJ).

A pesquisa discutiu o contexto sociopolítico que fundamentou a chegada desse e de outros "novos" personagens à esfera política municipal, o que permitiu explicar e interpretar a dinâmica social que resultou na eleição nos anos 1990 e a atuação e discursos desses novos atores políticos. O objetivo foi analisar como que esses atores utilizaram suas biografias e converteram aspectos dela em recursos políticos. Ou seja, se de um lado no cenário político "criou-se" espaços para a ascensão de novos "projetos" políticos, por outro, esses atores foram eficazes em se apresentarem como os postulantes mais bem preparados a ocupar esses espaços.

Através da análise da biografia política de Paulo Baltazar, somado aos depoimentos e entrevistas desse e de outros personagens demonstramos que o contexto de "crise" da cidade a partir da privatização da CSN foi um elemento decisivo para a reorganização da estrutura política local. Os dados recolhidos pela pesquisa sugerem que esse rearranjo político possibilitou a emergência de uma nova elite política ao poder na cidade de Volta Redonda e permitiu analisar o posicionamento de Baltazar nesse cenário em que foi eleito prefeito, assim como sua aliança que conseguiu dominar o cenário político por 12 anos consecutivos.

A eleição dessa aliança teria representado a ascensão do primeiro prefeito eleito pelos movimentos populares da cidade⁷³. Esse governo foi significativo também por não ter nenhuma ligação com a CSN e por ser o primeiro a governar a cidade depois da

⁷³ A exceção do curto governo de Juarez Antunes em 1989.

privatização. Talvez tenha sido um dos símbolos mais enfáticos do "divórcio" entre a Companhia e a cidade. Cenário que possibilitou a necessidade e o espaço para a cidade de pensar e se planejar de forma mais autônoma à CSN.

Do conjunto de entrevistas realizadas a trajetória de vida do Secretário de planejamento e funcionário de carreira da prefeitura de Volta Redonda Lincoln Botelho foi importante pelas informações sobre o funcionamento e o planejamento da cidade nesse novo contexto, pelo fato de ser um olhar de um funcionário e político intrinsecamente ligado à administração municipal e de, a exemplo dos demais entrevistados, ter tentado construir sua narrativa selecionando e enfatizando os pontos de seu interesse político e pessoal.

Da mesma forma, o perfil político da deputada Cida Diogo, do PT, elucidou as ações do partido na aliança da "Frente Popular" no primeiro momento político e nas situações político-eleitorais posteriores, com uma descrição detalhada dos problemas, limites e dificuldades da dinâmica política local.

Um dos aspectos que mais marcou a administração de Baltazar na prefeitura de Volta Redonda foi a privatização da CSN. Esse rompimento da CSN possibilitou que Baltazar exigisse mais da empresa do que seus antecessores, tendo em vista que a crise já estava instalada. Esse foi um dos trunfos que ele destacou, sempre fazendo alusão de poder agir assim por que não era político e não tinha ligações com a CSN.

A venda da CSN foi um momento que a relação que a empresa e a cidade mantinham foi alterada sobremaneira. A situação foi propícia para a ascensão de projetos políticos que prestigiassem e privilegiasse a necessidade de se repensar a cidade e de dar uma cara e rumos novos para a cidade e, talvez, pela primeira vez na história, de maneira separada da Companhia.

[A candidatura] Foi por causa deste projeto político. Era o projeto, além de ter uma pessoa que tivesse uma relação com a cidade, de enxergar a verdadeira necessidade do município naquele momento, por que Volta Redonda, nesta época de pós privatização, Volta Redonda viveu uma situação muito difícil, muito difícil, ela na verdade resurgiu, o que houve foi uma perda maciça de oportunidade de emprego na cidade. A CSN tinha 30 mil funcionários passou a

ter 12 mil funcionários. A questão estrutural dos fornecedores que viviam e geravam emprego no entorno da CSN e que também tiveram as oportunidades de trabalho excluídas. Então chegou-se a ideia que Volta Redonda não poderia mais ficar a mercê ou de 'pires na mão' em relação a CSN, ela tinha que buscar outro caminho. Outro caminho na questão da prestação de serviços, na questão do comércio - até pela posição geográfica da cidade. Você enxergava que você poderia ter essa nova vertente de crescimento dentro do município. Isso foi se configurando ao longo do tempo, hoje Volta Redonda é este polo na região. Então a proposta e a ideia não era apenas ficar - por que a CSN funcionava como uma segunda prefeitura de Volta Redonda, a questão de benefícios a população como todo de uma forma especial aos funcionários - então este momento foi de buscar uma nova vertente para Volta Redonda. (Gotardo Netto).

Baltazar e seu grupo político souberam representar a "crise da cidade" de modo a fazer com que se "percebesse" que a cidade precisava se reinventar, se planejar autonomamente e para isso precisava da participação popular. Nessa maneira implantou mecanismos como o orçamento participativo e investiu em melhorias na cidade a fim de "resgatar a autoestima" da população da cidade.

Em várias passagens do texto e dos depoimentos colhidos em entrevistas com ele, destacamos partes que mostram como ele faz e fez questão de destacar alguns aspectos de sua vida, como o trabalho voluntário, sua posição de médico, o fato de não ser um "político", a noção de "cuidado" que o médico teria. Além disso, ele enfatizou por diversas vezes o seu passado de "luta" e de "dificuldades", pois é oriundo de uma família pobre, mas que, no entanto, sempre "incentivou" o estudo, mesmo que só podiam coloca-lo em escola pública e etc.

Pudemos notar também que depois de sua eleição, o prestígio que ele conquistou e sua postura política foram elementos fundamentais que fizeram com que o PT e os movimentos sociais enxergassem nele uma possibilidade de candidato capaz de disputar as eleições à sucessão de Wanildo de Carvalho e formalizaram uma aliança com o PSB que durou três eleições consecutivas.

Além disso, a análise de sua trajetória, de suas ações e da redefinição das relações com a empresa e da própria cidade, nos fez compreender a complexidade das relações políticas locais que não se resumiam a uma polarização entre sindicato e CSN.

Pudemos notar também a capacidade individual de determinados atores e grupos políticos de se articularem e se posicionarem nessa nova "arena" política que estava em acentuada transformação. Baltazar teve a capacidade de transformar aspectos da sua biografia em capital eleitoral.

O debate pela recuperação da autoestima da sociedade local diante dos efeitos da privatização da CSN teria sido um dos facilitadores da emergência de um perfil de candidato específico. Paulo Baltazar soube encampar isso e se consolidar como o detentor das características que o cenário "demandava". As eleições seguintes demonstraram a consolidação da "Frente Popular" Baltazar conseguiu eleger o seu candidato Antônio Francisco Neto que deu continuidade ao "projeto" da aliança e ampliou a concepção de "revitalização" da cidade e da mudança simbólica de Volta Redonda.

A pesquisa também demonstrou que as oportunidades abertas no cenário político de conflito com a CSN "demandaram" certos aspectos e "qualidades" pessoais dos políticos locais. Foi dessa forma que os eleitos valorizaram certos traços de suas trajetórias, experiências pessoais e profissionais⁷⁴, para se mostrarem mais aptos para o cargo de prefeito de Volta Redonda e liderarem um movimento ou projeto político que se pretendia representar a população e a "vontade" da cidade.

Esse contexto permitiu que um determinado projeto político de poder ascendesse e capitaneasse o apoio de personagens específicos que souberam, no curso da história, se posicionar e se colocar como possíveis candidatos e, ao fim, lograrem chegar ao posto máximo da administração municipal. Eles tiveram o mérito de ao mesmo tempo influenciar no que seria a "vontade" da cidade, "ler" o que seriam as "demandas" e, finalmente, colocar sua imagem como as pessoas "corretas" para realizar os projetos que respondessem a essas demandas. Nessa nova "arena" e com a abertura dessas "oportunidades" uniram forças políticas e projetos pessoais. Fato que reforça a ideia de

⁷⁴ Coradini indica que não é simplesmente a valorização da profissão, por exemplo. E sim o sentido que se dá a isso. "Mais do que a categoria profissional tomada como dada em sua homologia com a atividade política, interessa examinar os significados que essa categoria de classificação representa em termos históricos e sociais". (Coradini, 2001:21) Esse tipo de observação nos é útil para evitarmos "essencializar" as posições e características.

que a política está sendo entendida nesse trabalho com um duplo sentido, tanto tendo uma lógica e dinâmica própria, como sendo relacionada com as outras esferas sociais.

O esforço permanente de Baltazar em ressaltar a "aventura" que passou para galgar certos cargos uma vez que não era "político", por assim dizer, a sua condição de "não político", foram recursos políticos utilizados para se legitimar enquanto candidato diferente e apto a governar de maneira distinta, nova e mais próxima à "realidade", ou mais distante da política cotidiana "normal". A memória constituída da cidade de crise e de um passado dependente foi reforçada por esse grupo política que atribuiu para si a imagem de "novidade capaz de alterar essa dinâmica que a cidade vinha vivenciando. Dessa forma, o discurso que Baltazar fez, se desvinculando da "classe política" foi um diferencial que municiou a aliança durante a disputa na arena política eleitoral. Além disso, ele conseguiu reunir algumas das forças políticas mais importantes de Volta Redonda, como a Igreja Católica e os movimentos sociais.

A ascensão desse grupo político interferiu para alterar a forma negativa que os moradores tinham da cidade, configurando um "ressurgimento" (Lima, 2010) e revelando uma "nova face" de Volta Redonda (Palmeira, 2012). A ideia do "novo", do "independente" e até mesmo a ideia de ser capaz de enfrentar a CSN – agora tratada de forma diferente – foram ideias amplamente utilizadas por essa nova elite política e que resultaram em capital político e eleitoral para a manutenção do poder desde os anos 1990 até os dias atuais.

A chegada dessa nova elite à política local de maneira nenhuma significa dizer que antigas forças sumiram ou perderam poderes⁷⁵. O que queremos dizer é que esse contexto criou a possibilidade para novos projetos e carreiras, diferentes daquelas

⁷⁵ À medida que a campanha pela privatização foi ganhando argumentos e aliados foi também isolando setores da sociedade local tradicional, principalmente as ligadas ao sindicalismo. Esse foi mais um dos fatores que afastou antigas figuras políticas (perfis políticos, no caso os ligados a essa relação capital x trabalho) e possibilitou a chegada ao poder de lideranças que não eram visceralmente ligadas a CSN e as lutas sindicais. (Pereira, 2007, 245) Isso podemos perceber no perfil diferente daqueles que assumiram o poder na prefeitura, que não eram nem os militantes da década de 1980 e nem eram os candidatos patrocinados pela CSN. Muito embora, "membros" desses "setores" se fizeram presentes no legislativo municipal e em outros cargos e esferas.

"tradicionais" da cidade. Mesmo os mais "tradicionais" tiveram que se "atualizar" para conseguir eficiência no campo político/eleitoral.

Isso pode ser ratificado com o exemplo da CSN, mesmo que ela tenha diminuído sua influência sobre Volta Redonda, o peso relativo dela na economia permanece muito grande. A cidade de Volta Redonda tem feito um esforço para ser mais do que a “cidade do aço”, mas sempre continuou sendo e querendo ser também do "aço". A CSN faz parte da história da cidade e seu simbolismo é tão presente quanto sua centralidade física na cidade de Volta Redonda. (Ver anexos 1 e 2)

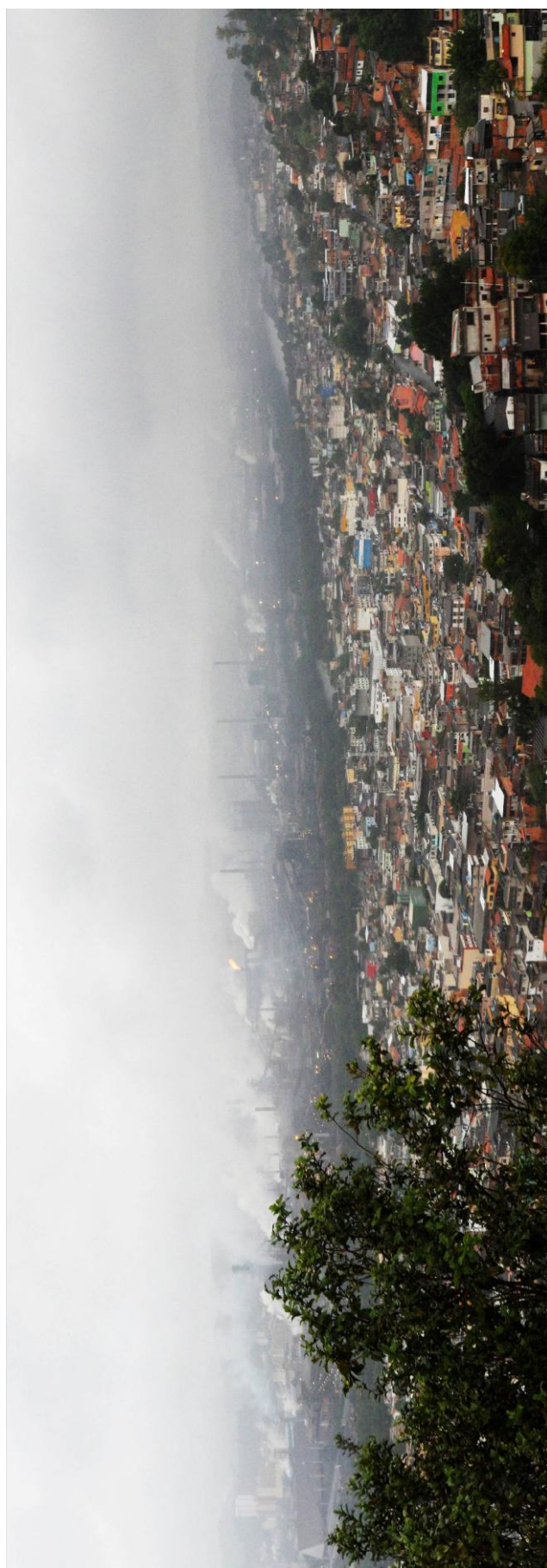
Entretanto, o perfil econômico da cidade mudou ao longo desses anos, o setor de indústria de transformação foi ultrapassado pelas atividades de serviços como a maior empregadora da cidade, além do aumento no setor de comércio. (Lima, 2010: 155,156). Mesmo assim, a CSN se manteve como um símbolo importante, motivo de orgulho e influência na cidade:

À centralidade espacial da CSN no cenário urbano, alia-se sua centralidade social e o seu papel na identificação da "cidade do aço". Estima-se que até a privatização, em 1993, cerca de mais da metade da População Ocupada Assalariada (POA) da cidade era direta ou indiretamente dependente da indústria (Gracioli, 2007). Independentemente da importância atual concreta da CSN nesse panorama, argumentamos que sua importância simbólica está firmemente arraigada na mitologia primordial da cidade. Embora a empresa tenha dispensado grande contingente de trabalhadores e, desta forma, possa ter incompatibilizado a relação entre a realidade de sua importância e a representação social que lhe é atribuída na cidade, ela não deixou de ser o palco privilegiado dos dramas sobre os dilemas do mundo do trabalho, pois não há na cidade nenhuma unidade empresarial ou empregador sequer candidatos a substituir a CSN em sua grandeza, sua importância meta-local e de sua existência como marco da cidade. (Dias, 2011: 45).

Em resumo, na dissertação discutimos e analisamos como o contexto social que se formou em Volta Redonda após o processo de privatização da CSN levou a uma crise tanto econômica como "moral" e ao mesmo tempo permitiu um rearranjo de forças políticas com a emergência de novos atores políticos que conseguiram eleger candidatos a cargos administrativos e que fugiam ao perfil político "tradicional" da cidade, principalmente aqueles ligados à CSN. E os novos governos e alianças políticas que desde então buscaram revitalizar a cidade e mudar sua relação com a empresa principal, em um esforço para se desassociar a "cidade" do "aço".

Anexo 1:

A CSN se localiza no "meio" da cidade



Anexo 2:



Por toda a cidade é possível vermos monumentos que remetem à história industrial. Na foto uma estátua de Getulio Vargas localizado na Praça Brasil.

Referências Bibliográficas

Almond, G e Verba, S. *The Civic Culture*. Princeton University Press, 1963.

Almond, G e Verba, S. *The Civic Culture revisited*. Boston, Little & Brown, 1989.

Arbix, G. Guerra Fiscal e Competição Intermunicipal por Novos Investimentos no Setor Automotivo Brasileiro, *Dados*, vol. 43, n° 1: 05-43. 2000.

Bobbio, N; Matteucci, N; et al (orgs.). Dicionário de Política. 2ª ed. Brasília, Ed. UnB/Hamburg, 1986.

Bourdieu, Pierre. Economia das Trocas Simbólicas. (Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva. 1974

Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

Bourdieu, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: Amado, Janaína e Ferreira, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. - 8ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 183-191.

Bresser-Pereira, Luiz Carlos. Do Estado Patrimonial ao Estado Gerencial. In Pinheiros, Wilhelm e Sachs (orgs). Brasil: um século de transformações. SP: Cia. Das Letras, 2001: 222-259.

Cardoso, Fernando Henrique. Autoritarismo e Democratização. Paz e Terra, 1975.

Castells, M. A Sociedade em Rede. São Paulo, Paz e Terra, 2001.

Codato, Adriano; Costa, Luiz Domingos. A Profissionalização da Classe Política Brasileira no Século XXI: um Estudo do Perfil Sócio-profissional dos Deputados Federais (1998-2010). In: 35º Encontro Anual da ANPOCS, 2011, Caxambu - MG. Anais do do 35º Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo - SP: ANPOCS, 2011.

Coradini, Odaci Luiz. Em Nome de Quem? : Recursos Sociais no Recrutamento de Elites Políticas. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UFRJ, Núcleo de Antropologia Política, 2001.

Dias, Sabrina de Oliveira Moura. Dentro da Usina mas Fora da "Família": Trabalhadores e Terceirização na CSN. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010

Diniz, Eli. A Transição Política no Brasil: Uma Reavaliação da dinâmica da Abertura. Dados Vol 28 n° 3. 1985.

Durkheim, É. & **Mauss**, M., 1981 [1903]. Algumas Formas Primitivas de Classificação: Contribuição para o Estudo das Representações Coletivas. In Mauss, M. Ensaios de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, p. 399-455.

Duverger, Maurice. Os Partidos Políticos. Rio de Janeiro: Zahar/Ed. UNB, 1980.

Elias, Nobert. O Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, 2v.

Elias, Nobert . A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Estevez, Alejandra. O Movimento dos Trabalhadores Católicos: a Juventude Operária Católica (JOC) e a Ação Católica Operária (ACO), Ano de Obtenção: 2008.

Figueiredo, A e **Limongi**, F. Executivo e Legislativo na Nova Ordem Constitucional. FGV, 1999.

Gama, Maria Cecília. Savio Gama: Fotos que contam a sua História. Volta Redonda: Prefeitura Municipal . Secretaria Municipal de Cultura, 2004.

Geertz, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

Geertz, Clifford. Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Gomes, Angela Maria de Castro. A Invenção do Trabalhismo. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. v. 1. 319p.

Gracioli, E.J. Um Caldeirão Chamado CSN: Resistência e Violência Militar na Greve de 1988. Uberlândia, 1997.

Gracioli, E.J. Um Laboratório Chamado CSN: Greves, Privatização e Sindicalismo de Parceria - A Trajetória do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda – 1989-1993. Tese de Doutorado IFCH/UNICAMP; 1999.

Gracioli, E.J. Privatização da CSN: da Luta de Classes à Parceria. São Paulo, Expressão popular, 2007.

Honneth, Axel. Luta por Reconhecimento: A Gramática Moral dos Conflitos Sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

Kinzo, Maria D'Alva G. A Democratização Brasileira: um Balanço do Processo Político desde a Transição. São Paulo em Perspectiva, Dezembro 2011, Vol. 15, no. 4, p. 3-12. ISSN 0102-8839 (on line).

Kuschnir, Karina. Política e Mediação Cultural: um Estudo na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ (dissertação de mestrado). 1993.

Kuschnir, Karina. Representação Parlamentar e Cultura Política no Rio de Janeiro. in Palmeira, M e Goldman. M (orgs). Antropologia, Texto e Representação Política. 1996.

Kuschnir, Karina; **Carneiro**, Leandro Piquet. As Dimensões Subjetivas da Política: Cultura Política e Antropologia da Política. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 24, p. 227-250, 1999.

Leite Lopes, J. S. e **Maresca**, S. A Morte da “Alegria do Povo”. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 20, p. 113-134. Rio de Janeiro: 1992.

Lima, R. J. C. Açúcar, Coca-cola e Automóveis: Ação Político-empresarial na Construção de um ‘Município Modelo’ em Porto Real (RJ). Dissertação de Mestrado. UFRJ-PPGSA/IFCS, impresso. 2005

Lima, R. J. C. A “Reinvenção” de uma Cidade Industrial: Volta Redonda e o pós-privatização da Companhia Siderúrgica Nacional – Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2010.

Lima Netto, Roberto Procópio. Volta Por cima. Rio de Janeiro, Record, 1993.

Miceli, Sérgio. (Org.). A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

Morel, R.L. de M. A Ferro e Fogo: Construção e Crise da "Família Siderúrgica": o caso de Volta Redonda (1941=1968). São Paulo, SP. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. 1989.

Morel, R.L. de M. História Incorporada e Identidade Coletiva entre Trabalhadores Aposentados da Companhia Siderúrgica Nacional. In: Rangel, Alice, Pessanha, Elina (orgs). "O Trabalhador Carioca: Estudos sobre Trabalhadores Urbanos do Estado do Rio de Janeiro". 1995.

Netto, Helenice. O Diário de uma Vitória - Relatos de Campanha. 2010.

Nunes, Edson. Gramáticas Políticas no Brasil. Zahar, 2005.

Palmeira, Andre Franklin. A Nova Face da "Cidade do Aço": Crise do Capital, Trabalho e Hegemonia em Volta Redonda (1992-2008). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Niterói, 2012.

Pecqueur, Bernard. O Desenvolvimento Territorial: Uma Nova Abordagem dos Processos de Desenvolvimento para as Economias do Sul. Raizes. Vol. 24, 2005.

Pereira, Carla R. A. Relações Políticas e Desenvolvimento Regional: O Caso da Indústria Automobilística no Sul Fluminense - Volkswagen e PSA Peugeot-Citröen. (Tese doutorado). 2008

Pereira, Sérgio Martins. Trajetórias Individuais e Ação Sindical no Pólo Automotivo do Sul Fluminense. Dissertação de Mestrado, UFRJ-PPGSA/IFCS, Impresso. 2003.

Pereira, Sérgio Martins. Sindicalismo e Privatização: o Caso da Companhia Siderúrgica Nacional. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia e antropologia – IFCS/UFRJ; 2007.

Pessanha, Elina; **Morel**, R.L.M. Gerações Operárias: Rupturas e Continuidades na Experiência de Metalúrgicos no Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 6 (17), 1991.

Pollak, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, vol. 2, nº 3. Rio de Janeiro, PP.3-15; 1989.

Pollak, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos, vol. 5, nº 10. Rio de Janeiro, PP. 200-215. 1992.

Putnam, R. Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro, FGV Editora. 2000.

Ramalho, José Ricardo. Empresas Estatais de Primeira Geração: Formas de Gestão e ação sindical. In: Rangel, Alice, Pessanha, Elina (orgs). O Trabalhador Carioca: estudos sobre trabalhadores urbanos do estado do Rio de Janeiro", 1995.

Ramalho, José Ricardo (Org.); **Santana**, M. A. (Org.). Trabalho e Desenvolvimento Regional - Efeitos Sociais da Indústria Automobilística no Rio de Janeiro. 240. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

Rangel, Alice, **Pessanha**, Elina (orgs). O Trabalhador Carioca: estudos sobre trabalhadores urbanos do estado do Rio de Janeiro", 1995.

Rennó, Lúcio. Teoria da Cultura Política: Vícios e Virtudes. BIIB, Rio de Janeiro, n.45 10. semestre, p. 71-92, 1998.

Santana, M. A. Trabalhadores e Política no Sul fluminense: a Experiência de Volta Redonda nos anos 1980. In: Ramalho, J. R; Santana, M. A. (Org.). Trabalho e Desenvolvimento Regional - Efeitos Sociais da Indústria Automobilística no Rio de Janeiro, p. 35-50.

Santos, R. S. P. A Construção Social da Região: Desenvolvimento Regional e Mobilização Sócio política no Sul fluminense. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Santos, R. S. P. O Sul Fluminense em Questão: o Papel das Redes Sócio-políticas na Promoção do Desenvolvimento Regional. In: Trabalho e Sindicato em Antigos e Novos Territórios Produtivos – comparação entre o ABC paulista e o Sul fluminense. Jâcome Rodrigues, Iram & Ramalho, José Ricardo (orgs) Editora Annablume. 2007.

Santos, Wanderley Guilherme. Poliarquia em 3D. Dados, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, 1998 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000200001&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Jan. 2009. doi: 10.1590/S0011-52581998000200001.

Sardan, J P. *Anthropology and Development: Understanding Contemporary Social Change*. 1995.

Scalon, Celi. Percepção de Desigualdades. Uma análise Comparativa Internacional. In: Imagens da Desigualdade. Editora UFMG, Rio de Janeiro: 2004. pp. 307-342.

Serna, Miguel. *Reconversión y Conservadurismo Político en Brasil: Los Límites del Cambio*. Sociedade e Estado, Brasília, 2006.

Turner, Brian: Status. Editorial Estampa, Lisboa, 1989

Veiga, Sandra Mayrink & Fonseca, Isaque. Volta Redonda: Entre o Aço e as Armas. Petrópolis: Vozes, 1989.

Velho, Gilberto. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

Weber, Max. Classe, Estamento e Partido. In Gerth & Mills (orgs.): Ensaio de Sociologia. Zahar Editores, RJ, 1979.

Weber, Max . A Objetividade do Conhecimento em Ciências. In: Sobre a Teoria das Ciências Sociais. São Paulo. Editora Moraes, 1991.

Weber, Max. Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Brasília, UnB.1999

Weber, Max. Ciência e Política: Duas Vocações. São Paulo: Martin Claret, 2001.

Weber, Max. Conceitos Sociológicos Fundamentais. In: Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva - Vol 1. Editora UnB. Brasília: 2004

Weber, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Lista de Entrevistas:

Antônio Francisco Neto	15/05/2012
Gotardo Lopes Neto	17/05/2012
José Maria da Silva	01/02/2012
Lincoln Botelho da Cunha	(ao longo de 2012)
Maria Aparecida Diogo Braga	09/11/2011
Maria das Dores Mota	09/11/2011
Maria Inês Pandeló Cerqueira	03/05/2011
Paulo César Baltazar da Nóbrega	02/05/2012
Vanderlei Barcelos de Souza	12/09/2011

Carlos Roberto Paiva - 16/12/2009 - por José Ricardo Ramalho, Paulo Roberto Alves e Eduardo Ângelo.